UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
PROGRAMA DE POS-GRADUAÇÃO DE GEOGRAFIA HUMANA

**SANTANA DO ACARAÚ-CE: O ACERVO ARQUITETÔNICO COMO
PATRIMÔNIO DO LUGAR**

ANTONIO MARCIELYO FONTELES VITAL

SÃO PAULO – SP
2017

ANTONIO MARCIELYO FONTELES VITAL

**SANTANA DO ACARAÚ-CE: O ACERVO ARQUITETÔNICO COMO
PATRIMÔNIO DO LUGAR**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana, do Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para obtenção do título de Mestre em Geografia.

**Orientador: Prof. Dr. Francisco Capuano
Scarlato**

SÃO PAULO – SP

2017

**SANTANA DO ACARAÚ-CE: O ACERVO ARQUITETÔNICO COMO
PATRIMÔNIO DO LUGAR**

ANTONIO MARCIÉLYO FONTELES VITAL

ORIENTADOR PROF. DR. FRANCISCO CAPUANO ESCARLATO

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof.
(Orientador)

Prof.
1º Examinador

Prof^ª.
2º Examinador

Prof^ª.
3º Examinador

Aprovada em: ____/____/____.

A minha mãe, **Marinez**, que é motivo de todos meus esforços.

Ao meu pai, **Auricélio**, (*in memóriam*) que sempre comemorou minhas conquistas.

Aos meus irmãos, **Júnior e Maurílio**, que sempre estão prontos nos momentos de
dificuldades.

As minhas sobrinhas, **Elisa, Marília, Vitória e Maria Tereza**, que são motivo de muito
orgulho.

As amigas, **Gil e Jacqueline**, que foram força e ação.

Aos **amigos e amigas**, que compartilham juntos a mim, de minhas vitórias e conquistas.

Enfim, a todos os **santanenses** de boa índole.

AGRADECIMENTOS

Ao professor **Scarlato**, professor, orientador e amigo, que acreditou que eu seria capaz e não deixou que eu desistisse. Obrigado MESTRE;

À professora **Gil**, “mana” pelo convite para ir a Fortaleza, pela significativa colaboração em todas as etapas da pesquisa e por ter acreditado que um sonho fosse transformado em realidade;

Ao **Leandro Costa**, que se revelou no momento da pesquisa uma pessoa fundamental no processo de preservação da história de Santana do Acaraú.

Aos colaboradores e conterrâneos **Conceição Tomaz, Audifax Rios (in memóriam), Rosa Ramiro, Ivna Holanda, Pe. Agnaldo, Batista Espírito Santo**, pelos relatos importantes sobre a história de Santana;

Aos **Jovens e Idosos** entrevistados, que representaram Santana no momento da pesquisa;

Aos professores, **Scarlato, Inêz e Rita Ariza, Simone Scifoni**, que contribuíram de forma significativa para meu amadurecimento intelectual;

Ao **Memorial Pe. Arakén** na pessoa de **Leandro Costa e D. Conceição Tomaz**, que disponibilizaram sem restrições seus acervos históricos;

À **Deus**, que nunca larga minha mão.

Eternidade

*São nas ruínas
De homens e coisas
Que vislumbro a eternidade.
Sempre haverá
Dias e rugas...
Tempo e idade...
Envelhecer é a sina de tudo,
E eu que nada sou
Desço a montanha
Bem acompanhado.
São nas ruínas
Que vislumbro o que foi.
Mas as coisas e seres envelhecidos
São muitas vezes
Mais do que foram.
São nas ruínas
De coisas e homens
Que vislumbro a eternidade.*

Carlos Henrique Rangel

RESUMO

A pesquisa intitulada “**Santana do Acaraú: o acervo arquitetônico como patrimônio do lugar**” buscou refletir a compreensão do espaço vivido alimentado pela memória e lembranças dos habitantes. Considerando os laços afetivos construídos com/no lugar como identidade das pessoas que moram na cidade. A relevância da pesquisa deve-se ao fato de contribuir para análise das políticas de preservação e conservação de um acervo arquitetônico que pode ser considerado como patrimônio da cidade de Santana do Acaraú, especificamente aqueles localizados no bairro Centro, onde estão mais representados. Contudo, o referido acervo não se encontra protegido seja por lei ou por ações de manutenção e/ou conservação que merecem as edificações antigas. Embora, a população santanense tenha reagido às transformações e as novas construções arquitetônicas, frente ao modernismo e às novas instalações. Mesmo assim, a problemática é provocada pela ausência de políticas e de ações na cidade que assegurem a preservação do acervo arquitetônico, que lamentavelmente, tem sido deteriorado pela ação do tempo, pelo descaso do poder público, pela falta de especialista em restauração e pela ausência da sociedade civil em reconhecer o acervo como parte da identidade e da história do lugar. Como referencial teórico partiu-se da compreensão de Tuan (1983) sobre espaço e lugar entendidos como familiar e que indicam experiências comuns; Bosi (1994) que explica o conceito de memória como reserva das nossas experiências acumuladas; e patrimônio com base em Choay (2006) que entende como expressão do usufruto de uma comunidade que se ampliou a dimensões planetárias, constituída pela acumulação contínua de uma diversidade de objetos que se congregam pelo seu passado comum. Para reconstituir a memória do acervo arquitetônico procedeu-se com uso da história oral através de entrevistas estruturadas e semi-estruturadas e posteriormente usadas como narrativas gravadas em meio digital sonoro e legitimadas pelos entrevistados. Além das várias consultas como: Prefeitura Municipal de Santana do Acaraú; IBGE; trabalho de campo para os registros fotográficos; arquivos pessoais dos moradores da cidade; trabalho de campo para elaboração de mapas temáticos e informações diversas aos entrevistados vistos como colaboradores da pesquisa. Apesar de ser recente a iniciativa de tombamento às edificações antigas na cidade, se entendeu que os lugares também estão sujeitos à dinâmica, as trocas de experiências, aos novos valores, de receber pessoas de outros lugares e assim, à cidade continuará a construir novas realidades, sem que com isso, seja necessário destruir totalmente seu passado, sua história, seus laços afetivos construídos no lugar.

Palavras-chave: Espaço vivido. Patrimônio. Lugar. Santana do Acaraú. Memória.

RESUMEN

La investigación titulada "**Santana do Acaraú: el acervo arquitectónico como patrimonio del lugar**" buscó reflejar la comprensión del espacio vivido alimentado por la memoria y los recuerdos de los habitantes. Considerando los lazos afectivos construidos con / en el lugar como identidad de las personas que viven en la ciudad. La relevancia de la investigación se debe al hecho de contribuir al análisis de las políticas de preservación y conservación de un acervo arquitectónico que puede ser considerado como patrimonio de la ciudad de Santana do Acaraú, específicamente aquellos ubicados en el barrio Centro, donde están más representados. Sin embargo, dicho acervo no está protegido por ley o por acciones de mantenimiento y / o conservación que merecen las edificaciones antiguas. Aunque la población santana ha reaccionado a las transformaciones y las nuevas construcciones arquitectónicas, frente al modernismo y las nuevas instalaciones. Sin embargo, la problemática es provocada por la ausencia de políticas y acciones en la ciudad que aseguran la preservación del acervo arquitectónico, que lamentablemente, ha sido deteriorado por la acción del tiempo, por el descuido del poder público, por la falta de especialista en restauración y por la ausencia de la sociedad civil en reconocer el acervo como parte de la identidad y la historia del lugar. Como referencial teórico se partió de la comprensión de Tuan (1983) sobre espacio y lugar entendidos como familiar y que indican experiencias comunes; Bosi (1994) que explica el concepto de memoria como reserva de nuestras experiencias acumuladas; Y el patrimonio basado en Choay (2006) que entiende como expresión del usufructo de una comunidad que se ha ampliado a dimensiones planetarias, constituida por la acumulación continua de una diversidad de objetos que se congregan por su pasado común. Para reconstituir la memoria del acervo arquitectónico se procedió con uso de la historia oral a través de entrevistas estructuradas y semiestructuradas y posteriormente usadas como narrativas grabadas en medio digital sonoro y legitimadas por los entrevistados. Además de las diversas consultas como: Ayuntamiento Municipal de Santana do Acaraú; Trabajo de campo para los registros fotográficos; Archivos personales de los residentes de la ciudad; Trabajo de campo para la elaboración de mapas temáticos e informaciones diversas a los entrevistados vistos como colaboradores de la investigación. A pesar de ser reciente la iniciativa de tumbado a las edificaciones antiguas en la ciudad, se entendió que los lugares también están sujetos a la dinámica, los intercambios de experiencias, a los nuevos valores, de recibir personas de otros lugares y así, a la ciudad continuará construyendo nuevas realidades Sin que con ello, sea necesario destruir totalmente su pasado, su historia, sus lazos afectivos construidos en el lugar.

Palabras clave: Espacio vivido. Patrimonio. Lugar. Santana del Acaraú. Memoria.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABNT	Associação Brasileira de Normas Técnicas
COEPA	Conselho Estadual de Preservação do Patrimônio Cultural
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
INEP	Instituto Nacional Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira
IPEA	Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico Artístico e Nacional
IPECE	Instituto de Pesquisas e Estratégia Econômica do Estado do Ceará
PNE	Plano Nacional de Educação
SNC	Sistema Nacional de Cultura
SNIIC	Sistema Nacional de Informações e Indicadores Culturais
SPHAN	Serviço do Patrimônio histórico e Artístico Nacional
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 01 - Mapa de localização de Santana do Acaraú	13
Figura 02 - A redução fenomenológica da investigação da pesquisa.....	34
Figura 03 - Quadro da Contribuição francesa para Geografia Cultural	37
Figura 04 - Igreja Nossa Senhora Sant'Ana	46
Figura 05 - Planta da cidade de Santana do Acaraú, 1930	52
Figura 06 - Ponte lagoa da caridade	52
Figura 07 - Largo Coronel Manoel Joaquim, década de 1930	53
Figura 08 - Divisão da Cidade em Bairros	54
Figura 09 - Procissão Congresso Eucarístico 1948	58
Figura 10 - Passeata política década de 1960	58
Figura 11 - Igreja Nossa Senhora Sant'Ana 2016	61
Figura 12 - Igreja São João Batista 2015.....	64
Figura 13 - Sobrado Pe. Arakén	66
Figura 14 - Sobrado Jaburu – 2015	69
Figura 15 - Sobrado Jaburu – 2015	69
Figura 16 - Patronato Sant'Ana	71
Figura 17 - Patronato Sant'Ana	71
Figura 18 - Praça Pe. Antonio Tomaz – Busto	72
Figura 19 - Praça Pe. Antonio Tomaz – Radiadora.....	72
Figura 20 - Cadeia Pública Santana do Acaraú – Início do Século XX	74
Figura 21 - Praça Pe. Antonio Tomaz e ao fundo Bairro São João	77
Figura 22 - Casa família Rios década de 1920	78
Figura 23 - Casa família Rios ano de 2015	78
Figura 24 - Casa família Tomaz década de 1920	78
Figura 25 - Casa família Tomaz 2015	78
Figura 26 - Fachada de Escola Fada Madrinha 2015	79
Figura 27 - Parte da Casa da Caridade demolida.....	84
Figura 28 - Educandário Santanense, década de 1920.	85
Figura 29 - Mapa da área patrimonial de Santana do Acaraú	88

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
 1 A COMPREENSÃO DA GEOGRAFIA CULTURAL A PARTIR DO ESPAÇO VIVIDO	29
1.1 Apreensão Fenomenológica do Espaço Vivido.....	29
1.2 Diversas Concepções da Geografia Cultural	35
1.3 Paisagem Cultural: Patrimônio; Conceitos e Discussões	39
 2 A GEOGRAFIA DO LUGAR: SANTANA DO ACARAÚ – CEARÁ.....	44
2.1 Santana do Acaraú na Região do Vale do Acaraú.....	44
2.2 Da Condição de Vila à Categoria de Município.....	49
2.3 A Herança das Edificações	59
2.3.1 A Capela Sant’Anna do Olho D’Água – 1739	61
2.3.2 Igreja São João Batista – 1871	63
2.3.3 Casa grande: O sobrado Padre Arakén.....	66
2.3.4 Casa Grande: O Sobrado Jaburu.....	69
2.3.5 Patronato Sant’Ana.....	71
2.3.6 Praça Padre Antonio Tomaz.....	72
2.3.7 Cadeia Pública	74
 3 O ESPAÇO NOSSO DE CADA DIA: PATRIMÔNIO, MEMÓRIA E PERMANÊNCIA.....	76
3.1 O Centro da Cidade: O Lugar das Permanências e Memória.....	76
3.2 As Transformações do Espaço Urbano: Problemas na Conservação do Patrimônio	82
3.3 Urbanização e a Preservação do Patrimônio Edificado.....	88
 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	96
 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	101
APÊNDICES	
ANEXOS	

INTRODUÇÃO

A pesquisa consistiu em analisar o Patrimônio Arquitetônico da cidade de Santana do Acaraú – CE, através da compreensão do espaço vivido alimentado pela memória e lembranças dos habitantes do lugar. Assim, compreendeu-se a relação da identidade que os habitantes mantêm com os espaços da cidade. A relevância dessa pesquisa deve-se ao fato de contribuir com análise das políticas de preservação do patrimônio, visto que não há uma participação coletiva no desaparecimento das edificações antigas e as transformações arquitetônicas recentes, que ocorrem na cidade, motivadas pela modernização e mesmo pelo surgimento de novos ambientes construídos, aos quais não tem sido dada a devida importância à preservação das antigas edificações.

A pesquisa apresenta como problemática a ausência de políticas públicas e de ações na cidade que assegurem a preservação do acervo arquitetônico existente, em que lamentavelmente, tem se deteriorado pela ação do tempo, pelo descaso do poder público, pela falta de especialista em restauração e pela ausência da sociedade civil em reconhecer o acervo como parte da identidade e da vivência do lugar. Em consequência parte desse acervo, ora está abandonado ou sujeito à demolição, como foram os casos da Casa da Caridade construída em 1878 pela Igreja Católica, com a finalidade de abrigar órfãos oriundos de famílias pobres, que fazia parte de outras seis construções com o mesmo fim, construídas em outras cidades da zona Norte do estado do Ceará e de outras casas ou casarões de moradia construídos em séculos passados.

Diante dos fatos que vem sendo acompanhado na cidade, nos fez levantar a seguinte questão: Como considerar importante a preservação das edificações antigas, vistas como patrimônio cultural, mas que não foram tombados ou protegidos por lei, frente ao modernismo das novas construções na cidade de Santana do Acaraú? Como responder a dinâmica do espaço vivido advindas dos processos sociais, políticos e econômicos sem com isso, não tenha que destruir totalmente os testemunhos do passado?

Desse modo, a pesquisa nasceu da necessidade de preservar sentimentos de pertencimento dos atuais habitantes da cidade de Santana do Acaraú – CE, assim como mapear e trilhar os vínculos de significação existentes entre os habitantes da cidade e sua arquitetura cultural. E privilegiar dessa forma, os lugares como possibilitadores de trocas de

experiências entre os moradores e a cidade, da mesma forma que permita o contato do capital econômico com a realidade social local.

Há uma vasta literatura que tem falado sobre a preservação do Patrimônio Cultural, não apenas na academia, como também em outras esferas. É comum o surgimento de programas incentivados pelo poder público e privado voltados a ações que visam à proteção e à continuidade da preservação do patrimônio, seja material ou imaterial. No entanto, ao que assistimos vem a ser uma ausência de ações protecionistas quando o assunto é a modificação ou mesmo a destruição do patrimônio arquitetônico da cidade.

O Patrimônio encontra-se, dessa forma, inserido em um emaranhado de sentimentos e valores sociais que são construídos a partir das experiências vivenciadas por seus usuários. Estes, em contato com o espaço, que é moldado afetivamente pelas relações espaço/homem, são levados a absorver as sensibilidades que assumem a forma de representações, imagéticas e até imaginárias. Estas representações vão além da objetividade, constituem-se em espaço de uso comum, onde não existem diferenças sociais nem mesmo períodos históricos distintos; tudo converge para uma única direção, qual seja, o fortalecimento do sentido de pertencimento, a construção e a defesa da identidade.

Segundo Paoli (1992), falar em patrimônio deveria imediatamente evocar as múltiplas relações existentes entre cultura e memória, ressaltando que ambas são significativas em suas diversidades. Pensar sobre o espaço da cidade de Santana do Acaraú, é pensar na sua constituição como patrimônio para seus habitantes, que instituíram relações com as ruas da cidade, e com a arquitetura do casario.

Situações como essas são corriqueiras, não apenas nas cidades do interior do País ou do Estado, mas acontecem, também, nas grandes cidades. Em Santana do Acaraú, essa realidade torna-se uma problemática no momento em que o espaço urbano é alterado, na maior parte das vezes por ação de particulares. Nesse sentido, os santanenses vão construindo uma relação entre patrimônio, memória e identidade social.

A pesquisa elegeu como *locus* a cidade de Santana do Acaraú, que fica localizada na zona fisiográfica do litoral (micro região 56 do baixo Acaraú), no Estado do Ceará, banhada pelo Rio Acaraú, situada à margem direita. Distante da capital do Estado, Fortaleza, a 229 km. A população estimada de 28.944 habitantes, distribuída numa extensão territorial de 1.017,70 km (IBGE, 2010).

Figura 01 - Mapa de localização de Santana do Acaraú.

Fonte: Própria.

É considerada uma das cidades mais antigas da Região Norte do Estado do Ceará. O surgimento como povoado data de 1842, quando ainda pertencia à Região de Acaraú, sob controle administrativo do município de Sobral que reunia pequenos povoados, vilas, distritos e cidades. O município Santana do Acaraú obteve sua emancipação em 1876 (ALVES, 2011).

O período de formação da cidade é marcado pelo registro de edificações arquitetônicas que contam os diferentes contextos pretéritos, percebidos na configuração da paisagem. Assim, considerou-se como escala temporal o período que antecede a emancipação do município, até a contemporaneidade, visto que as edificações arquitetônicas fazem parte de todo o processo de ocupação, iniciado no século XIX.

O urbanismo foi empregado no Ceará como forma de manutenção do espaço, em privilégio do desenvolvimento material dos homens e de acordo com suas necessidades sociais. No interior cearense, Santana do Acaraú, emerge como uma dessas cidades espontâneas, às margens do rio Acaraú e circundada por extensa vegetação que possibilitou a criação de bovinos. O desenvolvimento da cidade está ligado aos fatores geográficos da região e ao período colonial.

Observa-se que quando o patrimônio da cidade é alterado, ele deixa lacunas, que vão a cada dia enfraquecendo as relações dos habitantes com o espaço vivido, dando margem à indiferença entre os mais jovens e deixando saudades naqueles que viveram e construíram sua identidade e suas memórias em torno da herança patrimonial deixada por seus antepassados, construída por si, fortalecida por relações sensíveis, instituídas silenciosamente num jogo de experiências e vivências.

Para análise da cidade de Santana do Acaraú, partiu-se da compreensão de espaço vivido, baseado nas filosofias do significado, em especial, a fenomenologia, que busca analisar como o dado objetivo é apreendido pela consciência e como a objetividade pura pode ser investigada no momento em que ela se manifesta, após a neutralização de qualquer posição empírica.

Desse modo, trata-se de analisar a forma como a população de Santana do Acaraú se relaciona com o acervo arquitetônico da cidade, e em que momento esse conteúdo (materialização e convivência) se manifesta na experiência das diferentes faixas etárias da população. Assim, “qual seja o sentido imanente das experiências vivenciais como o fato de perceber, lembrar e assim por diante; porém, para fazer isso é necessária a redução, isto é, o desvio da atenção sobre os atos – de perceber, lembrar, etc. – próprios do sujeito” (BELLO, 2000, p.47)

Os atos de perceber e lembrar faz da memória do sujeito revelar ações diferenciadas quanto ao uso da cidade, que pode ser percebido de maneira ampla pela variedade de atitudes e valores relacionados com o lugar. Assim, com base em Tuan (1983) o enfoque para “espaço” e “lugar” como elementos do meio ambiente, intimamente relacionados, são vistos como termos familiares que indicam experiências comuns.

Pensar tempo e o lugar como componentes básicos do mundo vivo, quando eles podem assumir significados não esperados e até levantar questões que não foram formuladas. Ainda, segundo Tuan (1983, p.03) “quando se faz esta pergunta, o cientista social é tentado a ver a cultura como um fator explicativo. A cultura é desenvolvida unicamente pelos seres humanos”. Desse modo, percebe-se que a cultura influencia intensamente o comportamento e os valores humanos.

Assim, deve-se buscar a natureza da experiência numa perspectiva experiencial, pois nos explica que a experiência é um termo que abrange as diferentes maneiras através das quais uma pessoa conhece e constrói a realidade. A experiência está voltada para o mundo

exterior. Todo e qualquer sentimento é, sem dúvida, intencional fruto do mundo externo que se internaliza através do sentimento por alguma coisa, seja ela amável ou odiosa (TUAN, 1983).

Toda afirmação sobre dados concretos deve basear-se na experiência, como nos mostra um dos princípios absoluto que “toda visão originalmente oferente é uma fonte legítima de conhecimento”(HEIDEGGER, 2002, p. 23), isto é, tudo aquilo que se apresenta originalmente na intuição (os casarões antigos de Santana do Acaraú) deve ser aceito tal como se apresenta.

A experiência implica na capacidade de aprender a partir da própria vivência. Experimentar é aprender, que significa atuar sobre o dado e criar a partir dele. “O dado não pode ser conhecido em sua essência. O que pode ser conhecido é uma realidade que é um constructo da experiência, uma criação de sentimento e pensamento”. (TUAN, 1983, p. 10).

Desse modo, entende-se que o espaço experienciado é aquele onde o sujeito pode se mover quando há lugar. Ainda mais, mudando de um lugar para outro, a pessoa adquire um sentimento de direção. Quando os moradores de Santana do Acaraú passam a estabelecer referências de objetos que estão à frente, atrás e dos lados, são diferenciados pela experiência, isto é, conhecidos subconscientemente no ato de movimentar-se no centro da cidade. O espaço assume uma organização coordenada rudimentar, centrada no eu, que se move e se direciona diariamente.

Compreender o lugar como um tipo de objeto. No sentido de definir, atribuir ao espaço uma personalidade geométrica. Em consonância com Tuan (1983) o sentimento de um novo morador, no bairro é a princípio, uma confusão de imagens. Como se “lá fora” fosse um espaço embaçado. Aprender a conhecer o bairro exige a identificação de locais dentro do espaço do próprio bairro.

Pensar os objetos e lugares como núcleos de valores que foram adquiridos pela experiência vivida. Assim, espaço e tempo afloram também em nosso subconsciente. O fato de termos um sentido de espaço é devido à capacidade que temos em nos mover e de tempo, porque, como seres biológicos passamos fases recorrentes de tensão e calma.

Espaço e o tempo são como dimensões separadas e como medidas transponíveis da mesma experiência. A eternidade é outra qualidade dos lugares distantes. A imagem do tempo

como pêndulo oscilante ou como órbita circular deu lugar à imagem do tempo como flecha. O espaço e o tempo ganharam subjetividade ao serem orientados para o homem. (TUAN, 1983)

Em Santana do Acaraú, como não poderia ser diferente o “aqui” é percebido por seus habitantes, quando se sentem incomodados com a modificação e a destruição de edificações que fazem parte da história local. Eles são, muitas vezes, conscientes da importância de preservar o seu patrimônio, para que gerações futuras tenham oportunidade de conhecer suas raízes, seu lugar.

Aflora aí um sentimento de pertencimento, onde cada monumento, prédio histórico, praça, hábito cultural, são vistos como parte da história individual de cada habitante. “Os lugares íntimos são lugares onde encontramos carinho, onde nossas necessidades fundamentais são consideradas e merecem atenção sem espalhafato”. (TUAN, 1983, p. 152).

As experiências íntimas são difíceis de expressar, mas o que percebemos em Santana do Acaraú é que essas experiências fazem parte do sentimento de uma grande parte da população. Um simples sorriso ou contato pode alertar nossa consciência sobre um momento importante. À medida que estes gestos podem ser observados, eles são públicos. [...]. Carecem da firmeza e objetividade de palavras e imagens. (TUAN, 1983, p. 152)

A memória às vezes não respeitada deixa de contribuir com o registro do tempo vivido de muitas cidades. Para Tuan (1983, p.154) “os velhos casais estão presos ao lugar, mas estão na verdade presos às pessoas, aos recursos da comunidade e um ao outro”. Pensar a cidade natal como um lugar íntimo, amá-la e orgulhar-se da pequena cidade do interior, localizada no semiárido nordestino, na zona norte do Estado do Ceará, é sem dúvida a maior característica dos santanenses que não medem esforços para defender sua terra, sua gente, não aceitando que estranhos ou mesmo alguns populares menos conscientes deturpem a imagem cultural da cidade.

Para análise descritiva do espaço vivido dos santanenses, nos reportamos à compreensão de cultura primeiramente, no seu sentido estrito, cuja palavra “designa o conjunto de conhecimentos que uma sociedade transmite e valoriza. Em particular, os que se referem ao passado da humanidade (sua história, suas crenças, suas obras)” (COMTE-SPONVILLE, 2003, p. 135). Então, a cultura é para nós esse conjunto de conhecimentos que se adquire e se transmite. Manifestados, sobretudo em nossas ações no espaço vivido.

A palavra cultura no seu sentido lato, que atualmente, é predominante nas ciências humanas, sofreu influência do idioma alemão *kultur*. Hoje, se tornou sinônimo de civilização. A cultura pode ser traduzida como tudo aquilo que é produzido ou transformado pela humanidade, ao contrário de natureza.

A cultura, como tudo que é produzido ou transformado pela humanidade, independentemente do tempo em que ocorre, revela-se através de seus modos ou comportamentos herdados ou adquiridos no presente. Então, é possível afirmar que a cultura da cidade de Santana do Acaraú é fruto do passado e do presente. A cultura está em movimento no tempo e no espaço. Saber o que se deve preservar é a grande questão. Porque isso implica em valores e ideologias dominantes que vão caracterizar ou modelar a cidade conforme uma tendência hegemônica.

Dessa forma, vivemos no contexto da idade das massas e das mídias que sofreram transformações como afirma Claval (2007) em que a modernização na qual a sociedade internacional está empenhada desde o final da Segunda Guerra Mundial. A obra de modernização é contrariada pela mutação qualitativa da cultura resultante das novas formas assumidas pela transmissão. Essas novas formas de transmissão são representadas pelo cinema, rádio e a televisão que criaram as condições de transferências de massas.

Acredita-se que o sentido de uma cultura local, com suas especificidades muda totalmente. Mas, a cultura no seu sentido estrito, configura-se com as novas técnicas criadas e transmitidas que estão presentes no cotidiano com o uso da televisão, vídeos (filmes), *games*, celulares, computadores, *internet*, antenas etc. A partir da realidade espacial e das relações que são construídas entre os habitantes e as novas formas de expressão cultural advindas da idade das massas e das mídias há uma preocupação quanto à nova identidade, principalmente dos jovens, frente às heranças culturais que marcam outros contextos do acervo cultural da cidade.

Preservar as características que foram herdadas torna-se uma silenciosa inquietação, porque as fontes locais de autoridade foram desvalorizadas pelas novas técnicas produtoras de lugares artificializados, no sentido da identidade. Onde, em parte, ninguém pode perceber outro valor além da preocupação de poder dos comandatários e a eficiência das técnicas criadas pelos engenheiros ou arquitetos para cidade (CLAVALL, 2007).

Entende-se que cultura é um conceito de difícil definição, pois o termo cultura vem sendo pensado desde a antigüidade, quando os homens se preocupavam com a diversidade de

modos e comportamentos existentes entre os diferentes povos, e foram comuns as tentativas de explicar tais diferenças a partir das variações dos ambientes físicos. (GEERTZ, 1989)

E possível e comum existir uma grande diversidade cultural em um mesmo lugar. O que é percebido através da variedade de relações existentes entre a identidade e o espaço, ou seja, as relações constituídas entre os habitantes e o seu lugar. Há uma diversidade a partir do momento em que se pensa sobre que sentidos das relações, vêm a contribuir para o fortalecimento da identidade local ou mesmo se estão sendo construídas por meio de interesses econômicos (LARAI, 2001).

Goff (1998) ajuda a compreender sua forma de pensar a cidade ao indagar, em sua obra, os significados da cidade para os habitantes ou os cidadãos como assim, os denominam, sendo bastante pertinentes em nosso presente. A cidade no passado era vista como sinônimo de sociabilidade, enquanto que hoje: a cidade deve ser considerada como sinônimo de individualismo e ou de anonimato? Na idade média, havia um orgulho da cidade. Percebido tanto pelos burgueses, que conseguem conservar seu poder sobre ela, como pelos soberanos que sonham em imprimir sua marca.

Segundo o autor, uma das formas de perceber, o orgulho dos cidadãos, são os testamentos dos mortos, ao expressar do mesmo modo, altos preços dos terrenos e dos imóveis construídos no interior das muralhas. Então, a cidade imprime ações que a diferencia de outros espaços, sendo relacionada como o lugar da educação, da cultura, dos bons costumes, da elegância. Ao contrário do campo, a idade média herda da antiguidade latina, e reforça, esse menosprezo pelo campo, traduzido como lugar dos bárbaros e rústicos (GOFF, 1998).

A cidade, nessa perspectiva, se opõe ao campo, enquanto a cidade pode ser vista como lugar de civilização, o campo, como lugar de rusticidade. Esse orgulho do urbano é feito da imbricação entre a cidade real e a cidade imaginada, sonhada por seus habitantes e por aqueles que trazem a luz, detentores de poder e artista (GOFF, 1998). Pensar o espaço da cidade como referência desse orgulho, que se traduz na instalação dos equipamentos de serviços, lazer, e, sobretudo a sede das edificações religiosas, marca expressiva no espaço de Santana do Acaraú.

É interessante se reportar à etimologia de urbanidade que vem do latim *urbs*, polidez, da polis grega. A cidade como espaço da concentração de pessoas e serviços que traz como uma de suas características a sua urbanidade. Para Goff (1998) a urbanidade difere de

urbano, pois essa sociabilidade advinda do prazer de estar com o outro, é que estabelece em definitivo a diferença entre ambos.

Nos tempos atuais a cidade escapa às definições tradicionais. Contudo, pode ser elevada ao pedestal de patrimônio. Na verdade, o exercício de observar as ruas da cidade de Santana do Acaraú nos leva a perceber que o passado se esquia àquilo que lhe pede o presente. A mudança impõe construção e destruição no espaço da cidade.

A cidade como espaço de constante mudança, onde o novo se faz presente de forma mais expressiva, passado e presente estão representados à medida que essa consciência da memória se faz resistente. Mas, não dominante. Uma forma de entender a cidade é pensá-la como lugar de trocas sendo elas materiais que tornam “o lugar mais favorável à distribuição dos produtos da terra, à produção e distribuição dos produtos manufaturados e industriais e, enfim, ao consumo dos bens e serviços os mais diversos” (SCARLATO, 2008, p.398).

A cidade de Santana do Acaraú apresenta as mesmas características ao reunir no seu espaço o poder administrativo, assim como, as relações comerciais e serviços variados, estão concentrados em torno de seu centro, com a mesma tendência de outras tantas cidades brasileiras, com crescimento contínuo da população no espaço urbano das cidades, enquanto, que a população rural decresce.

A cidade, além de suas dimensões matemáticas e arquitetônicas, estava presente nas obras dos grandes filósofos da Antiguidade. Platão e Aristóteles, assim como Hipodamo de Mileto, colocavam como alvo de preocupações o destino do homem. Para os filósofos, qualquer desequilíbrio na estrutura da cidade significaria perigo para a unidade e organização da sociedade (SCARLATO, 2008).

No período medieval, há uma forte caracterização pela arquitetura religiosa sob influência romana, no começo. Naquele momento, o conhecimento construtivo era guardado pelas corporações de ofícios que reúnem dezenas de mestre de obras. Ainda não havia a figura do arquiteto.

Nos séculos XVII e XVIII os estilos arquitetônicos eram variados com características barroca, rococó e neoclássica. O Brasil herda essa cultura ocidental, como pode ser observada nas cidades brasileira. Em Santana do Acaraú prevalece o estilo de origem colonial, herdado no período de colonização do Brasil. No Ceará, esse processo inicia-se a partir do século XVIII. Arquitetura do estilo colonial, presente onde essas edificações vão tomar uma maior

representação dada as atividades produtivas que exerce, pois a cidade é o espaço da aglomeração permanente, cujas atividades, em grande parte, concentram-se nas atividades terciárias públicas e privadas do aglomerado e da forma contínua dos espaços edificados onde se dá a proximidade das habitações.

A cidade como espaço edificado, representa uma massa compacta de habitações. Assim, a cidade cria tipos de serviços que somente as formas de organização pública são capazes de administrar. Desta maneira, a cidade torna-se o centro da vida política da sociedade. A normatização desses espaços nasce com o Estado. Na contemporaneidade, é responsável pelo planejamento e regulamentação.

Pensar a cidade para seus habitantes é um dos pressupostos que deve conter qualquer proposta de planejamento. É preciso torná-la especial para os indivíduos e consequentemente conferindo-lhe maior significado. A Geografia, conforme a influência teórica ficou indiferente aos aspectos subjetivos no estudo do espaço urbano. Isto é, a maneira das pessoas viver, de sentir e perceber a paisagem.

Assim, não se pode deixar de lado, as representações simbólicas desempenhadas pelo espaço no cotidiano e na vida daqueles que o habitam, tais como o significado de morar em uma casa, rua, bairro ou cidade e as relações de identidade que se estabelecem entre o morador e seu lar. Desse modo, a fenomenologia é concebida como possibilidade de valorizar a compreensão ou a maneira como o indivíduo percebe a realidade, e não somente a explicação ou as relações de causa e efeito entre as coisas (SCARLATO, 2008).

A estratégia adotada para identificar, na cidade de Santana do Acaraú, as edificações arquitetônicas, levou em consideração suas características construtivas, históricas, as referências urbanísticas e paisagísticas e o fato de constituírem indicadores dos processos econômicos e da evolução e transformação do espaço, onde igrejas, praças, casarões, singelas casas de colonos, fazendas, etc., adquirem valor, principalmente porque testemunham e refletem os saberes locais.

As discussões acerca da proteção do patrimônio cultural e natural só tornaram-se universais a partir da década de 1970, com a proteção do Patrimônio Mundial, Cultural e Natural, pela UNESCO, que se transformou num instrumento jurídico internacional impondo aos Estados a obrigação de salvaguardar bens como monumentos, conjuntos e sítios, detentores de valores universais.

Os aspectos normativos da legislação brasileira deixam transparecer sua compreensão, quanto ao nosso legado em preservar o conjunto de bens materiais e imateriais deixado por nossos antepassados e a preocupação futura de serem transmitidos aos nossos descendentes. Assim como compreende o patrimônio, em seus novos conteúdos, funções, significados e interpretações e de acordo com as realidades socioculturais.

É importante nos reportar à Lei nº. 12.343 (02/12/2010) que instituiu o Plano Nacional de Cultura (PNC) e criou o Sistema Nacional de Informações e Indicadores Culturais (SNIIC). Observa-se esta competência do poder público nas diretrizes, estratégias e ações do Plano Nacional de Cultura. Contudo, ainda não se tem na prática o resguardo das ações. Mas, considera-se um avanço político que exista um instrumento normativo que ampara tais ações. Embora os aspectos científico e cultural não estejam claros para sociedade, pois se traduzem em compreender a função educativa e têm como objetivo estudar o passado e as origens da sociedade.

O aspecto social do Patrimônio como bem comum e pensar o Estado como articulador do acesso a esses bens, exercendo a função de proteger, resguardar e conservar. Cabe à sociedade compartilhar dessa responsabilidade. E nos aspectos, científico e cultural os monumentos, como testemunhas podem ser encontrados dispersos pelas cidades, no entanto, vêm desaparecendo desses espaços face à disputa movida pelo mercado de consumo. Os monumentos nem sempre assumem seus papéis de testemunha da memória, e em decorrência disso, as perdas materiais e imateriais acabam sendo irreparáveis tanto no que se refere aos tecidos urbanos quanto à memória.

Segundo Goff (1998), os monumentos assumem a forma de documentos, capazes de transmitir, tanto aos seus usuários diretos quanto aos observadores comuns, saberes e valores de épocas passadas. A destruição silenciosa desses documentos, simboliza, também, a perda de uma memória social e coletiva sobre a cidade e sua história.

No aspecto social, ao se entender essa dilapidação do patrimônio histórico das cidades e da memória de seus consumidores, deve-se levar em consideração que o espaço urbano, desde seu planejamento até sua organização, vem sendo obra da manipulação de interesses hegemônicos, que, no entanto, deveria sofrer a fiscalização do Estado. A ausência de ações eficazes por parte do Estado vem deixando a qualidade urbanística das cidades nas mãos de interesses pessoais e econômicos do mercado imobiliário. Afinal, somos cientes de que quando um dos lados, Estado ou Mercado, ausenta-se das suas funções, o outro se

beneficia, seja pela falta de limites ou mesmo de regras que intervenham nas modificações realizadas sobre os espaços transformados.

A conservação do patrimônio cultural – seja ele material ou imaterial – simboliza, em suas formas e expressões, a formação da identidade de um povo. Dessa forma, “preservar” simboliza dar continuidade a essas manifestações como testemunho do desenvolvimento desse povo, significa realizar a manutenção de seus referenciais identitários, permitindo-lhes que se expandam para o futuro. Os elos construídos entre os habitantes e os espaços permanecem além de fortalecer as experiências constituídas entre o espaço vivido e a imaginação de seus consumidores.

A valoração dos lugares tomados como ponto de partida para o mapeamento dessas memórias existentes entre o imaginário pessoal e o mundo externo torna possível o aprofundamento do significado dos acervos arquitetônicos para a população. Afinal, esses não devem ser tomados apenas por seu valor material, pois são permeados de sentimentos e percepções que devem ser levados em consideração quando se discute história, espaço e arquitetura.

As cidades partem do centro, as pessoas de seus espaços referenciais constituintes da sua identidade, os quais tomam a forma do início da sua história e de suas raízes de ligação com o mundo e com o espaço em que se encontram inseridas. Os consumidores do espaço, os que reagem às apropriações e transformações do centro e da transformação do acervo arquitetônico, nos revelam ‘histórias’ sobre a cidade, sobre o patrimônio, sobre os hábitos que resistiram ao tempo e que permanecem inseridos no dia-a-dia.

Para entender como o patrimônio arquitetônico da cidade fortaleceu e ajudou a construir o sentido de pertencimento espacial da cidade, foi necessário reconhecer que esse institui no indivíduo um elo sentimental com o patrimônio arquitetônico e cultural da cidade. A identidade não está posicionada apenas no espaço físico, sendo também compartilhada em outras instâncias do convívio social. E é justamente partindo desse conhecimento que se faz referência ao conceito de identidade de Norton (2000) e de Bradley (1996). Ambos proporcionam sobre a construção dos laços identitários em âmbito individual e particular.

A pesquisa contou com análise dos depoimentos dos cidadãos santanenses da cidade em questão, que se propuseram a fornecer sua visão de mundo a respeito de seu passado e presente. O recurso da oralidade foi utilizado como ferramenta primordial, estando o acesso a seus arquivos particulares totalmente vinculado a este recurso, posto que qualquer objeto

iluminado pelos entrevistados traga consigo significados muitos mais amplos e estabelecidos, permitindo-nos uma melhor apreensão desses valores simbólicos dados a imagens, sons, objetos etc.

Para tal procedimento, partiu-se de uma fenomenologia da memória, se buscou compreender como as pessoas percebem o espaço da cidade de Santana do Acaraú, seja pela lembrança, seja pela percepção que são conservadas no passado ou no presente contendo uma carga de experiência na vida do cidadão santanense.

Desta forma, vimos através dos habitantes da cidade, a possibilidade de serem os recordadores no presente, pois o ato de lembrar não se traduz em reviver, mas, de re-fazer a experiência vivida no lugar. Em consonância com Bosi (1994, p. 55) ao explicar que “na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado”. Pensar que a memória não é sonho é trabalho, por fazer parte do cotidiano de quem vivi à cidade.

A lembrança dos entrevistados ganhou uma dimensão importante na reconstituição de uma imagem coletiva da cidade de Santana do Acaraú, oriunda das conversas gravadas com as pessoas que tinham em comum a idade, e um espaço social dominante nas suas vidas: a cidade de Santana do Acaraú – CE.

O método de abordagem para chegar até as pessoas, levou-se em conta: a origem das pessoas (da própria cidade), os laços de amizade e confiança o que foram formados no cotidiano, a participação em eventos culturais da cidade e em exercer funções administrativas na Prefeitura Municipal. Dado a experiência que acumulei, levam-me a conhecer, em maior número, os habitantes da cidade.

Contudo, ainda ao reestabelecer esse vínculo que não se traduz apenas numa simpatia espontânea, mas também os elos que foram se desenvolvendo durante a pesquisa. Num primeiro momento, como fruto da própria origem do lugar e em segundo, de quem deseja compreender a importância da preservação do patrimônio através da própria vida que é revelada pelos depoimentos.

Assim, ao fazer o trajeto só da ida, por uma rua da cidade, isto é, quando a imagem que é armazenada no cérebro permanece seja, “parando” ou “durando”, Bosi (1994) afirma que não se trata mais de um esquema imagem-cérebro-ação. Mas, sim de um esquema

imagem-cérebro-representação, pois, o primeiro esquema é motor, enquanto o segundo é perceptivo.

Então, a percepção difere da ação, pela forma e como agem no espaço vivido, conforme Bergson (apud BOSI, 1994, p.45) “a percepção dispõe do espaço na exata proporção em que a ação dispõe do tempo”. A percepção como simples resultado de uma interação do ambiente com o sistema nervoso. Outro aspecto que entra no quadro perceptivo é a lembrança que integra as representações.

Conhecer o significado da expressão “lembrar-se”, em francês *de souvenir*, que significa um movimento de “vir” “de baixo”: *sous-venir*, vir à tona o que estava submerso. Assim, trazer à tona o passado combina-se com o processo corporal e presente da percepção (BOSI, 1994). Desse modo, a memória permite a relação do corpo presente com o passado e, ao mesmo tempo, interfere no processo “atual” das representações.

É possível identificar dois tipos de memória. Uma advinda da percepção pura e outra da memória. A primeira ocorre através das lembranças independentes de quaisquer hábitos seja por lembranças isoladas, singulares, que constituíram autênticas ressurreições do passado, enquanto, a segunda, chamada de memória-hábito é aquela que o passado conserva além de conservar, atua no presente, mas não de forma homogênea. Pode afirmar que a memória-hábito faz parte de todo o nosso adestramento cultural (BOSI, 1994).

É possível ainda esclarecer que a imagem-lembrança tem dado certo e pode se referir a uma situação definida, individualizada, ao passo que a memória-hábito já se incorporou às práticas do dia-a-dia. A memória-hábito parece trazer um só todo com a percepção do presente. Então, o ato da lembrança é uma forma de sobrevivência do passado. O passado, conservando-se no espírito de cada ser humano, aflora à consciência na forma de imagens-lembranças. Sendo que sua forma é pura imagem presente nos sonhos e nos devaneios. Nesse sentido, a memória na perspectiva filosófica está relacionada à intuição (BOSI, 1994).

Assim, o ato lembrar deixa de ter um caráter só pessoal, mas familiar, grupal, social, da memória. Pensar a lembrança como parte da história da pessoa e de seu mundo, enquanto vivenciada. Mesmo a memória individual depende das relações constituídas no grupo em que os memorialistas estão inseridos. Dessa forma, foi necessário compreender os caminhos trilhados por essas memórias frente à coletividade do espaço onde são gestadas. Para tornar possível entender como a identidade de um povo, de uma cidade, é estimulada pela constituição e fortalecimento da preservação do patrimônio, tanto material quanto imaterial.

Na busca de manter os testemunhos sobre o patrimônio cultural, referente à porção material e mesmo imaterial da cidade de Santana do Acaraú, essa pesquisa parte da estratégia dos lugares de memória, tanto privados, quanto públicos, e das políticas individuais e coletivas de manutenção e preservação da memória perpetuada e constituída a partir do patrimônio arquitetônico da cidade em estudo. Como referência das memórias tanto individuais quanto coletivas dos habitantes desse espaço, e que, por diversas razões, resistem à lógica do mercado imobiliário e mesmo da modernização da arquitetura e das estruturas espaciais do bairro Centro da cidade de Santana do Acaraú.

Para explorar a memória dos cidadãos santanense adotou-se como procedimento metodológico o uso da história oral, entendida como “um conjunto de procedimentos que se iniciam com a elaboração de um projeto e que continua com a definição de um grupo de pessoas a serem entrevistados”. (MEIHY, 2011, p.12). Este procedimento permitiu conhecer o espaço vivido dos moradores de Santana do Acaraú e sua relação com acervo arquitetônico ao fazer o uso da história oral. Permitindo um tratamento de uma documentação viva, através do uso de entrevista que requer, sobretudo, cuidados éticos e exige também o compromisso de relações pessoais.

Desse modo, se considerou como entrevistados aquelas pessoas que no “presente” vivenciam processos deflagrados no passado imediato ou remoto. Assim, pensou na continuidade e na compreensão da realidade por meio de experiências que chegam e atingem a todos que vivem na cidade (MEIHY, 2011). Um aspecto relevante no uso da história oral é que ela pode ser um meio de registro da expressão dos critérios de pertencimento que contribuem para a formação do cidadão. A entrevista tem a possibilidade de captar no lugar os testemunhos, opiniões, visões de mundo, portanto, vistas como vitais para a compreensão do relacionamento entre o passado e o presente em constante processo de mudanças.

Observou que o uso da entrevista ajuda o pesquisador a encontrar o “outro”, enquanto sujeito e dono de sua história retrçada com lógica do lugar e submetida às circunstâncias do tempo da entrevista (MEIHY, 2011). Desta forma, a entrevista é vista como um processo de colaboração em que o entrevistado assume o papel de colaborador da pesquisa que são aqueles nominados no corpo do texto da pesquisa. Assim, buscou-se valorizar o papel desempenhado pelos entrevistados no processo de investigação considerando como colaboradores.

Para adotar o registro da história oral, utilizou-se tanto a história oral instrumental como a história oral institucional. Sendo, a primeira considerada como a modalidade que serve de apoio ao cumprir sua função de registro, trabalho de captação das entrevistas e da passagem do oral para o escrito e de acordo com termo assinado pelo entrevistado, onde se descreveu a finalidade da pesquisa e o uso do conteúdo da entrevista como subsídios da análise da pesquisa de doutorado, cujo produto final será de domínio público (MEIHY, 2011).

A segunda, a história oral institucional teve como preocupação maior o registro documental que permitiu pensar o papel da instituição por meio de casos, trajetórias, caracterização de personalidades profissionais. Em nosso trabalho, buscou-se entrevistar personalidades profissionais representados pela Secretaria de Cultura, Igreja, profissionais liberais e aposentados.

O uso da história oral faz das entrevistas dados narrativos avaliados dos entrevistados, pensados como suporte de materiais a gravação e o texto produzido, escrito e autorizado para diferentes usos no corpo da pesquisa. As gravações foram feitas em meio digital sonoro que após a gravação foram transcritos e legitimados pelos entrevistados.

Para o registro dos entrevistados, identificamos com nome, idade e profissão sob orientação das Normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT, 2001).

Quanto à escolha dos entrevistados se deu diante de um critério que partiu de suas relações com o Patrimônio Cultural e Arquitetônico da cidade de Santana do Acaraú, e que se caracterizaram peculiarmente, durante a primeira etapa da pesquisa, ou seja, o trabalho de campo. São pessoas de destaque na cidade e que tem bastante propriedade para relatar parte da história de Santana do Acaraú.

Os entrevistados no processo de investigação são considerados como colaboradores da pesquisa como: Francisco Leandro Costa, um profissional enfermagem e Diretor do Memorial Padre Arakém, com idade 31 anos e de origem santanense; Agnaldo Temóteo da Silveira, ex-Padre da Igreja Nossa Senhora Santana, com idade 34 anos de origem do município de Groaíras; Audifax Rios, artista plástico e escritor, com 66 anos, santanense; Ivan de Holanda Pereira, professora universitária, de origem de Fortaleza; João Batista do Espírito Santo Justo, comerciante, 69 anos e santanense; e Maria da Conceição Tomaz, historiadora e santanense.

A idade dos entrevistados difere entre si, no entanto, são em maior parte de Santana do Acaraú, exerce atividades variadas ficaram livres para falar quanto a seus sentimentos e experiências, já que se encontram, na maior parte das vezes, livres de laços partidários ou de inserção em quadros funcionalistas públicos. A importância como entrevistados destaca-se pelas experiências e relações mantidas com o espaço da pesquisa da mesma forma com que constituem ou constituíram relações com o patrimônio histórico e arquitetônico da cidade, afinal são esses alguns dos fatores primordiais para a continuidade e permanência da preservação do patrimônio arquitetônico da cidade, que privilegia a proteção do patrimônio material.

A entrevista tem o papel importante no desenvolvimento do trabalho por assumir uma relação dialógica em que existem pelo menos duas partes envolvidas: seria quem contou a história ou testemunhou a convivência com acervo arquitetônico da cidade, e de quem comanda a pesquisa. Neste caso, em destaque o colaborador da pesquisa Francisco Leandro Costa, cujo papel consistiu além de gravar entrevista, ajudar a interpretar os documentos antigos e registros da época, como disponibilizou textos escritos e não publicadas sobre a origem de Santana do Acaraú.

Nesse sentido, a história oral emerge como ferramenta fundamental, pois possibilitou o acesso às impressões e sentidos conferidos ao espaço urbano da cidade e seu acervo arquitetônico. Os referenciais teóricos somam suas experiências, balizando as estratégias adotadas ao longo do percurso. A contextualização histórica e social do local material da pesquisa também se fez necessário.

Por fim, os relatos transcritos possibilitaram um diálogo entre o memorialista e o patrimônio, no entrecruzamento de saberes e memórias, fazendo com que o sentido da preservação seja conservado e ampliado, ante a atual onda de transformação dos acervos arquitetônicos da cidade. De acordo com Thompson (1992, p. 22) o objeto e fonte de pesquisa deve ser, segundo o autor: “a história oral que (...) pode devolver às pessoas que fizeram e vivenciaram a história um lugar fundamental, mediante suas próprias palavras”.

Outros procedimentos práticos contaram com a coleta de dados em campo, que tinha como objetivo primordial colher e analisar a compreensão que os entrevistados tinham sobre o acervo de Santana do Acaraú e seu patrimônio arquitetônico, a situação atual de conservação, depreciação ou abandono das funções potencializadas pela história, falta de planejamento e/ou de aplicação de políticas protecionistas para a Região.

Quanto à coleta das fontes primárias para o desenvolvimento dessa pesquisa foi realizada a partir de consulta a materiais diversos, dentre eles se destacam: o material iconográfico em geral, tanto de acervos públicos como acervos privados; os livros de Tombo da cidade, que estão sob a guarda da Diocese de Sobral e a Casa Paroquial de Santana do Acaraú, e a literatura local, que ainda é muito tímida.

Em outro momento da pesquisa, fez-se um levantamento das condições de infraestrutura, dos aspectos históricos e estilísticos relevantes na cidade de Santana do Acaraú. Nessa fase, também se realizou a seleção dos entrevistados que permanecem na cidade e que com ela mantêm um laço de identidade e de experiências vividas e transmitidas.

Para construção dessa discussão considera-se a história de Santana do Acaraú, desde seus primórdios, antes mesmo de se tornar vila até os dias atuais. Algumas informações foram coletadas em livros, em documentos fornecidos pela paróquia do município, documentos da Câmara Municipal, bem como, catalogadas cartas de moradores antigos que em alguns trechos narravam elementos que compunham a paisagem santanense em diferentes períodos. A pesquisa de campo, os depoimentos e conversas com os moradores permitiram refletir sobre a cidade de Santana do Acaraú como o *locus* do espaço vivido dos habitantes.

As fotografias utilizadas foram adquiridas no acervo do Memorial Padre Arakén, acervo da Secretaria de Cultura do Município, acervo de moradores e outras do próprio autor, com o objetivo de contrapor as imagens para que as mesmas fossem analisadas e pudessem ajudar a explicar alguns processos, bem como auxiliar nossa reflexão a cerca desses processos e suas implicações no lugar.

Além dos relatos, pode-se ter acesso, durante a leitura desse trabalho, a arquivos pessoais tais como: cartas, fotografias, literatura e álbuns de coleções. Dados obtidos através de órgãos como a Prefeitura Municipal de Santana do Acaraú, Diocese de Sobral, Paróquia do Município, IPECE, IBGE, Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA, e ainda, de acervo de particulares moradores do município.

O acervo arquitetônico é tudo isso e muito mais, afinal ele está presente na nossa mente, assim como um símbolo de alguma coisa distinta de seus elementos, ele é parte constituinte da identidade de um povo, de um grupo, de uma cidade.

1 A COMPREENSÃO DA GEOGRAFIA CULTURAL A PARTIR DO ESPAÇO VIVIDO

“É necessário voltar às coisas mesmas” (HUSSERL, 1907, p.38).

Os caminhos metodológicos da investigação parte da Geografia Cultural e, sobretudo aquela que se fundamenta numa abordagem fenomenológica, em que pensa a experiência como um dos conceitos para compreender o fenômeno investigado, no seu sentido da intencionalidade husserliana, o que permite discernir e descrever o objeto enquanto experienciado, cuja explicação geográfica do espaço vivido apoia-se numa fenomenologia do espaço.

Inicialmente, é interessante explicar os passos da investigação, pois se pretende dedicar parte desse capítulo para argumentar o rigor científico e as principais formulações teóricas embasada pela compreensão da Geografia Cultural e modo como as experiências permite realizar o “estudo da experiência humana e dos modos como às coisas se apresentam elas mesmas para nós em e por meio dessa experiência” (SOKOLOWSKI, 2004, p.10). Desta forma, a unidade está organizada em três subcapítulos intitulados: Apreensão fenomenológica do Espaço Vivido; as diversas concepções da Geografia Cultural e a Paisagem Cultural: Patrimônio; conceitos e discussões.

1.1 APREENSÃO FENOMENOLÓGICA DO ESPAÇO VIVIDO

A primeira explicação que destaca-se a compreensão do termo método, que aqui tomo como referência teórica Minayo (2013); Lakatos; Marconi (2010) Comte-Sponville (2003); e Severino (2002). A palavra método no seu sentido etimológico, tem suas raízes no idioma Grego, na escrita denominada de *methodos*, ou seja, uma palavra composta por: *meta* (por meio de, através de) e *hodos* (caminho, via) ao juntar as duas palavras o significado passa a ser percorrer um certo caminho que permita chegar até o destino final. Em uma compreensão mais evoluída da palavra, usada pelos dicionários e sem mudar o sentido, significa investigação científica, originalmente denominasse “perseguição” ou “ato de ir atrás”.

Para discorrer um pouco mais, a compreensão de método para além do seu sentido etimológico e de seu sinônimo, verificou-se também nas publicações relacionadas à

Metodologia do Trabalho Científico e aos dicionários especializados, como exemplo o Dicionário Filosófico de autoria de Comte-Sponville (2003). Para dicionário filosófico a compreensão do método numa perspectiva epistemológica pode denotar um conjunto, racionalmente ordenado, de regras ou de princípios, tendo em vista obter determinado resultado. Para “Espinosa o método é a própria verdade, mas refletida e ordenada”. (COMTE-SPONVILLE, 2003, p. 389).

Para análise do Patrimônio Arquitetônico da cidade de Santana do Acaraú reuniu-se um conjunto de procedimentos que se dividem em teóricos e práticos, cujos resultados levam a explicações e/ou verdades acerca das edificações antigas da cidade. É importante ressaltar que George (1978, p.07) compreende a Geografia como uma ciência das relações, que “implica um processo de pensamento específico, que parte da descrição para chegar à explicação”. No mesmo sentido, Santos (1997, p.16) esclarece que “a descrição e explicação são inseparáveis. O que deve estar no alicerce da descrição é a vontade de explicação”. Assim, nosso empenho em descrever as edificações antigas é motivado pela vontade de explicar sua constituição na cultura santanense.

Entende-se que método e/ou metodologia podem ser um caminho usado pelo pensamento e pelas situações práticas que são exercidas para abordar uma dada realidade. É interessante esclarecer que a “metodologia inclui simultaneamente a teoria da abordagem (o método), os instrumentos de operacionalização do conhecimento (as técnicas) e a criatividade do pesquisador” (MINAYO, 2013, p. 14).

Para Lakatos; Marconi (2010, p.65) o método é um “conjunto de atividades sistemáticas e racionais que, com maior segurança e economia, permite alcançar o objetivo [...]”. Ainda de acordo com as autoras, existe uma distinção interessante em relação aos métodos, pois é possível classificar em: método de abordagem e métodos de procedimentos. O primeiro denominado de método de abordagem caracteriza-se “por uma abordagem mais ampla, em nível de abstração mais elevado, dos fenômenos da natureza e da sociedade” (LAKATOS; MARCONI 2010 p. 88). Enquanto, o segundo são “as etapas mais concretas da investigação, com finalidade mais restrita em termos de explicação dos fenômenos e menos abstratas.” (LAKATOS; MARCONI 2010 p.88).

A compreensão de método para Lakatos e Marconi (2010) pode ser explicada também no seu sentido teórico e prático ao esclarecer o método de abordagem e o método de procedimentos. Ao contrário da compreensão das referidas autoras, Severino (2002, p. 162)

entende que o método envolve apenas “os procedimentos mais restritos que operacionalizam os métodos, mediante emprego de instrumentos adequados”. Isto é, o método está diretamente relacionado aos procedimentos práticos da pesquisa.

A pesquisa se fundamenta na compreensão filosófica do método em que é necessário um conjunto de ações teóricas e práticas para obtenção dos resultados plausíveis a investigação. E de acordo com George (1972, p.09) “a pesquisa geográfica recorre sucessiva ou simultaneamente aos métodos de cada uma das ciências de que se vale para chegar ao conhecimento”.

Assim, em consonância com Lakatos e Marconi (2010) e George (1972) adota-se como método teórico a Geografia Cultural, como possibilidade de falar de nossa experiência do mundo vivido, usando como fenômeno de análise o Patrimônio Edificado da cidade de Santana do Acaraú/CE. E assim, passando a entender que a noção do fenômeno (Patrimônio Edificado da cidade) e a noção de experiência, coincidem, pois nos leva a prestar atenção à experiência em vez daquilo que é experienciado, o que significa prestar atenção ao próprio fenômeno (CERBONE, 2013).

Para apresentação da compreensão da fenomenologia definida por Husserl, apoio-se em duas obras publicadas e traduzidas para o português: “A Ideia da Fenomenologia” (1907), editado em 1989 e em sua 70ª edição em Lisboa; e a segunda obra: “Investigações Lógicas” (1900/1901), utilizando a edição em português de 2012. Deve-se ressaltar que são obras que foram traduzidas em português após 100 anos de sua publicação em alemão. Então, para compreender as formulações teóricas desenvolvidas por Husserl, também se tomou como referência os pesquisadores Filósofos e Psicólogos que estudam sua obra e a fenomenologia há décadas como Cerbone (2013); Matthews (2011); Goto (2007); e Sokolowski (2004).

A obra intitulada “A ideia da Fenomenologia” apresenta a fenomenologia como doutrina “universal das essências, em que se integra a ciência da essência do conhecimento” (HUSSERL, 1989, p.04), aponta uma nova perspectiva teórica para a ciência em que essência é a própria existência das coisas. Assim, de forma contrária as tendências do mundo intelectual de sua época, discorre que a filosofia seria capaz de manter bases e condições de uma ciência rigorosa. No entanto, indaga: “Como dar rigor ao raciocínio filosófico em relação a coisas tão cambiantes e variáveis como as coisas do mundo real?” (HUSSERL, 1989, p 15). Está posto aí, o seu próprio desafio ou a sua grande questão, que o leva a construir uma obra fenomenológica.

De acordo com o editor em alemão, o livro “*Die ideí der phonomenologie*” (A ideia da Fenomenologia) está organizado em cinco lições que introduz fragmentos da fenomenologia e da crítica da razão pronunciado por Husserl em 1907. Para compreensão do método de investigação da pesquisa destacou-se determinados aspectos da fundamentação fenomenologia que ajuda a desenvolver a pesquisa. Então, a partir da crítica ao conhecimento e embasado na fenomenologia do conhecimento, Husserl apresenta uma nova dimensão filosófica do método para ciência (HUSSERL, 1989).

A fenomenologia leva a designar a ciência, uma vinculação de disciplinas científicas, sobretudo correlacionada a uma base “fenomenológica” capaz de designar um método e uma atitude intelectual. Assim, pode-se entender que “na esfera natural da investigação, uma ciência pode, sem mais, edificar-se sobre outra e uma pode servir à outra de modelo metódico” (HUSSERL, 1989, p.47). Considerando, contudo a natureza do respectivo campo de investigação. Nesse sentido, a pesquisa em questão, serve-se de outras áreas do conhecimento para se desenvolver.

Na investigação da pesquisa sobre o Patrimônio da cidade de Santana do Acaraú (objeto/fenômeno) buscou-se fundamentos no conhecimento da área de Geografia (espaço vivido) que estão correlacionados com outras disciplinas do conhecimento, como a História ao fazer a análise documental do tempo, a Filosofia ao estudar a epistemologia da fenomenologia, a Arquitetura ao fazer leituras das formas e estilos arquitetônicos da cidade.

Para Husserl (1989, p.60) “todo conhecimento natural, tanto o pré-científico como o conhecimento científico” podem ser considerados conhecimentos que objetivam a transcendência, ou seja, tratam de investigar objetos como existentes, cuja finalidade é atingir cognoscitivamente estados de coisas.

Assim, pode-se compreender que a transcendência é aquilo que está fora do sujeito, enquanto a imanência está dentro do sujeito. Mas, esclarece “que o único dado realmente compreensível, inquestionável, absolutamente evidente, é o do momento contido como ingrediente contido numa objetividade conhecida” (HUSSERL, 1989, p. 61). Observa-se que o fundamental está incluso na realidade objetiva. A ponto de concluir que “a teoria do conhecimento jamais pode edificar-se sobre a ciência natural de qualquer espécie” e sim naquilo que aparece como ingrediente da objetividade conhecida (HUSSERL, 1989, p. 62).

O ato de conhecer detém um “conteúdo sensitivo que está aí exposto, como o que conteudalmente se dá a essa pessoa, como o sentido e o sabido por ela; e a vivência insere-se, juntamente com a pessoa, no tempo objetivo” (HUSSERL, 1989, p.70). Então, o conteúdo do fenômeno, é perceptivo a realidade objetiva e ao espaço de vivência que se mostra ao próprio sujeito. Desse modo,

Percepção visualmente assim captada e delimitada é uma percepção absoluta, privada de toda transcendência, dada como fenômeno puro no sentido da fenomenologia (...) A fim de obter um fenômeno puro, teria então de por novamente em questão o eu, e também o tempo, o mundo, e trazer assim à luz um fenômeno puro, a pura cogitatio (HUSSERL, 1989, p. 71).

O ato de perceber é o ponto inicial da investigação do fenômeno, aquilo que se apresenta para o sujeito, capaz de ser apreendido e delimitado dado como fenômeno puro, ou seja, a coisa em si, chegar ao fenômeno mesmo. Então, para obter o fenômeno puro é necessário colocar em questão o próprio eu que percebo que poderá ocorrer em momentos diferentes do puro ato de pensar. E assim, é necessário:

“voltar às coisas mesmas”, como postulou Husserl, é um princípio que exige trabalhar na aparição imediata das coisas que se dão em sua autêntica origem, sem recorrer às teorias científicas ou filosóficas estabelecidas sobre as coisas. Em outras palavras, significa que intenção não é estabelecer-se a partir das coisas objetivas como procede a ciência, ao contrário, significa, em primeiro lugar, repelir toda “teoria anterior sobre as coisas”, seja científica e, em segundo, eliminar os pressupostos estabelecidos para poder permitir e deixar ver as coisas como nos aparecem em seu pleno sentido (GOTO, 2007, p.64)

Esta é a finalidade da fenomenologia “voltar às coisas mesmas” demonstrando a necessidade de tornar-se ciência e método, pois busca conhecer como conhecemos, fundamentando uma verdadeira ciência do fenômeno, cuja finalidade nos possibilita:

Elucidar possibilidades, possibilidades do conhecimento, possibilidades da valoração, e as elucidar a partir do seu fundamento essencial; são possibilidades universalmente em questão e, portanto, as investigações fenomenológicas são investigações universais de essências (HUSSERL, 1989, p.79).

As investigações fenomenológicas se autodenominam de ciência dos fenômenos, porque tratam de elucidar “as essências daquilo que aparece ou que se mostra à consciência em todas as suas significações possíveis”. (GOTO, 2007, p. 55). Pensar que o sujeito

apreende o mundo pelos seus sentidos, como de fato se mostra e como tais manifestações assumem significados e/ou representações ao serem investigados de forma fenomenológica.

A forma de ampliação da esfera de investigação pode se dá pela intencionalidade, anteriormente compreendido em seu sentido medieval como sendo modo pelo qual um sujeito usa uma coisa (GOTO, 2007). Enquanto que para a fenomenologia a intencionalidade “não significa nada além dessa particularidade profunda e geral que a consciência tem de ser consciência de alguma coisa, de trazer em si mesma” (HUSSERL apud COMTE-SPOVILLE, 2003, p. 320). A consciência é consciência de alguma coisa, ou seja, não há nada dentro do sujeito que não esteja fora de si mesmo (SARTRE apud COMTE-SPOVILLE, 2003).

A análise fenomenológica compreende que o conhecimento leva a “elucidar genericamente os nexos teleológicos (estudo das finalidades) do conhecimento, que vão desembocar em certas relações de essência entre diversos tipos essenciais de formas intelectuais” (HUSSERL, 1989, p.87). É nesse processo que se insere a transparência dos princípios que regula como condições ideais a possibilidade da objetividade científica que normatiza todo o conhecimento científico empírico (HUSSERL, 1989). Assim, a investigação se constitui sobre a base dos fenômenos singulares da redução fenomenológica.

Figura 02 – A redução fenomenológica da investigação da pesquisa

A fenomenologia conduz a investigação de como o eu pensa o Patrimônio arquitetônico da cidade de Santana do Acaraú no ato de proceder com uma análise que possa elucidar visualmente, determinar e distinguir o sentido do fenômeno. Além de comparar, distinguir, enlaçar, colocar em relação, separar em partes ou segregar momentos para reconstituir o fenômeno em análise (HUSSERL, 1989). Ainda pode-se entender que a redução fenomenológica é um recurso que serve para separar as conexões “naturalistas entre pura consciência, de um lado, e o mundo, de outro”. Considerando que sua característica principal e problemática da experiência é o seu significado (SANTAELLA, 2012, p. 15).

Husserl (1989) explica que a particularidade é uma exclusividade do procedimento intuitivo e dentro da mais estrita redução fenomenológica. Desta forma, a razão é conhecimento intuitivo, que se propõe justamente a reduzir o entendimento a razão. É preciso estudar tudo isto e estudá-lo na esfera da evidência pura, para elucidar os grandes problemas da essência do conhecimento e do sentido da correlação de conhecimento.

Para o conhecimento e conforme sua natureza, mas também sua humanidade nas suas associações e nas suas obras culturais. Assim, pensar o conhecimento da cultura, enquanto ato que constitui o sentido da objetividade, está ligado também ao valor e o querer. “O conhecimento refere-se ao objeto com um sentido variante, em vivências variantes, em mutáveis afecções e ações do eu” (HUSSERL, 1989, p.111). Entende-se que a investigação fenomenológica está diretamente relacionado ao ser/eu que vivencia o mundo, sujeito as variações desse movimento que se dá no tempo e no espaço.

Segundo (ZILLES, 2015, p. 220) em suas “Conferências de Paris, Husserl afirma que tudo que é mundano, tudo que é espaço-temporal é para mim, na medida em que o vivencio, percebo, lembro, penso, julgo, valorizo, desejo, etc”. Explica mais uma vez, que o eu que vivencia o mundo, sente o mundo, ou seja, tudo está fora do sujeito, pois o eu que penso e falo é mundano.

1.2 DIVERSAS CONCEPÇÕES DA GEOGRAFIA CULTURAL

A cultura é herança e experiência (CLAVAL, 2007, p. 163).

A discussão introdutória da Fenomenologia em sua dimensão filosófica nos ajudou a entender os conceitos e fundamentos da construção inicial do pensamento fenomenológico, capaz de esclarecer a compreensão das bases epistemológicas da Geografia Cultural, que aqui

defini-se como campo de investigação da pesquisa, pois se elegeu como conceito chave principal o Espaço Vivido, representado pelas vivências que são adquiridas e traduzidas pela cultura.

Pretende-se apresentar determinados apontamentos sobre a Geografia Cultural, sendo o primeiro, estudos de obras Francesas da Geografia cultural e o processo de renovação, com a finalidade de entender suas formulações para o desenvolvimento da discussão no interior da Geografia e de novas interpretações da abordagem cultural. A discussão permite relacionar ao objeto de estudo, com a possibilidade de explicar e orientar a interpretação do Patrimônio Cultural edificada em Santana do Acaraú.

Para percorrer a história das discussões da Geografia Cultural em âmbito internacional e nacional, tomamos como referência os estudos realizados por Claval (2011); (2010), (2008), (2007),(1999); Corrêa (2010), (2007), (2001), (2000); e Rosendahl (2010),(2007),(1999) e outros autores que estão com artigos ou capítulos de livros nas obras organizadas pelos autores Roberto Lobato Corrêa e Zeny Rosendahl.

Para Corrêa e Rosendahl (2007, p.09) “A Geografia cultural é um significativo subcampo da Geografia, que a partir da Europa difundiu-se e já tem um século de existência”. Então, ao considerar que a Geografia Cultural começou na Europa, destaca-se aqui determinadas linhas de pesquisa que contribuíram para construção do conteúdo cultural para Geografia ao longo desse tempo. E não é pretensão da pesquisa fazer o resgate de um século, mas de ressaltar autores e trabalhos importantes seguindo a mesma estrutura usada por Claval (2007) ao expor sobre “A contribuição francesa ao desenvolvimento da abordagem cultural na Geografia”. Explica que a abordagem cultural iniciou-se através dos estudos sobre as representações. Na década de 1950 os pesquisadores acreditavam que não tinham acesso direto a realidade, sendo possível somente, através de imagens e representações.

O quadro (Figura 02) ilustra os principais autores e sua respectiva obra que contribuiu na França para discussões geográficas e todos apresentados por Claval (2007) destacando autor, obra e uma breve discussão dos trabalhos de cada pesquisador no período que vai do século XIX até os anos 1970 do século XX, sendo todos agrupados pelo interesse da Cultura.

Figura 03 – Quadro da Contribuição francesa para Geografia Cultural

Período	Autor/Pesquisador	Característica da obra
XIX-XX	Vidal de La Blache (1845-1918) e os Geógrafos vidalianos	Explicar as relações entre os grupos humanos e o meio ambiente. O gênero de vida visto como um conjunto de técnicas e hábitos
1970-1980	Eric Dardel (1900-1968)	O livro: “O homem e a Terra”. A geografia tinha de explorar o sentido da presença humana na superfície da Terra.
1976-1990	Armand Frémont 1933-	Livro: “A Região: espaço vivido”. O trabalho do geógrafo deveria partir dos hábitos de mobilidade e das representações mentais das populações locais.
1990/2000	Augustin Berque	Livro: O <i>Ecumène</i> – trata da natureza da Geografia humana; <i>Médiance</i> as relações homens/meio ambiente.

Fonte: CLAVAL, 2007

O esquema no quadro (Fig. 02) destaca apenas alguns autores que abordaram a cultura em suas pesquisas na área de Geografia Humana. É importante ressaltar que a primeira explicação, para os geógrafos culturais, que a Geografia cultural aparece como um subcampo da geografia humana. Enquanto, uma minoria compreende que todos os fatos geográficos são de natureza cultural. Nesse sentido, esse pequeno grupo prefere falar em abordagem cultural e não de Geografia Cultural (CLAVAL, 2007).

Então, em consonância com o título proposto, optou-se em trabalhar com a ideia de Geografia Cultural. O interesse pela Cultura pode ser percebido no final do século XIX, relacionado à Geografia Humana. Na compreensão epistemológica nesse período a Geografia tinha inspiração naturalista, positivista ou neopositivista (HARTSHORNE, 1939; HARVEY, 1969; CLAVAL, 2011).

A contribuição de Vidal de La Blache leva a analisar e explicar as relações entre os grupos humanos e o meio ambiente, sendo a tarefa mais importante estudar e explicar os mapas de densidades. O referido autor, estudou preferencialmente, “essa adaptação que se traduziu na adoção de um modo de vida, de um gênero de vida: caça, pesca, criação de bovinos, ovelhas, suínos, cavalos, agricultura etc” (CLAVAL, 2007, p. 149).

Apesar de Vidal de La Blache nunca ter falado de cultura, pode-se afirmar que as técnicas da produção, de transporte e os hábitos pertencem ao domínio da cultura (CLAVAL, 2007). Ainda conforme a análise de Claval (2007) La Blache sublinhou o papel da força do hábito como a causa mais importante da rigidez do Gênero de Vida. Assim, a cultura aparece de forma dupla na obra: das técnicas, como possibilidade de inovação e da força do hábito, considerado como o maior fator da inércia dos grupos humanos.

A obra deixada por Vidal de La Blache foi seguida pelos seus alunos como Albert Demangeon (1872-1940); Jean Gottmann (1917-1995) contribuindo para o estudo da iconografia, ou seja, trabalharam as representações por meio de símbolos, como base de suas interpretações do mundo político. Além de outros destacados pela contribuição ao trabalho de La Blache (CLAVAL, 2007).

Na sequência do quadro ilustrativo (Fig.02), pode-se destacar a contribuição de Eric Dardel. É possível verificar como sua obra contribuiu de forma significativa para Geografia Cultural, ao publicar em 1952 “*L’Homme Et La Terre*”. Destacou como ideia central que a Geografia deveria explorar o sentido da presença humana na Terra.

O geógrafo Armand Frémont (1933 -) na década de 1970 trabalha a cultura como espaço vivido. É considerado “um dos primeiros a destacar a nova topologia que a consideração da experiência vivida do espaço” (CLAVAL, 2011, p. 221). Para o referido autor a geografia tinha que falar das formas, das cores, dos cheiros, dos sons, dos ruídos. Acredita que “a tarefa de uma descrição inclui a experiência do espaço vivido pelas pessoas da zona estudada” (CLAVAL, 2007, p. 158). O livro “*La région: espace vécu*” publicado em 1976 abre uma nova perspectiva para a Geografia Regional. A sua orientação parte dos “hábitos de mobilidade e das representações mentais das populações locais” (CLAVAL, 2007, p. 158).

Na reconstrução da Geografia Humana o grupo que compreende enquanto abordagem cultural mostra que o papel da cultura na geografia era muito diferente. A obra de Augustin Berque publicada em 1990 e em 2000 reúne artigos anteriormente publicados sobre a relação homens/meio ambiente (*Médiance*) e sobre a natureza da geografia humana (*Ecúmeno*).

Na obra *Ecúmeno*, demonstra a oposição entre as concepções neopositivistas ou naturalistas da Geografia e a definição como estudo da experiência humana da Terra “está

presente na mente dos indivíduos, ou seja, as pessoas necessitam de ancorar suas identidades na realidade circundante” (CLAVAL, 2011, p. 223).

Desta forma, para compreensão da abordagem Cultural na Geografia a ideia parte do pressuposto que todas as realidades geográficas são apreendidas por meio de palavras e imagens. “As relações entre os seres humanos e a natureza, ou as relações que os seres humanos tecem entre eles nunca são diretas. Elas sempre se apoiam em uma mediação cultural”. (CLAVAL, 2007, p. 163). Assim sendo, a Geografia entende que:

A cultura aparece como um conjunto de gestos, práticas, comportamentos, técnicas, *know-how*, conhecimentos, regras, normas e valores herdados dos pais e da vizinhança, e adaptados através da experiência (CLAVAL, 2007, p.163).

Pensar a cultura como esse conjunto de comportamento oriundo das relações sociais, nos permite entender o Patrimônio cultural de Santana do Acaraú, pois as expressões da cultura estão em todos seus feitos arquitetônicos e suas relações são ressignificadas ao longo do tempo. Determinados estudos também são desenvolvidos explorando as dimensões normativas dos comportamentos humanos.

Claval (2007) esclarece que até os anos setenta, as epistemologias dominantes não permitiam construir uma Geografia humana sobre a base cultural. Atualmente, essa possibilidade existe, pois é possível construir a Geografia humana sobre as bases de uma abordagem cultural.

No Brasil a Geografia Cultural na década de 1970, passa por um processo de Renovação. Contribuíem para renovação a criação de periódicos *Géographie et Cultures* em francês em 1992; e *Ecumene* em inglês em 1994; no Brasil, o NEPEC (Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Espaço e Cultura) em 1993; Espaço e Cultura em 1995 (CORRÊA, 2007).

1.3 PAISAGEM CULTURAL: PATRIMÔNIO; CONCEITOS E DISCUSSÕES

A pesquisa faz uso do conceito de paisagem cultural observando as discussões teóricas que carregam uma interpretação do espaço de vivência, buscando assim, olhar para a cidade de Santana do Acaraú e perceber que pensar o patrimônio da cidade é, sobretudo usar como método de investigação nossa percepção da paisagem que se traduz numa cultura que foi alimentada e transformada ao longo do tempo.

É interessante ressaltar que no mundo grego-romano a cultura era vista como um ideal e denominada de humanitas. No entanto, para o universo helênico e para o universo latino um indivíduo era considerado culto quando se aproximava do conceito modelar de homem. Desse modo, no século XVIII a ideia clássica de cultura apontava para o caráter eminentemente pedagógico da existência e é precisamente este sentido de formação que se propagou no Ocidente, pensando a Cultura como um patrimônio universal (FABRI, 2007, P.32). No século XX a concepção de cultura ganha significado diferente para Husserl que explica:

Por cultura não entendemos outra coisa que o conjunto das ações e operações postas em ato por homens unidos na sua contínua atividade. Tais operações existem e perduram espiritualmente na unidade da consciência da comunidade e da sua tradição mantida sempre viva (HUSSERL, apud FABRI, 2007, p.35)

O conjunto de ações e operações resulta em paisagens que para a Geografia está do lado da percepção, assim como a paisagem está ao lado do sentir. Desse modo, a percepção está ao lado da ciência como uma ciência iniciante. É preciso entender que “o espaço da percepção é o espaço geográfico, porque ele define estados, posições e situações no interior de um espaço/tempo, munido de coordenadas gerais e de referências gerais” (BESSE, 2006, p 79).

Nesse sentido, o espaço da percepção é da ordem da cartografia, ele é materializado na paisagem que é nossa realidade objetiva. É possível entender que a paisagem é da ordem do sentir (BESSE, 2006). A paisagem é constituída pela participação e o prolongamento de uma atmosfera, de uma ambiência (BESSE, 2006). A paisagem, diferentemente do espaço da percepção, é dada originalmente. Mais precisamente, ela corresponde “a disposição original do ser paisagem original, paisagem da fusão ou da comunicação original do homem com o mundo, precede, então, toda orientação e toda referência”. (BESSE, 2006, p 79).

Em consonância com o autor a paisagem é uma representação, que confere valor, enquanto dimensão do discurso e da vida humana, ou ainda, uma formação cultural. Assim, “a ideia de paisagem real, visível, é o produto, às vezes contraditório, de um conjunto de intenções e de ações humanas”. (BESSE, 2006, p.78).

Para somar a discussão do conceito de paisagem também se fez referência aos estudos de Berque (1989) que constata que os investigadores teóricos da paisagem enquanto

geografia das representações, contribuíram de forma significativa como exemplo os pesquisadores Bailly, Raffestin e Rey Mond (1980). Para os referidos autores a “paisagem é um depósito de história, um produto da prática” entre indivíduos e da realidade material com a qual nos confrontamos.

Para se fazer uma “Geografia da Paisagem” seria preciso situar o nível perceptivo a ser abordado, construído da experiência cognitiva da paisagem, a ser estudada a partir da intencionalidade e de novos constructos, já que o real objetivo não existe para além deles. A nossa paisagem é formada pelas relações entre duas e três dimensões (superfície e volume), entre os indivíduos e o ambiente (vivido e não vivido), relações características pelas propriedades geométricas, topológicas, projetivas, temporais e simbólicas (BAILLY, RAFFESTIN E REY MOND, 1980, p. 285).

Para Berque (1989, p.33) a Geografia Cultural seria “o estudo do sentido (Unitário e global) que uma sociedade, dá a sua relação com o espaço e a natureza, relação que a paisagem exprime concretamente. A paisagem é uma marca, porque exprime uma civilização, mas é também uma matriz

Uma experiência de arquitetura significativa não é simplesmente uma série de imagens na retina. Os “elementos” da arquitetura não são unidades visuais ou gestalt; eles são encontros, confrontos que interagem com a memória. Em tal memória, o passado é corporificado nas ações. Em vez de ser contida separadamente em algum lugar da mente ou do cérebro, ela é um ingrediente ativo dos próprios movimentos corporais que completam determinada ação (PALLASMAA, 2011, p. 60).

Então, a arquitetura mostra a experiência do lar, estruturada por atividades distintas diárias de cozinhar, comer, socializar, ler, guardar, dormir, ter atos íntimos e não somente por elementos visuais. Esclarece que uma edificação ela é “controlada; abordada, confrontada, relacionada com o corpo de uma pessoa, explorada por movimentos corporais, utilizada como condição para outras coisas” (PALLASMAA, 2011, p. 60). É importante entender que a arquitetura pode ser o ponto inicial, que orienta a direção e organiza o comportamento e o movimento de uma sociedade.

A compreensão que o espaço arquitetônico é fundamentalmente um espaço vivenciado, e não somente um espaço físico, os espaços vivenciados sempre transcendem a

forma e a mensurabilidade, pois representa a vivência na sua totalidade (PALLASMAA, 2011).

O acervo arquitetônico de Santana do Acaraú é um Pedaco do processo de colonização, como momentos que expressam de forma objetiva o domínio lusitano articulado com a catequese dos religiosos católicos e a escravidão de índios e negros. Santana do Acaraú como parte do processo de colonização encampada pelos Portugueses nos Sertões do Ceará assume características peculiares, embora em um mesmo contexto, mas apresenta configurações espaciais diferentes que indica a forma como as famílias e os governantes vão criando significados nas suas relações de trabalho, na religião e nas influências compartilhadas, herdadas pelas diferenças culturais.

O processo de constituição das edificações antigas da cidade de Santana do Acaraú se mantém, em determinadas áreas, expressas como resistentes ao tempo, revelando uma forma de representação das relações sociais e culturais da sociedade herdadas pelo período colonial cujo intervalo do tempo registrado no Brasil compreendeu o período de 1530 a 1808.

Pode-se entender que o todo é um conjunto de conteúdos que se tornam abrangentes por meio de uma fundação unitária. Para pesquisa a fundação unitária é constituída pelo processo de colonização, em especial a ocupação do sertão. No Ceará a tentativa oficial de colonização ocorre em 1603. O documento que expressa a conquista dos sertões está registrada na Carta Régia de 1701.

O conteúdo nada mais é que as partes constituídas de pedaços e momentos que reúne em caráter unitário a fundação marcada pela herança colonial. Assim, cada conteúdo deve significar a relação com qualquer outro, direta ou indiretamente, por meio da fundação (HUSSERL, 2012).

Para exemplificar nossa forma de pensar a compreensão do todo numa divisão de extensão, em que nos detém numa porção do espaço, como é o caso da cidade de Santana do Acaraú. Assim, nos interessa delimitar uma determinada porção também do tempo, em porções do tempo, ou seja, em momentos semelhantes ou relacionados a constituição dos objetos edificados na cidade de Santana. É importante ainda explicar que o

Fato de pensar o ato de conhecer, no seu todo, vai para objetos, correspondentemente, para estados-de-coisas, pretensamente os tocam de tal modo que o seu “ser-em-si” se deve manifestar como unidade identificável na

multiplicidade dos atos de pensamento, correspondentemente, das significações efetivas ou possíveis; o fato subsequente de que a todo e qualquer pensamento é inerente uma forma de pensamento, que está sob leis ideais, e certamente sob leis que circunscrevem a objetividade ou idealidade do conhecimento em geral. (HUSSERL, 2012, p. 07).

Assim sendo, não é possível analisar a cidade de Santana do Acaraú fora de sua relação com o contexto inicial, marcada pelas leis de dominação de uma cultura que se capilarizou no País, manifestado na economia, nas relações sociais e nas formas edificadas que traduzem o modo de vida no tempo e no espaço. Além de assumir características que lhe são próprias, ao lhe conferir uma representação desse tecido social. Em síntese, conclui-se como Husserl (2012, p. 07) “...a identidade do geral pode entrar, enquanto conceito ou lei, no fluxo das vivências psíquicas reais e tornar-se, enquanto conhecimento, um patrimônio daquele que pensa”.

2 A GEOGRAFIA DO LUGAR: SANTANA DO ACARAÚ – CEARÁ

O município de Santana do Acaraú originou-se da ocupação de pequenos povoados que evoluíram à medida que sua população crescia assumindo categorias territoriais diferentes. A finalidade aqui é reunir os estágios da evolução da ocupação do território de Santana do Acaraú, observar a gênese da ocupação espacial até atingir a categoria de município, destacando: a formação familiar, atuação da igreja e as edificações construídas representando as relações sociais, culturais e econômicas do território de Santana do Acaraú.

Para delimitação temporal considerou-se o período que antecede a emancipação do município, até a contemporaneidade, visto que as edificações arquitetônicas fazem parte de todo o processo de ocupação, iniciado no século XIX.

2.1 SANTANA DO ACARAÚ NA REGIÃO DO VALE DO ACARAÚ

Santana do Acaraú originou-se da ocupação de terras por fazendeiros que constituíram famílias que evoluíram à medida que sua população crescia, o espaço assumia novas configurações espaciais na região. Para Lencioni (1999), lendo Fremont, compreende a região como espaço vivido, ou seja, aquele que incorpora além das dimensões dos outros espaços, a dimensão afetiva, assim além dos laços constituídos pelas famílias, ao longo do processo, pode-se apontar como um dos indicadores da delimitação da Região Norte o curso do Rio Acaraú, situado ao norte do Estado do Ceará.

A cidade é produto da colonização e sua constituição, está associada a determinadas atividades econômicas ou a formações físicas geográficas (AZEVEDO, 1970), sua origem está ligada à formação de uma fazenda, originada pela sesmaria. O colonizador, em busca de pastos e águas para seus gados, explorou o Vale do Acaraú, expulsando os índios Reriús que, em 1713, reagiram fortemente a esta invasão, levando aqueles que moravam nas fazendas a buscarem abrigo na Serra da Ibiapaba (O MUNICÍPIO DE SANT'ANNA, 1926).

Segundo Cisne Neto (2007) no livro, O Município de Sant'Anna, 1926, cita alguns mitos genealógicos do município que apontam, para a possibilidade da união entre os vaqueiros destas primeiras fazendas e as nativas de origem indígena. Consta nesta documentação que o primeiro a ocupar o Vale do Acaraú com a criação de gado foi o

sesmeiro Pernambucano Manoel de Góes, cuja petição de sesmaria data de 1683. Nesta, Manoel de Góes e os outros suplicantes assim descrevem os limites da terra que solicitam a El – Rey:

Cinco léguas de comprido pelo dito rio Caracu acima, começando das águas doces dele, e quatro de largo, duas de cada de banda do dito rio e pastos que ao dito rio vierem dar de data e sesmaria, tudo forro, livre e isento de foro ou tributo e, que não bastando os pastos desta paragem confrontada para se poderem encher das ditas quantidades a possam tomar na paragem mais próxima dos pastos, águas que acharem desimpedidas, ou nas cabeceiras de quaisquer últimos providos correndo pelos pastos e águas que neles derem (O MUNICÍPIO DE SANT’ANNA, 1926).

De acordo com Costa (2001) “era comum, na época, os sesmeiros oficializarem o pedido muitos anos após terem ocupado as terras”, pois para o autor não se pode dizer com exatidão que uma vez que Manoel de Góes; foi o único a ocupar de fato as terras que lhe foram concedidas.

A terra foi concedida a Manoel de Góes, seus filhos e outros pelo Capitão-Mor Bento de Macedo Farias, contendo vinte e uma léguas de comprimento pelo rio Acaraú acima, a começar de onde terminam os terrenos da marinha; sesmaria que foi confirmada em 14 de julho de 1648 pelo Governador-Geral do Brasil (MENEZES, 1965, p. 73).

Santana do Acaraú passa a fazer parte do antigo curato do Acaraú em 1726, que tinha por centro Caiçara, atualmente a cidade de Sobral, por intervenção de Frei Cristóvão de Lisboa, quando exercia o cargo de custódio do Maranhão. Em 1733 o Padre Antonio dos Santos Silveira que havia chegado de Pernambuco foi nomeado escrivão do curato e comprou do Coronel Sebastião de Sá e do Sargento-Mor Antônio de Sá Barroso partes das terras, onde hoje está situada Santana do Acaraú e de posse das terras conseguiu licença para erguer em sua fazenda a capela (Fig.01) de Nossa Senhora Santana do Ôlho-d’Água das Almas (MENEZES, 1965).

Figura 04: Igreja Nossa Senhora Sant'Ana

Fonte: Acervo Memorial Pe. Arakén, 2015

As famílias que povoam a ribeira do Acaraú, mais especificamente o município de Santana do Acaraú, se deu a partir da segunda metade do século XVIII, com a descendência do português Manoel Ferreira Fonteles, que veio para o Brasil, primeiramente para Pernambuco e depois para Aquiraz, fixando residência na Fazenda Tucunduba, próximo à Freguesia de Sant'Anna, hoje Santana do Acaraú.

Araújo (2000) descreve uma série de dados biográficos desse patriarca e de muitas famílias que povoaram a ribeira do Acaraú. Este português foi o primeiro homem branco a fixar-se na região de Santana do Acaraú, por sua enorme descendência, foi considerado por Araújo (2000, p.61), o “Adão do Vale do Acaraú”. Manoel Ferreira Fonteles nasceu, em Fontelo, freguesia de Meixomil, região de Ente Douro e Minho, a 7 de março de 1687. O autor transcreve o seguinte registro sobre seu batismo na pequena igreja matriz de Meixomil no dia dez do mesmo mês:

Manoel, filho de Domingo Velho e de sua mulher Maria Ferreira, do lugar de Fontello, nasceu aos sete de março e foi batizado aos dez do dito mês de 1687 anos por o Reverendo Padre Luiz Ferreira desta Freguesia de Maixomil, ao qual eu Domingos Carneiro Pinto, cura desta mesma freguesia assisti e fui padrinho, e

madrinha foi Catharina, moça da Casa do mesmo lugar de Fontello, filho de Maria Antonia. Viúva, e por assim ser verdade fiz esse assento e assinei hoje, era ut supre. Padre Domingos Carneiro Pinto (Livro Misto, nº 2, Meixomill, de 1652 a 1707, fl. 40 v.) (ARAÚJO, 2000, p. 60)

Araújo, (2000), baseado em documentos paroquiais de Acaraú, afirma que Manoel Ferreira Fonteles era filho de Domingos Velho da Cruz e Maria Ferreira Pinto que se casou a 07 de janeiro de 1683, na Matriz de Meixomill, tendo sido transcrito o seguinte termo:

Domingos Velho, filho de João Velho e de sua mulher Maria Antônia, já defunta, de Fontelo, se recebeo com Maria Ferreira, filha de Domingos Ferreira, já defunto, e de sua mulher Maria Antônia, do lugar de Fontelo, todos dessa freguesia de Meixomill, na forma do Sagrado Concílio Tridentino, aos sete dias do mês de janeiro do ano de mil seiscentos e oitenta e três, estando por testemunhas presente Antonio Pinto Pedro Velho que, por comissão de licença minha, os recebeo e por assim ser verdade fiz esse assento hoje, oito do dito mês de janeiro de era ut supra. Antonio silva. (Livro Misto, nº 2, de 1652-1707, fl. 108). (ARAÚJO, 2000, p.66-67)

Ainda, o autor descreve fatos que motivaram a vinda de Manuel Ferreira Fonteles para o Brasil. A partir do primeiro governo do Capitão-Mor, Sebastião de Sá (1678-1681) se deu de forma mais regular as distribuições de sesmarias no território que corresponde atualmente ao Estado do Ceará, tornando-se mais frequentes nas últimas duas décadas do século XVIII.

Com a divulgação da notícia em Portugal, principalmente na região do Ente Douro e Minho, da distribuição de terras no Brasil por sesmarias, houve a aceleração do povoamento do Ceará, a partir das últimas décadas do século XVII, especialmente no início do século XVIII, proporcionando a ocupação das terras, com base na organização das sesmarias. Anos depois parte desta sesmaria foi vendida a Manoel Ferreira Fonteles, na qual instalou a fazenda Tucunduba, onde hoje é o distrito de Panacuí, que faz parte do município de Marco.

A história da genealogia da família Fonteles escrita em 1916 tem o que se segue: “Vamos talvez falar de meados do século XVII. Domingos Velho da Cruz, pai de Manoel Ferreira Fonteles, considerado o primeiro habitante de Santana do Acaraú. Sua origem muito lusitana é Meixonill, Ente Douro e Minho”. (ARAÚJO, 2000, p. 72).

Manuel Ferreira Fonteles dedicou-se à fazenda de gado, e também exerceu o cargo de vereador da comarca da antiga Vila de Aquirás, capitania do Ceará. Intelectual, sempre esteve à frente dos trabalhos da Comarca.

Fonteles em uma de suas idas a Aquirás para tratar de assuntos políticos, encontra com Francisco Ferreira Brandão, também de Pernambuco. Na ocasião fecharam um contrato para seu casamento com Maria Ferreira Brandão, filha de Francisco Ferreira Brandão. Logo depois foi descoberto que Fonteles mantinha um relacionamento amoroso com uma índia Tapuia, com a qual tinha uma filha, de nome Maria Luíza Ferreira.

Francisco Ferreira Brandão, o “Pernambuco”, trouxe sua filha para Aquirás, como combinado, mas Manuel Ferreira Fonteles, ali não apareceu. Indignado, Brandão retornou a Tucunduba e de lá levou Fonteles para Aquirás, onde realizou o casamento anteriormente contratado. O casal passou a residir na mesma Fazenda Tucunduba. Fonteles resolveu criar sua filha que havia tido com a índia Tapuia, Maria Luiza Ferreira, que mais tarde veio casar-se com um português de nome Caetano José Soares, tronco de numerosas famílias do Chora, localidade de Santana do Acaraú. (CISNE NETO, 2007), A índia Tapúia, mãe de Maria Luiza Ferreira, não se conformando com o desprezo de Fonteles e o seqüestro da filha, tentou suicidar-se. Com isso, ele a trouxe para Aquirás, mantendo-a sobre prisão, com a convivência do sogro.

[...] a Tapúia revoltou-se contra o amante que lhe havia prometido fidelidade e agora anunciara-lhe que estava terminada a vida em comum porque chegara a hora de se casar religiosamente com a mulher prestes a chegar de Pernambuco. Dizendo-se ameaçado de morte pela amante, Manuel Ferreira Fonteles conseguiu que a índia fosse presa na cadeia de Aquirás, não devendo ser solta se não após a realização do casamento. A filha ficaria sob seus cuidados de pai. (ARAÚJO, 2000, p. 71-2):

Manuel Ferreira Fonteles projetou-se no campo político e social da Região. Chegou ao posto de Tenente do Regimento de Ordenanças, ajudou na construção da Igreja de Santana do Acaraú em 1739. O Juiz Ordinário da Câmara de Fortaleza, nos anos de 1741 a 1745, foi eleito Juíz Ordinário da Ribeira do Acaraú, tomou posse em 1746. O Tenente Manuel Ferreira Fonteles faleceu aos 74 anos de idade, em 3 de abril de 1761, sendo sepultado na capela de Santana do Acaraú, igreja que ajudou a construir. (ARAÚJO, 2000).

De acordo com as fontes descritas, pode-se concluir que a formação das famílias santanenses envolveu um triângulo amoroso, o qual era permeado pelo amor entre um “homem branco” e uma “índia” e a realização de acordo matrimonial entre Fonteles e Peixoto. Entender a formação desse laço matrimonial é refletir sobre a constituição da união entre culturas diferentes sendo mantidas pelos acordos matrimoniais e como negócio financeiro, o

qual traria benesses para ambos os ‘envolvidos’ na transação matrimonial. É importante destacar o cuidado que a coroa tinha na formação da nação e da pureza das ligações amorosas oficiais. A formação da linhagem familiar de Santana do Acaraú teve como consequência o fim da união amorosa de Fonteles com a Índia Tapuia, o que pode nos remeter às obras indianistas de José de Alencar, onde o mesmo destacava os romances entre homens brancos e civilizados e os bons selvagens. Na sequência desses romances sempre havia empecilhos, os quais impossibilitava a consumação desse amor. Em Santana do Acaraú não foi diferente.

2.2 DA CONDIÇÃO DE VILA À CATEGORIA DE MUNICÍPIO

Em 29 de agosto de 1848, foi criada a freguesia de Sant’Ana, através da Lei Provincial nº 465 e elevada sua capela à categoria de matriz. Após quinze anos Santana é elevada à categoria de vila com a denominação de Santana do Acaraú pela Lei nº 1.012 de 3 de novembro de 1862, sendo desmembrada de Acaraú e torna-se cidade em 30 de agosto de 1876 em virtude da Lei nº 1.740 (MENEZES, 1965).

O município de Santana do Acaraú obedece a uma formação baseada na constituição de fazendas que o originou. A união dos proprietários que tinham como pretensão elevá-la a categoria de vila está vinculada a um fato curioso, pois durante o período em que Santana do Acaraú era apenas um povoado, na província a lei que determinava a evolução da categoria de povoado à categoria de vila estava baseada na condição destes povoados adquirirem 50 fogos, ou seja, era necessário que existissem 50 casas de família ao redor da capela. E assim com o trabalho e esforços dos fazendeiros o povoado foi elevado à categoria de vila.

Neste aspecto, Santana do Acaraú é uma das cidades mais velhas do Vale do Acaraú, ficando atrás apenas das cidades de Sobral e Acaraú. De acordo com a colaboradora da pesquisa, Conceição Tomaz, historiadora, em seus relatos, descreve os diferentes topônimos de Santana do Acaraú: Olho D’Agua, Curral Velho, Senhora Sant’Ana, Sant’Anna do Acarahu, Licânia e Santana do Acaraú. O primitivo nome Olho D’Agua, foi pelo fato de que quando chegaram no serrote, encontraram um jorro d’água que espalhava correndo pelas pedras suas bonitas cascatas. Pe. Antonio Tomaz, chamava Olho D’Agua das Almas.

Quando passou para o nome Senhora Sant’Ana, homenagem a padroeira da capela, e com o decorrer dos anos ficou sendo chamada apenas Santana, com o qual foi criado o Município. *Sant’Anna do Acarahu*, o quarto nome não surgiu do acaso, se originou pelas

comemorações do dia 16 de julho de 1876, quando Frei Cristovão de Lisboa fez sua promessa de construir no local um templo consagrado a Senhora Sant'Ana que ficou sendo chamado até 20 de dezembro de 1931.

O decreto nº 1.114 de 30 de dezembro de 1943, foi outorgado o nome de Licânia, pelo fato da grande produção de oiticica no Município, destacando a importância desta árvore na economia local. Neste período houve o desmembramento do território do Marco. O referido nome não teve muita aceitação entre seus pátrios, que os levou a se expressarem através de um hino feito para o município, naquele momento, observe na letra do hino.

Hino a Santana

I

Foi Santana

Teu nome foi mudado para Licânia

Sinto saudade dos tamarineiros

Frondosos da cidade

Parece mentira, mas é verdade (Bis)

II

Santana o teu nome foi mudado

Por causa dos teus filhos descuidados

Hoje Licânia é que vigora

Mas no meu coração esta não mora.

Finalmente o último nome Santana do Acaraú, que vem se consagrando por vários anos, recebido pelo decreto nº 153 de 22 de dezembro de 1951, por força política na administração de João Alfredo de Araújo, que resgata as velhas histórias religiosas do município. Em 1985, coube a Nicodemos Araújo, compor o novo Hino do Município, destacando a grandeza de sua terra e de sua gente, como se observa na composição de sua letra.

HINO DE SANTANA DO ACARAÚ

Deus te guarde, cidade bonita,
No constante labor de tua gente!
Que prossigas na luta bonita,
Construindo um progresso crescente.

Refrão Salve, Santana do Acaraú!
Bela e querida de norte a sul
Com teus anseios de evolução
Teus filhos todos sempre estarão.

Estes jovens – que são teu futuro –
Hão de mais elevar-te na história.
No caminho feliz da vitória

Salve Santana do Acaraú, etc.

O teu povo, com amor e bom gosto,
Alinhou muito bem teu perfil,
Que, nas praças e ruas exposto,
Constitui um primor do Brasil.

Salve Santana do Acaraú, etc.

O trabalho e na paz permanente
Tenhas sempre um distoso presente.
Na esperança de um grande porvir.

Salve Santana do Acaraú, etc.

Santana do Acaraú uma cidade que leva aflorar o sentimento de pertencimento e de identidade em fazer parte do lugar. Uma característica espacial está também expressa na representação da cidade em 1926, em foi dividida em dois bairros “Sant’Anna e São João, os quais estão ligados por uma ponte chamada de Ponte sobre a Lagoa da Caridade, de sólida construção que mede 106 metros de comprimento sobre 3 de largura, aberta no centro por 3 arcadas, que proporcionam espaçoso e livre trânsito.” (O MUNICÍPIO DE SANT’ANNA, 1926, p. 189).

Figura 07: Largo Coronel Manoel Joaquim, década de 1930

Fonte: Acervo particular D. Conceição Tomaz, 2015.

A praça Padre Antonio Tomaz, arborizada era ponto de convergência entre três ruas. Ao sul alargava-se bastante em relação a sua extremidade norte que abria-se em quatro vias de comunicação com o resto da cidade. Sendo a primeira: a ponte que segue para o bairro de São João, segundo: o beco ao poente, para o rio; terceiro: o início da rua 7 de Setembro que se estende até a cadeia, que lá está alvejando na extremidade, e quarto: a leste, a rua da viação (O MUNICÍPIO DE SANT'ANNA, 1926).

Como apresentado anteriormente a cidade era formada por apenas dois bairros “Sant’Anna e São João, em expansão, essa antiga organização espacial, deu lugar a outros bairros. Atualmente, a cidade se apresenta com outra organização espacial (Mapa 02) com tendências vinculadas ao moderno, sua configuração foi em sua maioria substituída e/ou destruída ocasionando rupturas com as antigas relações sociais. A divisão espacial da cidade sofreu modificações e cresce no entorno do bairro centro.

Figura 08: Divisão da Cidade em Bairros

Fonte: IBGE (adaptação, 2015)

Desta forma, no centro da cidade há uma tentativa de preservar as antigas construções. Casas residenciais passam a assumir novas funções. Os espaços arborizados cederam lugar para habitações e um comércio variado em expansão, um ambiente construído e densamente ocupado por edificações diversas, ruas, avenidas e até mesmo áreas degradadas.

Hoje, a paisagem é diversificada, caracterizada por casas de pequeno e médio porte, um comércio voltado para os gêneros alimentícios (mercearias, frigoríficos, padarias, bares e lanchonetes), lojas de material de construção civil, oficinas (mecânicas, eletrônicas e móveis), *cyber-café*, farmácias e lojas de roupas.

Esta transformação do espaço urbano santanense nos conduz a uma exemplificação que os antigos casarões dos coronéis, construídos com cômodos interligados, com altos telhados, beirais trabalhados, calçadas altas (por causa das cheias do rio Acaraú); foram com o passar dos anos “retalhadas” no intuito de cederem lugar para a construção de casas bem menores, para servirem de morada dos filhos e dos netos (O MUNICÍPIO DE SANT’ANNA, 1926).

A análise destas modificações na paisagem de Santana do Acaraú nos conduz a refletir sobre as transformações que têm ocorrido no espaço geográfico desse município e, sobretudo, refletir sobre as forças que a moveram. Assim, o modo como se configura o espaço hoje influencia diretamente nos modos de vida de seus habitantes, gerando contradições, novas formas de pensar e agir e comportamentos que irão, de certa forma, repercutir na história desse município. Segundo Santos (1996):

O espaço é um fato social [...] um fato histórico, na medida em que reconhecemos como um elemento de um conjunto e realiza assim uma dupla função que lhe assegura, efetivamente, a condição de fato histórico: de um lado, ele se define pelo conjunto mas também o define; ele é simultaneamente produtor e produto; determinante e determinado; um revelador que permite ser decifrado por aqueles mesmos a quem revela; e, ao mesmo tempo, em que adquire uma significação autêntica, atribui um sentido a outras coisas. (SANTOS, 1996, p. 130).

Como fato social o espaço é ocupado pela sociedade que o transforma, sofrendo alterações de acordo com as novas técnicas que são introduzidas e assimiladas pelo processo de novas construções, ações de demolições de ambientes construídos e readaptações em suas funções (forma e conteúdo).

A influência na dinâmica e na vida da sociedade ocasionando novas relações com o espaço. Essas relações muitas vezes são contraditórias e divergentes, pois a dinâmica espacial gera nas pessoas significados diferentes, pelo fato de atribuírem um sentido aos elementos socialmente espacializados, conforme Oliveira (2011, p.30). “O espaço carrega as marcas, os significados, os elementos de uma sociedade e se torna a materialidade do acúmulo das relações travadas através do tempo e da vivência” E ainda em consonância com o autor:

[...]as transformações no sistema de objetos afetam/recriam/redirecionam diretamente o sistema de ações, influenciando no comportamento, nas práticas sociais, nos ritmos e na significação do espaço. É pautado nessa relação dialética que o espaço, em sua totalidade, sofre mutações, pois a sociedade estimulada por questões de ordem capital, cultural e emocional, se desloca, transforma, constrói e recria, levando assim a alterações significativas evidenciadas no espaço (OLIVEIRA, 2011, p. 31).

Em Santana do Acaraú essas alterações podem ser percebidas na configuração da paisagem e são um tanto quanto muito evidentes, visto que a paisagem antiga se contrapõe a nova paisagem e ambas dividem o mesmo espaço.

Neste contexto, pode compreender que as formas e as estruturas espaciais afirmam que ambas são ativas e não passivas “mesmo que sua autonomia, com relação a outras estruturas espaciais, seja relativa” (SANTOS, 2008, p. 45). Porém as formas espaciais acabam por obrigar as outras estruturas sociais a modificar-se, buscando uma adaptação, à medida que não possam criar formas novas.

Essa adaptação é perceptível na cidade de Santana do Acaraú, visto que os elementos que compõem o espaço sofreram modificações e hoje exercem funções sociais variadas. Isso não é um fato acabado, pois “a cada momento a totalidade existe como uma realidade concreta e está ao mesmo tempo em processo de transformação” (SANTOS, 2008, p. 45).

Pode-se constatar em Santana do Acaraú, em sua configuração heranças de uma arquitetura peculiar, como algumas casas, igreja e alguns casarões do final do século XVIII, XIX e início do século XX, que tiveram funções diferenciadas em alguns momentos do processo de construção da cidade.

Porém, percebe-se também que apesar das imposições do sistema de produção do espaço como totalidade, Santana do Acaraú traduz na paisagem uma riqueza histórica e cultural, pois separa e ordena de alguma maneira a ampla variedade de atitudes e valores relacionados com o meio ambiente físico do homem acentuando-os ou distorcendo-os. (TUAN, 1983).

As características de atitudes e valores podem também ser relacionadas à compreensão do território como espaço que “compõe de forma indissociável a reprodução dos grupos sociais, no sentido de que as relações sociais são espacial ou geograficamente mediadas e de que a territorialidade é inerente à condição humana” (HAESBAERT, 2006, p. 78).

Nesta perspectiva, o lugar e o território são conceitos que nos ajudam a explicar as relações que a sociedade criou em diferentes espaços e como fruto de uma efetiva ocupação que se traduz nas ações construídas historicamente em um dado espaço vivido. O que leva Tuan (1980) conceituar a topofilia como os laços afetivos entre as pessoas e os territórios, percebidos através de experiências e percepções que desencadeiam sensações diferenciadas de apego com uma determinada terra, lugar ou região.

Essa ligação pode ser percebida, em traços do comportamento, no caso de alguns santanenses, que demonstram através da luta pela preservação do patrimônio arquitetônico e cultural, o amor pelo seu lugar.

A palavra “topofilia” é um neologismo, útil quando pode ser definida em sentido amplo, incluindo todos os laços afetivos do seres humanos com o meio ambiente material. Estes diferem profundamente em intensidade, sutileza e modo de expressão. A resposta ao meio ambiente pode ser basicamente estética: em seguida, pode variar do efêmero prazer que se tem de uma vista, até a sensação de beleza, igualmente fugaz, mas muito intensa, que é subitamente revelada. A resposta pode ser tátil: o deleite ao sentir o ar, água, terra. Mais permanentes e mais difíceis de expressar, são os sentimentos que temos para com um lugar, por ser o lar, o *locus* de reminiscências e o meio de se ganhar a vida (TUAN, 1980, p. 107).

Segundo o qual pode ser definido como um estado ideal de sinergias entre a topofilia e o desenvolvimento territorial; implica a existência de agentes de desenvolvimento e uma atitude construtiva no sentido de entender a identidade territorial como recurso para o desenvolvimento.

Assim, afirmam que pode ser relevante no sentido da identificação e avaliação dos elementos que podem contribuir para a promoção de modos de vida sustentável, baseado no sentido de pertença a um território de residência, trabalho e/ou lazer que reflete os níveis de satisfação com as condições ambientais, sociais, econômicas, culturais e outras, proporcionadas nesse território e na atratividade cultural, que podem promover novas atividades econômicas para a introdução de inovação social nesse mesmo espaço.

Desta forma, o patrimônio cultural abrange todos os aspectos que se relacionam aos modos de vidas das pessoas residentes em Santana do Acaraú, não só os relacionados à arquitetura. Mas, o conteúdo histórico as lembranças e sobretudo, a memória coletiva e as experiências que são vividas no lugar.

Figura 09: Procissão Congresso Eucarístico 1948 Figura 10: Passeata política década de 1960

Fonte: Acervo Memorial Pe. Arakén, 2015

O lugar é visto como um produto da experiência humana, portanto muito mais que o sentido geográfico de localização, pode envolver os tipos de experiência e envolvimento com o mundo, a necessidade de raízes e segurança (RELPH, 1979). Ou ainda, “lugar como um centro de significados construído pela experiência” (TUAN, 1975)

Este ato refere-se ao sentimento de pertencimento, os laços de afetividade que desenvolvemos ao longo de nossas vidas a partir da convivência com o lugar e com as pessoas, percebemos esse sentimento muito forte nos moradores de Santana do Acaraú, como é o caso da D. Ilnir que se emociona em descrever sua história de vida que em alguns momentos se confunde com a história de sua casa. Esses sentimentos são carregados de sensações e emoções, principalmente porque nos sentimos seguros e protegidos (MELLO, 1990); que nos transmite boas recordações e também a sensação de lar (TUAN, 1975).

Nas palavras de Buttimer (1985 apud Leite 1998, p.10), “lugar é o somatório das dimensões simbólicas, emocionais, culturais, políticas e biológicas”. Desta forma, buscou-se indagar sobre esses valores atribuídos ao que se refere à disposição/organização espacial da cidade, bem como as diferentes relações históricas dos habitantes que influenciam o contexto.

Percebeu-se a cidade como um produto da sociedade, que se transforma sim, visto que o mundo é dinâmico, mas que a cultura é produto dos modos de vida das pessoas e esta pode e deve ser preservada ou pelo menos conservada, pois é fruto do conjunto das diversas

experiências que promove a atratividade cultural e pode gerar novas atividades econômicas a partir da introdução de inovação social nesse mesmo espaço.

Portanto, a presente reflexão faz parte do princípio de discutir iniciativas que possam levar os cidadãos santanenses a ter uma maior autonomia social através do conhecimento de sua história e, através disso lutar para que o poder público venha a reconhecer o patrimônio como algo que é fruto de uma diversidade de experiências vividas por pessoas que ajudaram a fazer a história do lugar.

Assim, estes aspectos são fundamentais para edificar o município de Santana do Acaraú e que tiveram forte influência na cultura, tanto no passado como no presente. O patrimônio é então, o produto da vivência das pessoas, é estrutura e testemunho de vários períodos, que pode ser contado às novas gerações como meio para a construção de sua(s) identidade(s) e deve ser conservado pois assim, estar-se-á conservando traços importantes da historicidade e da memória, pois segundo o sociólogo francês Maurice Halbwachs (1920 apud CARVALHAL, 2006), as memórias são construções dos grupos sociais, portanto, são os grupos sociais que determinam o que é “memorável” e as formas pelas quais será lembrado.

2.3 A HERANÇA DAS EDIFICAÇÕES

Pensar em patrimônio é também refletir sobre a sua ligação com a identidade dos sujeitos que elegem o espaço e suas construções e tradições como elementos constitutivos do conceito de patrimônio e da necessidade da sua preservação. Afinal, segundo Scarlato (2009, p. 21) a noção de patrimônio para os brasileiros “tem por base os bens representantes da produção do espaço como símbolos de identidade”, identidade essa despertada a partir do início do século XX. Esse momento de concepção da formação identitária do Brasil desenvolve-se a partir da formação do território interligando-se a noção de patrimônio com identidade, espaço e política.

No século XX o nacionalismo explodiu com maior ênfase nos meios políticos e sociais do país. Esse período foi o momento de intensas transformações tanto no contexto econômico, como sócio cultural, transformações que incentivaram uma nova forma de pensar a nação.

Essa nova concepção de nação que emerge nesse momento, também exige a formação de uma identidade nacional, a qual deveria conferir sentido às diferenças e desigualdades que constituíam o país. Nesse sentido, ao pensar na formação territorial de Santana do Acaraú, também refletimos sobre a formação da origem de suas famílias “fundadoras”. Significa analisar a constituição dessas famílias e como essas construíram seus laços de pertencimento com o território da cidade.

Portanto, pensar a noção de identidade significa refletir sobre o mundo e a consciência do sujeito como parte constituinte do espaço, entendendo como essa relação é construída. Dessa forma, refletir sobre o sujeito, os valores, sentidos e símbolos, sua cultura e a do mundo que ele está inserido. A identidade é formada na "interação" entre o eu e a sociedade.

A identidade, nesse aspecto, tem como objetivo central, preencher o espaço entre os sentidos e a materialidade do homem, ou seja, entre o mundo pessoal e o mundo público. Somos conscientes de que o homem projeta a "si próprio" nessas interligações que mantêm com a cultura e com o espaço, ao mesmo tempo que absorve seus significados e valores, tornando-os "parte de si".

Entender a origem das famílias de Santana do Acaraú, contribui para a realização de uma análise dos sentimentos subjetivos com os lugares objetivos que são mantidos pelos seus habitantes em relação ao patrimônio e sua preservação. A identidade, então, constrói um elo de ligação entre sujeito e espaço, patrimônio arquitetônico e cultural. Ao mesmo tempo, possibilita a existência de uma estabilidade entre seus habitantes e as expressões culturais onde eles estão inseridos, tornando-os, assim partes diversas, ao mesmo tempo que, unidas na constituição do patrimônio histórico e cultural da cidade.

A forma de representar as relações herdadas do período colonial em Santana do Acaraú, não foge à regra, da tendência nacional. Buscou-se destacar as representações da construção civil, pelas casas de moradia, as casas grandes (sobrados). Como expressão das construções do Estado, presente na cidade, a cadeia pública. E como representação do poder religioso, a capela e a igreja situadas no centro da cidade.

2.3.1 A Capela Sant’Anna do Olho D’Água – 1739

Figura 11: Igreja Nossa Senhora Sant’Ana 2016

Fonte: Acervo da Secretaria de Cultura, Turismo, Desporto e Juventude do Município, 2016

A Igreja Nossa Senhora Sant’Ana é reconstituída pela narrativa do colaborador da pesquisa Leandro Costa (2012) que ajudou na leitura dos documentos antigos da igreja e consulta aos arquivos públicos, mantendo alguns trechos na íntegra dos fatos ocorridos na cidade.

A partir da promessa do Frei Cristóvão de Lisboa feita à Santa Ana em 16 de julho de 1626, o padre Antônio dos Santos da Silveira construiu, próximo à sede de sua fazenda, a Capela de Sant’Ana do Olho D’água e Almas em 31 de julho de 1739. Naquele momento não havia arquitetos. Então, o padre Silveira convidou alguns dos mais importantes fazendeiros coronéis que moravam nas circunvizinhanças da Capela: Coronel Sebastião de Sá Barroso, Sargento – mor Antônio de Sá Barroso, Capitão Manoel Ferreira Fonteles, Jeronimo de Albuquerque, Cláudio de Sá e Amaral e Antônio Coelho de Albuquerque que emitiram suas opiniões sobre onde e como a Capela deveria ser construída (O Município de Sant’Anna, 1926).

Em 06 de outubro de 1739, foi realizada a primeira missa pelo Padre Silveira, após a capela benta devido à legislação em vigor, constituiu um patrimônio para ela, no mesmo dia, perante o Tabelião João Lobo de Macedo, assinando a escritura de doação que teve como testemunhas o Padre Miguel Gonçalves Maragos e Arnaud de Holanda e Vasconcelos.

A celebração da missa na Capela de Sant'Anna do Olho D'Água e Almas aos domingos e nos dias santos, contava com a presença dos coronéis fazendeiros, suas famílias e empregados que moravam desde meia até cinco léguas de distância da capela e dela se intitulavam fregueses (O MUNICÍPIO DE SANT'ANNA, 1926).

Segundo o livro O Município de Sant'Anna (1926), além dos fazendeiros supracitados, identificavam-se como membros da comunidade desta Capela. Muitos dos seus participantes uniram suas famílias por laços matrimoniais. Vários deles são troncos de famílias ainda hoje presente em Santana do Acaraú.

A Capela de Sant'Anna do Olho D'Água e Almas foi o local de muitas destas uniões e dos casamentos de escravos destes senhores, como por exemplo: o casamento de dois escravos do Coronel Antônio Coelho de Albuquerque entre uma índia e um negro. Como pode ser observado no trecho abaixo:

Aos vinte e hum de Mayo de mil setecentos e quarenta e oito em a capella de S. Anna corridoz os banhos nesta freguesia sem impedimento em presenza do padre Antonio dos santos de minha licenza se receberão por palavras de presente Antonio do gentio de guinë e Cathirina Tapuya escravos de Antonio Coelho (...) (Livro um da Diocese de Sobral, casamentos, 1741 - 1769 fls 111vs).

O Município de Sant'Anna, 1926, com a partida do Padre Silveira, ao retornar à cidade de Olinda em Pernambucana, em 15 de Novembro de 1751, devido às calúnias e perseguições sofridas da parte do Superintendente das Minas, Antônio Gonçalves de Araújo. Assim, o procurador Coronel Antônio Coelho de Albuquerque, foi nomeado para ser o administrador da Capela.

O Superintendente acusou o Padre Silveira de negar informações sobre uma suposta mina de prata revelada pelo Frei Cristóvão quando fazia referência ao manuscrito onde relata sua passagem pelo território que hoje corresponde à cidade. Ao tomar conhecimento que o Frade usava uma linguagem figurada, quando afirmava que naquele terreno havia uma mina de prata, o Superintendente tratou de planejar a transferência do padre para Olinda.

O padre, antes de partir, porém, entregou ao coronel Antônio um caderno onde contava a história da Capela; e “prognosticou-lhe que aquela capela, um dia, no correr dos tempos, viria a ser o centro de congregação de um povo, forte por suas virtudes cívicas, notável em si, e pela representação de seus filhos, onde quer que a sorte os conduzisse” (O MUNICÍPIO DE SANT’ANNA, 1926).

Antônio Gonçalves solicitou informações a Antônio Coelho de Albuquerque, sobre a mina e, mais uma vez, nada encontrou, conseguiu através do visitante Veríssimo Rodrigues Rangel demitir-lhe da função de administrador da Capela no dia 22 de Agosto de 1760. Em seu lugar ficou o Cura da Caiçara Manoel da Fonseca Jayme.

O referido Cura percebeu que a população residente nas fazendas, no entorno da Capela, não era pequena. Desse modo, contratou como capelão o Padre Ignácio Gonçalves da Silva, tendo ele tomado posse no dia 1º de janeiro de 1761 e nomeado oficialmente no dia 12 do mesmo mês, tornou-se administrador de seus bens. Ao conhecer a história da suposta mina de prata, em conversa com Antônio Coelho de Albuquerque, o Capitão Cláudio de Sá Amaral comprou uma légua de terra que pertencia ao Padre Silveira no dia 30 de Janeiro de 1761. A intenção era única, encontrar a dita mina (O MUNICÍPIO DE SANT’ANNA, 1926).

No fim, não achando minério de valor nas referidas terras e aproveitando a presença do visitante José Ferreira de Azevedo, Cláudio de Sá Amaral cedeu as terras que comprou para o patrimônio da Capela que passou a ser administrado pelo poder público a partir do dia 18 de maio de 1767.

2.3.2 Igreja São João Batista – 1871

Figura 12: Igreja São João Batista 2015

Fonte: Acervo da Secretaria de Cultura, Turismo, Desporto e Juventude do Município, 2015

A construção dos espaços santanenses, vem acompanhada por uma relação discursiva entre o nascimento da população e a construção do patrimônio cultural da cidade. A construção da Igreja de São João Batista, ocorreu por volta do ano de 1871, sua elevação foi obra da dedicação do Padre João Francisco Dias Nogueira, a qual custou cerca de seis contos de reis. Segundo narrativa do colaborador da pesquisa Leandro Costa, 2015, sobre a construção da Igreja, lê-se:

O frontispício que a Igreja apresenta atualmente, apesar de elegante, não excede em beleza ao que pelo padre João Francisco Dias Nogueira, fora modelado. Tendo sido o frontispício despedaçado por um raio no ano de 1880, o qual destruiu parte da Igreja, sendo dessa forma rapidamente montada uma comissão de socorro que fez levantar-lhe frontispício e o seu interior de forma agradável, tendo o asseio necessário e a decência indispensável (Informação Verbal, 2015).

Esta narrativa permite compreender que o processo de formação se deve à ação dos interesses da população, acompanhada de uma participação efetiva da igreja. A construção da igreja atendia às necessidades sentimentais da população, frente a sua fé e fortalecimento da cidade. No que se refere aos interesses da Instituição religiosa, percebe-se que ela tinha como

objetivo primordial fortalecer a fé e aproximar-se da população que se encontrava em processo de formação. Segundo colaborador da pesquisa Leandro Costa, 2015:

No ano de 1862 no mês de novembro o Revmo. Dr. José Antonio de Maria Ibiapina com suas belas missões edificou um cruzeiro à frente da capela. Neste tempo não existia patamar que era por metade, havia apenas paredes arruinadas pertencentes a uma cega de nome Justina. A causa que deu origem a esta Igreja foi um triste acidente ocasionado pelo desabamento das paredes do cemitério, chegando a matar algumas crianças que habitavam a Casa da Caridade. Das festas de Nossa Senhora das Candeias que era organizada pela Casa da Caridade, logo surgiu a festa de São João Batista tornando-se histórica na via dos santanenses. Essa Igreja eternizará o nome do seu construtor que será recordação saudosa no seio da população santanense. (Informação Verbal, 2015).

A narrativa esclarece que a construção da igreja, se deu a partir do fato trágico, a queda da parede da igreja e a morte de algumas crianças. O fato trágico é elemento presente nas narrativas hagiográficas (biografia de santos). O qual faz do acontecimento trágico o elenco transformador da realidade. Nesse sentido, a construção da igreja de São João Batista, vem acompanhada desse elemento na sua constituição. Fato que gerou na população uma maior relação de proximidade entre a igreja e a cidade.

A trajetória da construção da igreja é fortalecida pelo discurso de aproximação entre o povo e o prédio em questão. Segundo relato do colaborador de pesquisa Leandro Costa (2012) “a transformação da Igreja, não corresponde à beleza que a mesma apresentava antes da reforma”. Ainda com base no colaborador da pesquisa, na década 1940, ocorreu a reforma realizada pelo prefeito Coronel João Alfredo de Araújo.

A mística em torno da festa da Igreja de São João Batista, envolve a identidade da população e a formação do acervo arquitetônico da cidade. As festas eram o ponto alto da Igreja, o momento em que a cidade e toda a sua população preparava-se para o evento, tanto a cidade passava por reformas e manutenção enquanto as pessoas se vestiam com suas melhores roupas assim como vinham de todos os lugares para dela participarem. Segundo a colaboradora Conceição Tomaz, 2015 em entrevista:

No tempo das festas, era uma transformação na cidade, você precisava ver, vinha gente de todo canto, as procissões era a coisa mais linda você não conseguia ver o fim de tanta gente. Também tinha as quermesses, todo mundo participava, era uma festa pra família toda(...) Vinha gente de todo canto, de fora, as pessoas passava o ano se preparando pra essa festa comprando roupa, e ajeitando as casa...(Informação Verbal, 2015).

Como pode ser notado pela narrativa, as festas da igreja eram o momento de evocação da identidade e da cultura local, o momento em que o patrimônio era elevado a sua condição de parte integrante e significativa na vida da cidade e da população. A partir da última reforma, pela qual passou a igreja, foi realizado um discurso pelo Padre Aguinaldo o qual está transcrito a seguir:

Quero citar os responsáveis pela construção do templo, e ao mesmo tempo agradecer a todos aqueles “in memoriam” celebrando esta missa em sufrágio de suas almas. Hoje estamos realizando um desejo de nossa nova geração da comunidade por sua restauração e temos que por aqui agradecer a todos pela doação que prestaram a igreja. Prestamos aqui uma homenagem especial aos contribuintes: Terezinha Menezes, Terezinha Alves, Rita Alves e várias famílias da Av. São João, e que esta festa tem como objetivo fortalecer a fé e aumentar a espiritualidade das pessoas da comunidade (Informação Verbal, 2012).

O discurso de agradecimento à reforma da igreja, simboliza a nova forma de pensar o patrimônio a partir dos desejos e intuítos da transformação e modernização deles, a fim de atender às necessidades impostas pela sociedade e a economia global, uma sociedade que busca além de tudo o estado Keysiano, o sentimento de bem-estar social, o qual é possível a partir da inovação e transformação do sentido de patrimônio no seio da sociedade.

2.3.3 Casa grande: O sobrado Padre Arakén

Figura 13: Sobrado Pe. Arakén

Fonte: Acervo do Memorial Pe. Arakén, 2015.

As construções com dois andares sempre constituíram, na história das cidades brasileiras, um sinal de grande poder monetário, status social e gosto requintado. Assim, o sobrado do padre Arakén, o único de sua época e o único ainda hoje em seu bairro quanto ao estilo, muito pode contar do ramo da família Frota que habitou e habita a cidade de Santana do Acaraú: a história da família “Frota” orgulha suas raízes portuguesas, de grande status social não só em Santana do Acaraú, como membros de sua família de renome local (Padre Francisco Arakén da Frota), regional (Dom José Tupinambá da Frota) e até nacional (Dom Jerônimo Tomé da Silva, Bispo Primaz do Brasil).

Conforme o Livro O Município de Sant’Anna, 1926, e um Manuscrito que legou ao Memorial da Paróquia de Nossa Senhora Sant’Anna a Senhora Rosa Eronides Pereira, o referido sobrado foi construído, na década de 1840 do Século XIX, pelo Coronel Manoel da Frota de Maria (avô materno do Padre Arakén acima referido) localizado na rua à época denominada 28 de Setembro, no local onde ficava a casa de taipa da fazenda do Padre Antônio dos Santos da Silveira, fundador da Capela em honra a Santa Ana que deu origem à Igreja matriz.

No relato que faz sobre Santana do Acaraú em seu livro Notas de Viagem, Antônio Bezerra (1965, p. 63) afirma que “A parte norte, onde se acha a igreja de N. S. Santana (...) tem os melhores prédios, observando eu, em alguns, certo asseio, comodidade e ricos móveis, que indicam prosperidade ou pelo menos amor de seus proprietários ao luxo.”

Nos leva a pensar que a mobília e a organização da casa desta pequena porção da Família Frota não destoavam das demais do Bairro de Santana, nome pelo qual era conhecido o atual bairro da Matriz naquela época. Antes de passar, em 2004, pela reforma e pela restauração parcial que lhe resgataria da deterioração que vinha sofrendo há 33 anos, o mesmo tinha uma estrutura interna bem diferente da que hoje se encontra: pisos superiores de madeira, uma escada de madeira que ligava o piso superior à sala contígua à Loja de tecidos do Coronel Manoel da Frota, outra escada em espiral que ligava os pavimentos superiores à cozinha que mais tarde foi dividida e transformada em duas casas que hoje lhe são vizinhas e outra no último piso que o comunicava com um mirante, estrutura para a observação da paisagem circundante.

Conforme o manuscrito supracitado foi neste sobrado que Manoel da Frota de Maria e Constança Maria do Carmo Sousa Lima tiveram seus filhos: Antônio Epaminondas da

Frota, Maria Luísa da Frota, José (nasceu e morreu) e Úrsula Amélia da Frota (mãe do padre Arakén).

O filho Epaminondas com doze anos saiu para estudar em Fortaleza (depois para os Estados Unidos estudar Engenharia Civil) e Maria Luísa quando se casou com José Mendes Pereira de Vasconcelos, Advogado e fundador do Jornal: O Município de Sant'Ana.

No sobrado, muitas vezes, o senhor Frota recebeu de maneira principesca alguns de seus ilustres parentes: Dr. Manoel Joaquim da Rocha Frota (operou, com outro colega médico, a prima Úrsula), Dom Jerônimo Tomé da Silva (Bispo primaz do Brasil), Monsenhor Diogo José de Sousa Lima (vigário da Meruoca e de Sobral), seu irmão Padre Miguel Francisco da Frota (o Pároco de Santana em 1849), Dr. Antônio Plutarco Lima (Advogado de renome em Sobral), dentre tantos outros.

Morrendo os patriarcas, o sobrado ficou aos cuidados de Dona Úrsula Amélia Frota, filha do Senhor Frota que, casando com o primo Manoel Lúcio Carneiro da Frota, ali viveu e gerou o filho Francisco Arakén da Frota.

Foi no velho sobrado que inúmeras vezes, vestindo as anáguas da mãe como se fossem uma batina, enfeitando pequeninas mesas como se fossem altares, que o menino Arakén brincava de rezar missas que eram assistidas pelos empregados da casa. Tais brincadeiras eram um prenúncio da vocação e missão Sacerdotal que exerceu durante vinte e quatro anos em sua terra natal e única Paróquia.

Morou o Padre Arakén no velho sobrado de seus avós enquanto com ele viveu a mãe, que faleceu a 22 de Dezembro de 1938 de maneira súbita. Com a morte da mãe, o mesmo mudou para uma casa que era herança de seus pais localizada na esquina oposta à do sobrado.

Anos depois o Padre Arakén cede o sobrado ao Professor Isaías Thomaz para que o mesmo leve a funcionar como um Educandário. Enquanto, o Pe. Joaquim Severiano e ao Pe. Luís Mendes Frota (seu sucessor na direção da paróquia) cede a sala do andar de cima a fim de que ali funcionasse a sede do Jornal A Defesa que circulou em Santana de 1945 a 1947.

Após o fechamento do Jornal e do Educandário, Padre Joviniano Loiola Sampaio, que foi pároco da cidade de 1947 a 1949 e de 1951 a 1965, utilizou o velho sobrado como espaço para as reuniões de diversos grupos paroquiais. Ao sair da paróquia Padre Joviniano, o sobrado tornou-se casa e escola do Maestro José Alberto Silva que teve, dentre seus pupilos o

recém falecido maestro José Ataíde e outros companheiros membros de uma das bandas de música mais antigas do Vale do Acaraú.

O maestro José Alberto ao partir da cidade deixou o sobrado fechado, onde permaneceu por 33 anos e em deterioração. Somente em 2004 passou pela reforma a que nos referimos anteriormente, realizada pelos padres José Valter da Costa e Agnaldo Temóteo da Silveira a fim de que o mesmo lhes servisse de Casa paroquial, uma vez que o Vigário Emérito Padre Francisco José Aragão e Silva, padecendo de profunda depressão não podia mudar da antiga Casa Paroquial.

Falecendo o padre Aragão, os padres Agnaldo e José Valter mudam-se para a antiga Casa Paroquial, ficando o Sobrado reformado mais uma vez como espaço para as reuniões dos grupos e pastorais. Em 17 de Julho de 2007, Padre Agnaldo Temóteo da Silveira, assumiu o posto de Pároco, inaugura, após um ano de trabalho e pesquisas, juntamente com Francisco Leandro Costa, O Memorial da Paróquia de Nossa Senhora Sant'Anna, pequenino Museu situado no segundo andar do sobrado. Esta sucessão de fatos mostra a importância de um edifício histórico como signo da cultura material e imaterial de um povo.

O velho sobrado do padre Arakén, traz em suas paredes e na metamorfose de sua estrutura o testemunho de um legado religioso como representação da Igreja Católica no ambiente da cidade que pode ser contado às gerações futuras como meio para a construção de sua(s) identidade(s).

2.3.4 Casa Grande: O Sobrado Jaburu

Figura 14: Sobrado Jaburu – 2015

Figura 15: Sobrado Jaburu - 2015

Fonte: Acervo da Secretaria de Cultura, Turismo, Desporto e Juventude do Município

Uma casa, de maneira muito mais sensível, testemunho presente no espaço que conta muito sobre o tempo dos que ali viveram, haja vista que a mesma é construída conforme o poder aquisitivo do dono e, seu espaço interno é organizado conforme a história de seus moradores. O sobrado Jaburu, situado na Avenida São João, é uma das poucas edificações com mais de um andar construído na Santana do Acaraú do Século XIX.

A referência ao mesmo com o nome de Jaburu é do Século XX e deve-se ao nome de um bar que funcionou em seu andar mais elevado. Em um quarto térreo do mesmo, com frente para a Avenida São João, destinado para fim comercial, teve o Senhor Otávio Gregório sua bodega onde vendia desde gêneros alimentícios até doses de aguardentes.

Estas são as memórias mais conhecidas dos Santanenses quando se indaga sobre o velho sobrado, uma vez que poucos conhecem sua história mais remota. O Livro O Município de Santana (1926) afirma que pertencia à Senhora Teodora Geracina de Andrade, viúva do Tenente Francisco Leôncio de Andrade, rico comerciante, membro do destacamento da Guarda Nacional que funcionava na cidade, Coletor Provincial em uma das gestões da Câmara Municipal e doador do Sino da Capela da Casa de Caridade, objeto que faz parte do conjunto das peças que estão em exposição permanente no Memorial da Paróquia de Nossa Senhora Sant'Ana.

Embora, a referência supracitada traga o segundo nome da mulher do Senhor Leôncio de Andrade de maneira diferente da Cronologia Sobralense e da Genealogia Sobralense, que a ela se referem como Teodora Leoncina de Andrade, todas são unânimes em afirmar que os mesmos são os pais de Joaquim Anselmo de Andrade, pai de Padre Arnóbio Andrade, um dos ex - párocos da cidade.

Em 1993 o sobrado Jaburu foi um dos locais de cenas do filme longa metragem: A Saga do Guerreiro Alumioso, do Cineasta Rosenberg Cariri. Uma destas foi gravada na bodega do Senhor Otávio Gregório (que era ainda vivo) e outras no seu último andar. Hoje, embora resguardado por uma lei municipal que impede sua descaracterização e demolição, encontra-se em franco processo de abandono e deterioração.

2.3.5 Patronato Sant'Ana

Figura 16: Patronato Sant'Ana

Figura 17: Patronato Sant'Ana

Fonte: Acervo Memorial Pe. Arakén, 2015

O patronato Sant'Ana foi construído no século XIX, o referido foi casa do padre Francisco Theótime de Maria Vasconcelos e de sua sobrinha Ana Greviz. É um dos poucos prédios históricos de Santana do Acaraú que ainda não foi arrastado pela torrente de certo modernismo que assola a cidade.

Nos anos de 1884 o mesmo tinha como única vizinha a casa de parapeito do senhor João Ribeiro pessoa Montenegro, tinha como rua de fundos uma rua denominada à época de Rua da Viração e como rua lateral a Rua Sete de Setembro, atual rua João Cordeiro. Já modificado em seu interior pelas Freiras da congregação Filhas de Santana, que nele moram desde 1960 quando o Padre Joviniano Loyola Sampaio o comprou do Senhor João Batista de Araújo Vasconcelos. O mesmo mantém sua magnífica fachada com treze janelas de frente, uma platibanda que já não se vê ou se percebe em muitos dos prédios históricos da cidade e bicas cujas bocas têm formato de bocas de jacaré.

A importância deste edifício está nos muitos usos que se fizeram dele ao longo de sua existência. Além de residência do Padre Theótime, assumiu as funções de Cartório Eleitoral da cidade quando era Juiz Dr. Danúzio Studart Gurgel (desembargador que faleceu em março do ano passado), de Delegacia de polícia, foi a primeira loja de tecidos do Senhor Antônio Pompeu, consultório do dentista, natural da cidade de Chaval, Dr. Epitácio Oliveira, alfaiataria de um tal senhor Venâncio e, por certo tempo, residência do Senhor João

Crescêncio. Hoje o referido sobrado além de casa das irmãs Filhas de Santa Ana, é abrigo de inúmeras crianças desnutridas que ficam para serem recuperadas de sua desnutrição.

2.3.6 Praça Padre Antonio Tomaz

Figura 18: Praça Pe. Antonio Tomaz – Busto

Figura 19: Praça Pe. Antonio Tomaz – Radiadora

Fonte: Acervo da Secretaria de Cultura, Turismo, Desporto e Juventude do Município, 2015.

A praça Padre Antônio Tomaz fica localizada no centro da cidade de Santana do Acaraú, construída no século XIX. Na praça existem dois monumentos, sendo o primeiro um monumento fúnebre (busto) que representa a parte superior do tronco humano que pode ir da cintura a cabeça. Assim, o busto feito em homenagem ao Padre Antonio Tomaz que leva também o nome da praça.

Na verdade, o segundo era o local onde estava instalada uma radiadora para anunciar as notícias locais e entretenimento com músicas para os moradores da época. Com o surgimento da televisão e mais tarde com sua difusão, ainda em menor escala, o acesso à população se tornou possível, através do governo local que a comprou instalou na praça para exibir a todos. Assim, a radiadora fora substituída pela televisão como entretenimento dos moradores que não tinham condições para comprar. Na foto acima, pode ser observado o formato da TV onde ficava situada a tela.

Mas, nos dias atuais, na cidade todos adquiriram (em maior escala) sua própria televisão, não sendo mais necessário manter a TV na praça. Mas, o registro desse fato ficou

no espaço da praça. Então, como denominar hoje esse testemunho do passado? É um monumento, assim como o busto do Padre Antonio Tomaz?

Para esclarecer sobre a definição de monumento, pautou-se na compreensão de Choay (2006, p. 26) que explica que o sentido original do termo vem do “latim *manumentum*, que por sua vez deriva de *monere* (“advertir”, “lembrar”), aquilo que traz a lembrança de alguma coisa”. Desse modo, a sua natureza afetiva quanto ao seu propósito é essencial. Não basta só apresentar, dar uma informação neutra, mas de levar a tocar pela emoção como uma memória viva.

O que deve ser considerado como monumento é tudo aquilo que for edificado por uma comunidade de indivíduos para rememorar ou fazer outras gerações de pessoas rememorarem acontecimentos, sacrifícios, ritos ou crenças. Assim, ele pode ser subdividido em dois tipos de monumentos:

O monumento é uma criação deliberada (*gewollte*) cuja destinação foi pensada a priori, de forma imediata, enquanto monumento histórico não é, desde o princípio desejado (*ungewollte*) e criado como tal; ele é construído a posteriori pelos olhares convergentes do historiador e do amante da arte, que o selecionam na massa dos edifícios existentes, entre os quais os monumentos representa apenas uma pequena parte. Todo objeto do passado pode ser convertido em testemunho histórico, sem que para isso tenha tido, na origem uma destinação memorial. De modo inverso, cumpre lembrar que todo artefato humano pode ser invertido de uma função memorial (CHOAY, 2006, p.26).

Então, com base em Choay (2006) pode-se afirmar que na praça Padre Antonio Tomaz tem dois monumentos, sendo o primeiro o busto um Monumento Histórico por ser fruto das ações construídas pelo padre ainda vivo, para a cidade, envolvendo a política, economia e sobretudo a religião. Construído a *posteriori* pelo poder local e com o reconhecimento do povo de Santana do Acaraú. Enquanto, o segundo apenas um monumento criado de forma deliberada pelo poder local para satisfazer os moradores e cujo ação imediata não se estende ao logo dos tempos. Como pode ser verificado nos dias atuais sua representação de forma simbólica, não responde aos requisitos da população contemporânea, mas é um registro de dado contexto.

2.3.7 Cadeia Pública

Figura 20: Cadeia Pública Santana do Acaraú – Início do Século XX

Fonte: Acervo Memorial Pe. Arakén, 2009.

A construção da cadeia pública de Santana do Acaraú deu-se no contexto do período de estiagem que durou de 1877 a 1878; ocasião em que era presidente da Província do Ceará o Dr. José Júlio de Albuquerque Barros.

Em Santana, além da distribuição dos gêneros alimentícios, várias frentes de trabalho foram criadas para o socorro da população atingida pela seca: a construção da Cadeia pública, da Casa da Câmara, de um espaçoso quarto no Mercado público, do Cemitério São Sebastião (que na época ficou inconcluso) e da Ponte sobre a Lagoa da Caridade, além da reconstrução de parte da Igreja São João, de um lado da Igreja matriz, da muralha da Casa de Caridade, do nivelamento de várias ruas e o aterramento de terrenos que formavam lagoas.

No livro o Município a Cadeia é assim descrita:

Um largo corredor com dois portões de ferro, diametralmente oppostos, divide-a em duas partes iguaes: o lado direito contém três prisões distintas, e o lado esquerdo uma só, destinda a prisões communs; e todas ellas comportões de ferro que abrem para o corredor, e janelas gradeadas que deitão para um pateo encerrado por uma alta muralha, offerecem a precisa segurança e comodidade do infeliz detento (...) A segunda (o quartel), como se vê, corre nos fundos da primeira, serve-lhe de muralha

nessa parte; tem a frente Oeste, e divide-se em cinco compartimentos com as necessárias accommodações ao seu fim. (...) Uma só calçada rodêa os dois edifícios ao longo da muralha que os une, alargando-se em forma de patamar à frente da Cadeia... (O Município de Santana, páginas 197 e 198). (O MUNICÍPIO DE SANT'ANNA, 1926)

Antônio Bezerra, quando por aqui esteve assim relata sua visita à cadeia pública do Município de Santana:

Visitei a cadeia pública, situada no extremo sul da cidade, quase por detrás da Casa de Caridade. É pequena, baixa, mas de excelente construção. Destaca-se ao longe por achar-se isolada na planície. Examinei os compartimentos, travei conversa com os encarcerados, e por ser a prisão o termômetro do atraso de um povo, lamentei de coração a sorte dos desgraçados que não tiveram os benefícios da instrução. (BEZERRA, 1965, p. 70).

A princípio distante da cidade, a Cadeia encontrava-se numa porção da rua 7 de Setembro que posteriormente foi urbanizada. No ano de 2010 a mesma passou por uma reforma, apesar de despreocupada com manutenção da originalidade, para oferecer aos detentos condições mais dignas de sobrevivência do que aquelas que tivemos oportunidade de conhecer quando ali exercemos missão de evangelização: cômodos escuros, péssimas condições hidráulicas e elétricas, telhado que na estação invernososa não protegia os detentos da chuva.

3 O ESPAÇO NOSSO DE CADA DIA: PATRIMÔNIO, MEMÓRIA E PERMANÊNCIA

O presente capítulo abre espaço para abordar de forma objetiva parte e/ou vivências guardadas na memória dos santanenses que podem ser revividas ou referenciadas através de registros materiais (edificados ou artefatos) como heranças de seus antepassados, que em si, representam outro momento, marcados no tempo e edificados no espaço, como rugosidade, considerada por Santos (1997). Assim, pensa-se como o espaço vivido aquele identificado e reconhecido pela memória do patrimônio material e imaterial.

3.1 O CENTRO DA CIDADE: O LUGAR DAS PERMANÊNCIAS E MEMÓRIA

As cidades são fruto da criação do homem, são elas representações de seus desejos, ânsias e experiências. Mesmo sabendo que as cidades são organizadas urbanisticamente por um grupo social ou político, seus habitantes fazem uso da apropriação para em seus espaços irem constituindo suas vivências, suas experiências, fortalecendo e definindo sua identidade. Nesse sentido, quando os monumentos dessas cidades começam a sofrer alterações, transformações, ou mesmo são destruídos, essas ações levam junto consigo, parte dos sentidos que ele representa para aqueles que mantêm laços de afetividade.

O desaparecimento de um banco da praça pode representar a perda da referência da memória ou objeto que faz lembrar acontecimentos ou encontros em dado momento, onde nasceram amizades, amores, encontros enfim, onde a vida manteve-se e enraizou laços de convivência afetiva com espaço vivido. É também nos espaços da praça que os amigos se reuniam para conversar, paquerar e até mesmo jogar. Quando essa praça é transformada ou mesmo destruída, ela leva consigo parte significativa das memórias e experiências daqueles que com ela constituíram relações de afeto e identidade. Em Santana do Acaraú, a praça Pe. Antonio Tomaz faz parte da história de vida de muitos santanenses, amizades foram feitas, amores iniciados, encontros e desencontros.

Figura 21: Praça Pe. Antonio Tomaz e ao fundo Bairro São João

Fonte: Própria.

O simples ato de passar por uma praça, onde já não mais existe “aquele” banco, faz a praça perder seu encanto, faz com que os moradores da cidade busquem outros caminhos para não mais se deparar com a ausência do monumento que para eles era ponto de referência e lembranças de uma vida.

A modificação dos espaços causa um atordoamento no cotidiano dos moradores, traz um sentimento de vazio, de saudosismo. Sensação de que foi apagado algo da vivência, destruída pelos novos interesses de um grupo ou de um indivíduo. No entanto, esses monumentos vão continuar a existir nas lembranças e experiências de muitos. O certo é que cada vez que o espaço da cidade é alterado, aos poucos vão se perdendo pedaços do espaço vivido e das referências espaciais.

É essa a rotina de quase todas as nossas heranças dos ambientes construídos, vista como “paisagem atual, representa um tempo do passado, nem sempre é visível como tempo, nem sempre é redutível aos sentidos, mas apenas ao reconhecimento, que chamemos *rugosidade* ao que fica do passado como forma” (SANTOS, 1997, p. 111). É assim que acontece em vários lugares, em Santana do Acaraú, no centro da cidade, onde ainda se podem encontrar alguns exemplos de processo de supressão, acumulação, superposição dos

ambientes construídos no lugar. Observa-se que algumas formas passadas (ambientes construídos) em bons estados de conservação com poucas ou quase imperceptíveis alterações estruturais, mas também se encontram diversos outros transformados não apenas estilisticamente, como também fisicamente mal convertidos em ambientes modernos. Por exemplo, o casarão da família Rios, construída na década de 1920 e até hoje mantém-se preservada.

Figura 22: Casa família Rios década de 1920

Figura 23: Casa família Rios ano de 2015

Fonte: Secretaria de Cultura, Turismo, Desporto e Juventude do Município, 2015.

Nos deparamos também com registros de casas que não tiveram a mesma atenção e foram totalmente demolidaS e construídaS em seu lugar uma construção moderna, sem nenhum registro do que existia.

Figura 24: Casa família Tomaz década de 1920

Figura 25: Casa família Tomaz 2015

Fonte: Acervo D. Conceição Tomaz, 2015

A exemplo da representação acima, na cidade, é comum deparar-se em, dado momento, com prédios conservados, como parte da lembrança e história do povo e, no outro dia, serem destruídos, alterados em sua essência. Motivados pelo modernismo, pela questão econômica, social, cultural e política, que a sociedade contemporânea apresenta.

Atualmente, em Santana do Acaraú, vêm ocorrendo ações semelhantes, ou seja, alguns casarões vêm sofrendo adaptações estruturais em prol de uma modernização que irá trazer benefícios econômicos a um pequeno grupo social. Já outros espaços são adaptados, de forma a manter parte da estrutura original. Na maior parte dos casos, as transformações acontecem no interior dos prédios, mantendo-se a estrutura externa na forma original. Essas ações vêm promovendo uma “para-preservação”, para uso do setor público. Entendemos essa prática como uma ação política e que é vista por alguns como forma de preservação do patrimônio da cidade.

Figura 26: Fachada de Escola Fada Madrinha 2015

Fonte: Secretaria de Cultura, Turismo, Desporto e Juventude do Município, 2015

Segundo depoimentos de alguns moradores de Santana do Acaraú, essa é a única e melhor forma de preservação que a cidade encontrou; no entanto, outros defendem que o correto seria manter os prédios que ainda existem e que são considerados como parte da história do município, com sua arquitetura original, afinal, esses espaços são símbolos de

outros tempos, mantém viva a importância da cidade para seus habitantes e até mesmo para pessoas de outras cidades pertencentes à Região Norte. As transformações desses espaços simbolizam a perda de referenciais. Pessoas que passam pela cidade e que tinham esses espaços (prédios) como símbolos, defendem que perderam parte da história.

Leandro Costa em entrevista em abril de 2015, relata:

Segundo a Senhora Rosa Eronildes Pereira, o referido casarão, foi construído no final do Século XIX, por um Coronel. O casarão que ficava na rua à época denominada 28 de Setembro, local de realização de muitos bailes e encontros da sociedade (Informação Verbal, 2015).

Revela-se aqui o lugar através das lembranças, da memória. Em análise feita por Bosi (1994) ao estudar a psicologia da memória, toma como referência Henri-Louis Bergson (1859 – 1941) para analisar a memória de mulheres e homens idosos, pressupondo a existência de *estofa social* da memória. Explica que Bergson interessa-se pela fenomenologia da lembrança, comprovada ao longo de narrativas registradas. Assim, compreendemos que a memória da moradora Rosa Eronildes Pereira, citada no depoimento de Leandro Costa, é formada pela imagem que circunda seu cotidiano, como meio físico e social em que vive. Em consonância com Bergson “a percepção dispõe do espaço na exata proporção em que a ação dispõe do tempo” (BERGSON, 1959 apud BOSI, 1994, p.45).

Para Halbwachs (1991) que desenvolve a mesma linha de discussão, analisando os desdobramentos e refinamentos da obra de Bergson, esclarece, com base no mesmo que o universo das lembranças não se constitui do mesmo modo que o universo das percepções e das ideias. A memória do indivíduo, depende de seus relacionamentos, sejam eles familiares, sociais, profissionais ou religiosos.

Portanto, compreendemos que a memória individual depende dos relacionamentos que o indivíduo mantém com seus grupos de convívio e com os grupos em que está inserido. O ato de lembrar é provocado, na maioria das vezes, pelo desencadeamento de sentidos que podem ser estimulados pela observação de imagens, o contato com cheiros ou sensações. Lembrar, portanto, não se trata de sonhar e sim de um trabalho da mente desencadeado por sensibilidades diversas.

Segundo Halbwachs (1991) a lembrança como ressurreição do passado seria impossível, pois basta a menor alteração do ambiente para que a memória seja atingida em sua qualidade mais íntima. Para tanto seria necessário que se mantivessem intactos os hábitos, o sistema de representações e as relações sociais. “Na realidade, não há percepção que não esteja impregnada de lembranças” (BERGSON, 1959 apud BOSI, 1994, p.46). A percepção como parte constituinte da lembrança vista como uma imagem construída pelos equipamentos que ainda resistem à ação do tempo.

A memória individual e a memória coletiva, ambas, estão inseridas no grupo social ao qual o sujeito está ligado, assim como as suas experiências afetam diretamente a sua memória, percepção e objetos desencadeadores de memória. Desta forma, pensa-se a relação instituída entre a memória e o patrimônio, como um emaranhado de sentimentos, que são formados entre a cidade e os habitantes. Sentimentos de pertença, valores que não são passíveis de medidas e controles, para os quais não existem normas ou leis estabelecidas, apenas se vivenciam e se transmitem sob as formas de relatos e de escritos (ROSA, 2015).

Preservar constitui um ato de manutenção do testemunho dessas manifestações culturais, sejam elas materiais ou imateriais, possibilitando a uma dada sociedade, se reconhecer, se valorizar, e constituir seus referenciais para o futuro com outros. O bairro do centro de Santana do Acaraú concentra o maior número de edificações que pode ser considerada como acervo do patrimônio arquitetônico e histórico. Infelizmente, hoje, vem sendo vítima de transformações, adaptações, remodelações, especulação imobiliária, dada as exigências de áreas para atividades comerciais ou mesmo para a construção de novas instalações urbanísticas.

O Centro da cidade, antes privilegiado como lugar das elites, vem nos últimos anos cedendo espaço para os rentáveis empreendimentos urbanos que são os pontos comerciais. Esses vêm se espalhando por todas as cidades em uma velocidade impressionante, apesar de existir ainda na cidade de Santana do Acaraú, um grupo de moradores que resiste às especulações imobiliárias e insistem em manter suas moradias de forma original, muitas vezes enfrentando os interesses econômicos internos e externos, familiares e de particulares, como observa na história oral do Pe. Aguinaldo Silveira, com 34 anos e ex-pároco de Santana do Acaraú:

hoje já é bem diferente de quinze anos atrás você não precisa ir muito longe grande parte dos prédios pelo menos na sua fachada poderiam ter sido conservada foram destruídas e no lugar foram feitas construções mais modernas, no censo comum é assim o que aparece na vista é o mais bonito por isso é o que deve ser posto. Ainda não existe esse gosto, essa sensibilidade para perceber que as construções antigas além da sua beleza própria trazem consigo toda uma história que tem significado profundo (Informação Verbal, 2015).

Ainda há situações similares, especialmente no interior do Estado do Ceará, onde essas memórias vivas, de uma ou de outra forma, ainda convivem com a idéia de preservação, de salvaguardar a memória. Essas experiências demonstram a relação existente entre arquitetura e consumidores do espaço, que resistem em seus locais de origem e contam suas histórias, como forma de mantê-las vivas, e ainda, suas lembranças e suas experiências.

3.2 AS TRANSFORMAÇÕES DO ESPAÇO URBANO: PROBLEMAS NA CONSERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO.

Ao caminhar pelas ruas do Centro de Santana do Acaraú é como caminhar entre dois mundos, de um lado se depara com um acervo arquitetônico ainda em seu estado original. Do outro lado, encontra-se um grande número de construções adequadas a uma estética contemporânea, permeada de granito, metais, imensos portões de alumínio, que faz lembrar espaço fechados pela insegurança.

Dessa forma, torna-se fácil perceber que em Santana do Acaraú, existe uma luta silenciosa entre os que preservam os bens culturais em suas diversas formas e do outro lado, um mercado imobiliário que busca, incessantemente, apropriar-se dos casarões antigos, a fim de adaptá-los a seus interesses econômicos. É um olhar sobre a cidade concebida por uma concepção cultural e assim torna-se diferenciada no conjunto de seus moradores:

[...] mas são variadas as maneiras como as pessoas percebem e avaliam essa superfície. Duas pessoas não vêem a mesma realidade. Nem dois grupos sociais fazem exatamente a mesma avaliação do meio ambiente. A própria visão científica está ligada à cultura – uma possível perspectiva entre muitas (TUAN, 1980, p. 6).

Com olhos na paisagem do centro da cidade, logo nos faz perceber as obstruções ocasionadas pela construção de duplex, que aos poucos vão disputando espaço com a visão do horizonte. Em qualquer lugar do Ceará, onde ainda existam exemplares edificadas de alguma época remota e onde a especulação imobiliária esteja em plena expansão, facilmente se

observa a demolição desse patrimônio, cotidianamente. O caso de Santana do Acaraú, não é um caso isolado, e sim mais um.

No entanto, existe algo que desperta uma aura de encanto que envolve as pessoas. Deparar-se com uma casa antiga, leva a imaginar por quanto tempo ela vai resistir. Embaixo daqueles telhados de beirais largos e madeiramento gasto, onde famílias habitaram, quantas situações diferentes vivenciaram? Será que lá ainda habitam os sonhos e a esperança? São pensamentos como esses que fazem com que paremos e fiquemos a observar essas casas, e imaginar como era a vida de seus habitantes. Para Tuan (1980) os pertences de uma pessoa são a extensão de sua personalidade ao ser privados resulta em diminuir seu valor como ser humano, na sua própria estimação e nos explica que:

As imagens da toponímia são derivadas da realidade circundante. As pessoas atentam para aqueles aspectos do meio ambiente que lhes inspiram respeito ou lhes prometem sustento e satisfação no contexto da finalidade de suas vidas. As imagens mudam à medida que as pessoas adquirem novos interesses e poder, mas continuam a surgir do meio ambiente: as facetas do meio ambiente, previamente negligenciadas são vistas agora com toda claridade. (TUAN, 1980, p. 137).

Esta realidade circundante permite observar as velhas edificações que despertam a capacidade de percepção, pois leva a observar os detalhes da construção, até mesmo o tipo de material utilizado na construção. Logo se percebe que parte do material foi transportada de outros países. Além da trajetória percorrida pelos materiais de algumas dessas construções, ainda há o fator tempo. Quantos dias não foram necessários para que a construção fosse concluída? E agora, nada tão rápido quanto à velocidade com que são destruídas ou deturpadas em sua essência.

Figura 27: Parte da Casa da Caridade demolida

Fonte: Particular.

A demolição da Casa da Caridade é um dos exemplo de mudança na paisagem de um bairro de Santana do Acaraú, parte da casa foi totalmente demolida e outra parte, transformado em garagem para veículos de grande porte. Não é possível passar entre as ruas de Santana do Acaraú, e não se deparar com um novo aspecto a ser pensado e refletido, sobre seu patrimônio arquitetônico. Até mesmo quando esse patrimônio, já sofreu a ação do tempo e sobraram apenas ruínas. Portanto, são essas caminhadas pelo Centro da cidade que deram motivação para trilhar os roteiros da memória dessas pessoas que significaram para elas opção de vida e morte, de continuidade ou de esquecimento como podemos observar no relato feito pelo colaborador, Leandro Costa:

O sobrado Jaburu casa do bisavô do Pe. Arnóbio, Jose Leôncio de Andrade, os ramos dos Andrades são de Sobral, muitas famílias sobralenses tem raízes em Santana. Os Montenegros, os Ferreiras da Ponte... muito desses casarões foram feitos para moradia e posteriormente utilizados para comercio, um exemplo clássico: o sobrado do Patronato de Santana pertencente ao Coronel, não me recordo o nome, já funcionou a loja de roupa do Sr. Antonio Pompeu, a delegacia, foi com o padre Teótime, alfaiataria. Essas informações tem na coletânea do Audifax. O sobrado do padre Arakén, já foi salão paroquial, sede do jornal a Defesa que circulou na década de 40, séculos XX. Já uma das primeiras Escolas de Santana, onde lecionava o Pe. Antonio Tomás, o Educandário Santanense, hoje é a Casa da Cultura, era um casarão, a fachada foi modificada, os casarões passaram da função de moradia para funcionar prédio publico ou comercio (Informação Verbal, 2015).

Portanto, compreende-se que assim como a circularidade da existência do homem, também é o patrimônio arquitetônico de uma cidade. Uma morte silenciosa não anunciada, mas de repente sabida, às vezes, passa despercebida pela maioria de seus habitantes, mas sentida por aqueles que com esse patrimônio constituíram laços de afetividade e identidade (BOSI, 1994).

A memória desses prédios antigos é constituída a partir de sentimentos, de experiências individuais ou coletivas, elas permeiam o imaginário das pessoas. Os sentidos de pertencimento, de inserção espacial, os laços identitários, todos eles nascem com o espaço vivido.

Dessa maneira, compreende-se que o homem pode derrubar as paredes, arrancar os telhados, mas ainda assim o lugar reservado à memória sobrevive na lembrança de seus moradores, mantendo-se vivo para seus habitantes. E assim ficarão registrados em nossos sentidos que sempre virão à tona através do olfato, do nosso paladar, de nossa audição e da imagem guardada em nossa memória. O Educandário Santanense permanece vivo e de pé na memória de alguns santanenses.

Figura 28: Educandário Santanense, década de 1920.

Foto: Acervo D. Conceição Tomaz, 2015.

O fato de ter nascido em Santana do Acaraú, que permite descrever e resgatar, as lembranças e as memórias dos meus avós e tios, assim como de ter passado a infância correndo pelas calçadas e pelas ruas do centro, tudo isto faz nutrir esse sentimento de ser parte constituinte dessa cidade e de suas transformações nas últimas décadas.

Hoje, olhar a cidade, com um olhar de gestor, com experiência nas secretarias de Cultura, Turismo, Desporto e Juventude e depois na Secretaria de Educação, faz repensar as transformações na atualidade vem trazendo na arquitetura da cidade, viajar rumo a um tempo de infância, quando os casarões mais pareciam obras gigantescas que acumulavam histórias cheias de conteúdos que revelavam a origem das primeiras famílias e grupos sociais da cidade.

Essa transformação pode ser vista em cidades de grande ou pequeno porte, a alteração silenciosa de seu desenho, da sua forma, que emergem como razão de transformações para a melhoria da vida de seus habitantes, vem gerando problemas de estrutura e ordem social. Com a ideia do novo, as casas em seus estilos, suas formas vêm sendo modificadas e aos poucos as cidades passam a perder suas peculiaridades.

Ao considerar a experiência e a vivência como cidadão, buscou-se ir além do caráter descritivo do lugar, mais, interpretar a paisagem formada pelo acervo arquitetônico, e que a questão patrimonial torna-se um estudo capaz de entender os sentidos dados a esse patrimônio. Assim, as relações construídas pelos habitantes da cidade, em dados momentos, possibilitam torná-los recordadores no presente, pois o ato de lembrar não se traduz em reviver, mas de refazer a experiência vivida no lugar. Em consonância com Bosi (1994, p. 55) “na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e idéias de hoje, as experiências do passado”. E pensar que:

(...) nem por um instante se trata de refazer exatamente um espetáculo que já pertence ao passado. Mas necessito revivê-lo inteiramente, de uma maneira nova e pictórica desta vez, e assim, fazendo, dar a mim mesmo a possibilidade de um novo choque (LESCURE, 1993, p. 17).

Pensando como Lescure (1993) e Bosi (1994) ao investigar o passado através da vivência de seus habitantes permitiu revelar uma memória coletiva e individual do sujeito que participa da cidade na sua totalidade como lugar de produção, encontro, lazer que ficam registrados nos ambientes construídos. Em consonância com uma visão fenomenológica, isto

é, “uma análise e uma descrição do mundo tal como as pessoas fazem sua experiência direta, fora das categorias recebidas e com mínimo de preconceitos possível” (CLAVAL, 2007, p.53).

O acervo arquitetônico pode ser percebido na paisagem do centro da cidade de Santana do Acaraú. É possível identificar as edificações do período colonial e dispersos em áreas centrais. Ainda não protegidos como patrimônio tombados, estando sujeitos a modificações, depreciação, dilapidação e demolição conforme os interesses de um determinado grupo social.

O acervo arquitetônico concentra no bairro centro, formado pelas ruas: Dr. José Mendes, José Mariano, João Cordeiro, avenida São João e praça da Matriz, principais vias de acesso da cidade, onde estão a maioria dos serviços comerciais, encontra-se também os principais prédios antigos de Santana do Acaraú. Segundo o IBGE (2010), a população urbana de Santana do Acaraú é de 15.402 habitantes, este contingente populacional representa 51% da população da cidade.

Disperso na paisagem urbana atual, o acervo arquitetônico da cidade, se encontra imerso em meio ao novo desenho urbanístico que a cidade adquiriu nas últimas décadas. Transformações essas que parecem não ter levado em consideração a importância desses prédios para a cidade. Afinal, nenhuma estratégia, foi utilizada para manter a relação dos espaços contemporâneos com os prédios preservados, nem em sua concepção nem em sua estrutura física. A impressão que se tem é de que o novo e velho estão desconectados, como mundos à parte. Isso ocorre, no entorno desses prédios velhos de forma quase que impreterível.

O primeiro passo dessa busca seria com o intuito de descobrir onde os estilos arquitetônicos guardam os registros de outros tempos, e onde estão dispostos dentro da cidade. Colher as impressões dos lugares onde elas ainda resistem, como se nessa atitude fosse possível identificar a localização de cada acervo patrimonial, nem que fosse através de sua imagem.

Mapear cada patrimônio edificado da cidade seja: residenciais, comerciais ou prédios públicos e construir um acervo fotográfico da arquitetura e da representação de um outro tempo, começando pelos prédios que ainda resistem à ação do homem e do tempo, localizados na área central da cidade. No centro, por ser o berço do nascimento da cidade. Dando

À medida que se inteirava do múltiplo valor desses monumentos, percebia que esse trabalho apontava para além de um inventário, por mais rico e ilustrado que fosse. Havia muito mais do que pedra, madeira e tijolos em meio a esses prédios. Adentrar em meio a esses patrimônios é entrar em contato com um mundo pulsante de tempo e memórias e testemunhar um mundo de grandes transformações urbanísticas da cidade. Entrar numa temporalidade que além de familiar é uma vivência urbana. Como bem ressalta:

Com efeito, a casa é, à primeira vista, um objeto rigidamente geométrico. Somos tentados a analisá-la racionalmente. Sua realidade inicial é visível e tangível. É feita de sólidos bem talhados, de vigas bem encaixadas. A linha reta predomina. O fio de prumo deixou-lhe a marca de sua sabedoria, de seu equilíbrio. Tal objeto geométrico deveria resistir a metáforas que acolhem o corpo humano, a alma humana. Mas a transposição para o humano ocorre de imediato, assim que encaramos a casa como um espaço de conforto e intimidade, como um espaço que deve condensar e defender a intimidade. Abre-se então, fora de toda racionalidade, o campo do onirismo (BACHELARD, 1957, p. 64).

Algumas questões são levantadas. Como diferenciar o material do imaterial? Como adentrar nessas experiências de vida que se encontram no imaginário das pessoas, nos seus arquivos de família? Como entender tudo isso? E essas pessoas que ainda salvaguardam suas memórias, que vêm nesses prédios pontos de referência, signos de uma vida inteira.

Não podemos entender que a construção de uma cidade está parada no tempo, mas, que ergue-se sobre o presente e o passado em constante movimento, quando deixa no lugar o registro das edificações que contam o contexto de outros tempos, mas que preserva-se na memória de seus habitantes.

3.3 URBANIZAÇÃO E A PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO EDIFICADO

A cidade é um espaço, por excelência da mudança, como fala o poeta que “a forma de uma cidade muda mais depressa, lamentavelmente, que o coração de um mortal” (BAUDELAIRE apud GOFF, 1998, p.143). Esta é uma constatação factual que caracteriza seu ritmo independente da rapidez ou da velocidade que os eventos, as formas e conteúdos dessa mudança aconteçam. Mesmo nas cidades pequenas essas mudanças são facilmente percebidas na paisagem. Assim, pode-se afirmar que a mudança é uma constante que se impõe ao processo de urbanização da cidade.

Esta compreensão de que a cidade está sujeita a constantes mudanças nos levou a refletir e a responder por que então analisa o Patrimônio Arquitetônico da cidade de Santana do Acaraú? Como falar de patrimônio ou defender aquilo que representa o passado, se à cidade vive em constantes mudanças? Como o cidadão da cidade de Santana do Acaraú pensa sobre o acervo histórico e cultural? Esses questionamentos levaram a pensar nessa unidade de discussão com ou quais os elementos culturais, sociais e políticos estão presentes no imaginário, como fruto da lembrança e memória das pessoas que vivem a cidade. Nesse sentido, perceber através da vivência dos cidadãos.

Desse modo, a fala das pessoas ajuda a perceber sentimentos, emoções e valores históricos e culturais que estes têm com o acervo arquitetônico de Santana do Acaraú, buscando assim, entender como reagem às mudanças advindas do processo de urbanização, visto como necessário e/ou inevitável à cidade.

Pensando nas pessoas que moram na cidade como sendo as mais importantes, sobretudo as que nasceram e se criaram no município, que compartilharam todos os momentos de suas vidas: espaço da família, espaço de trabalho, espaço de lazer, ou seja, aqueles que criaram laços afetivos mais fortes, onde efetivamente nasce a identidade com o lugar.

Lugar como sinônimo de sentimento de pertencimento, de lembranças guardadas na memória de quem a vivencia. Assim, através da história oral de seus moradores e em especial os representantes institucionais, perceber como essas mudanças chega até eles, e mais, como pensam acerca do acervo arquitetônico que existe na cidade de Santana do Acaraú.

não é muito do meu domínio, eu cheguei, a saber, da existência dessa casa *Art Decór* em uma ocasião que fui a um encontro em que a professora Giovanna descrevia alguns estilos arquitetônicos de Sobral e quando vi na projeção uma casa lembrei que em Santana havia semelhante. O que tem nos traços comuns nos casarões de Santana, as platibandas, os casarões do século XIX, todos eles tem platibandas, outra marca são as bicas decoradas outros desenhos nas arcadas das janelas e das portas, antes da destruição de alguns casarões eles tinham clara-boia, como cornijas e orifícios na base da casa, por que muitos casarões tinham uns quartos interiores alguns tinham parte subterrânea, a estrutura dessas casas eram feitas para no auge do calorão, onde os coronéis pudesse ter um frescor um conforto maior de temperatura, tanto é que se você observa os telhados altos. Uma casa que ainda traz resquícios é a casa do pai o seu Ariston, que fica no final do bairro são João. Os avos do padre Arnóbio foi quem construiu o famoso sobrado jaburu, tem uma arquitetura que você encontra semelhante somente em recife, inclusive ta caindo ele é protegido por lei. (Informação Verbal, 2015)

É notável na descrição do colaborador sobre o estilo arquitetônico presente na cidade, que não há um conhecimento sobre sua estrutura. Embora, reconheça detalhe com base no grau de influência arquitetônico da época, principalmente da região norte do Estado, em destaque, a cidade de Santana do Acaraú. Contudo, é sabido que um dos primeiros passos da ação para preservar tais ambientes construídos como patrimônio é dotar de conhecimento acerca desse acervo, reconhecer como fruto da origem da cidade e das formas de relações que foram estabelecidas no lugar.

Ao consultar a Prefeitura do Municipal de Santana do Acaraú, especificamente a Secretaria de Cultura, Turismo, Desporto e Juventude, constatou-se que não existe nenhum projeto que seja direcionado a preservação do patrimônio, o que existe segundo o Diretor de Cultura da Secretaria, Sra. Delizier Souza, é apenas um levantamento feito em 2009 do acervo arquitetônico cultural, e na mesma época, foi feita uma parceria com a Paróquia na tentativa de fortalecer o Memorial Padre Arakén.

Em consulta a Câmara Municipal de Vereadores do município, constatou-se a existência da Lei nº 712/2011 de 08 de fevereiro de 2011, que trata da inclusão do prédio do Sobrado Jaburu no Patrimônio Histórico e Cultural de Santana do Acaraú, vale ressaltar que esta Lei é de pouco conhecimento da população.

É interessante perceber que há também uma identificação do acervo patrimonial da cidade tanto na sua forma material, quanto imaterial, como pode ser observado na fala do colaborador acerca do que considera como patrimônio histórico de Santana do Acaraú.

a promessa do frei Cristovão de Lisboa, o mito fundador, toda a história escrita pelo padre Jose Mendes e seus companheiros no jornal folha o município de Santana, os próprios vultos de Santana, o senador João Cordeiro, filho de Santana, outro vulto que o santanense desconhece padre João Tomas da Frota. As pinturas rupestres do serrote da rola, mesmo antes da escrita o ser humano encontrou maneiras de transmitir mensagens. O açude carnaúbas. (Informação Verbal, 2015)

A cidade de Santana do Acaraú encontra suas raízes em um mito fundador, o qual fala de uma promessa feita a Sant'Ana, pelo frei Cristovão de Lisboa, após ter sido salvo, da provável morte, ao ser perseguido pelos índios Tapúias, e chegou à Região, onde em agradecimento a Sant'Ana, construiu um lugar de veneração a Santa. Esse espaço por ele idealizado foi instaurado em local distinto do imaginado por ele, no entanto a cidade nasce alimentada pelo mito fundador. (O MUNICÍPIO DE SANT'ANNA, 1926)

Para compreensão sobre o mito fundador é importante explicar com base em Chauí (2007) quando explica que o mito no sentido etimológico se traduz em uma narração pública de feitos lendários da comunidade. Mas, pode assumir um sentido antropológico, a compreensão de uma narrativa que leva a uma solução imaginária para tensões, conflitos e contradições que não encontram meios para serem resolvidos no mundo real.

Assim, o mito fundador pode ser explicado como à maneira de toda *fundatio*, esse mito impõe um vínculo interno com o passado que não cessa nunca. Na verdade, o mito fundador é aquele que não cessa de encontrar novos meios para exprimir-se, novas linguagens, novos valores e ideias, de tal modo que, quando mais parece ser outra coisa, tanto mais é a repetição de si mesmo (CHAUÍ, 2007).

Desta forma, ao utilizar o termo fundação (fundador) se deve ao fato de referir-se a um momento passado imaginário, tido como instante originário que se mantém vivo e presente na história da cidade, isto é, a fundação visa algo tido como perene (quase eterno) que traveja e sustenta o curso temporal e lhe confere sentido.

O mito fundador oferece um repertório inicial de representações da realidade e, em cada momento da formação histórica, esses elementos são reorganizados tanto do ponto de vista de sua hierarquia interna como da ampliação do seu sentido. Assim, as ideologias, que necessariamente acompanham o movimento histórico da formação, alimentam-se das representações produzidas pela fundação, atualizando-as para adequá-las à nova quadra histórica. É exatamente por isso que, sob novas roupagens, o mito pode repetir-se indefinidamente (CHAUÍ, 2007, p.10).

O mito fundador como parte da origem do município sob influência religiosa, especificamente, da hegemonia da Igreja católica, responsável pelo povoamento da cidade ao erguer em 1738 a primeira capela (RIOS, 1926). A prática religiosa que ocorre em território nacional da Igreja instala-se próximo aos aldeamentos de índios, criados pelos missionários nas mais diferentes regiões brasileiras principalmente no período colonial, onde originou-se muitas das cidades brasileiras (AZEVEDO, 1970). A missão dos religiosos não se restringe apenas a atuação religiosa. Mas, participam de forma efetiva da vida social e política da cidade.

Ainda se observa nos dias atuais a influência religiosa, sobretudo da igreja católica e com expressividade na vida dos moradores, seja através de festejos religiosos e de determinadas rotinas. Como relata o colaborador Leandro Costa, é comum, os moradores todas as quarta-feiras fazer burburinho pelas vias da rua da matriz em direção ao casarão de

Padre Arakém. No dia é realizada na parte superior desse prédio, uma roda de conversas sobre a cidade e seus fatos históricos importantes. Os frequentadores são jovens e idosos, que vêm nessas rodas de conversas a possibilidade de manutenção e continuidade dos valores e da história da cidade. A presença dos jovens na grande maioria é motivada por interesses acadêmicos.

O espaço recebe visitas de escolas e do público em geral, as visitas são guiadas por voluntários, que narram à história da cidade relacionando-a com o acervo que apresenta. O prédio onde o Memorial está instalado ainda mantém sua arquitetura original, com mudança apenas na estrutura interna, preservando toda a fachada, com exceção da mudança das portas que originalmente tinham detalhes de vidros coloridos e das grades de ferro colocadas nas portas e janelas. A mesma é justificada pela necessidade de uma maior segurança por parte de seus usuários.

O casarão Padre Arakén fica localizado próximo a igreja Matriz, com estilo arquitetônico do início do século XX. Segundo relato da colaboradora, Rosa Maria Braz da Silveira (D. Rosa Ramiro) “as portas do casarão do Padre Arakén eram lindas, toda de madeira, com uns vitrais coloridos, eu gostava de ficar olhando aqueles vitrais quando o sol refletia ali, a meninada toda do meu tempo (...)”. O relato da moradora revela que o prédio sofreu algumas alterações estruturais, compreendemos que a reforma tentou ao máximo não alterar a base arquitetônica nem estrutural do prédio.

Ainda observando a estrutura externa do prédio, nos deparamos com a presença de colunas em destaque nos cantos do prédio, as mesmas eram utilizadas, nas construções do século XIX e XX, como maior forma de segurança para a estrutura do prédio, devido essas colunas ficarem em destaque no prédio, as mesmas encontram-se delineadas com o intuito de dar uma maior sutileza às mesmas.

A reutilização desse espaço pela Igreja, fez com que o mesmo perdesse sua aura de residência, e torna-se um espaço de uso público. Esta reutilização do espaço por órgãos “públicos” tende normalmente a tentar preservar a estrutura arquitetônica do espaço, no entanto, ela tende a descaracterizá-lo em sua função original. Anteriormente como residência.

A utilização desse espaço pela igreja é compreendida por parte da população como forma de preservar o patrimônio, no entanto, podemos compreender essa prática como uma forma de descaracterização desses espaços pelo uso público. É interessante destacar um pouco

a história do Memorial no relato do colaborador Pe. Agnaldo, que destaca a importância do Memorial para o registro cultural de Santana do Acaraú, servindo como equipamento de estudo para alunos e pesquisadores, que encontram ali um pouco da história local, podendo ser incluído na educação básica como conteúdo em Geografia e História.

A cidade é dinâmica, mesmo em cidades pequenas, como é caso de Santana do Acaraú as mudanças estão sempre presente, seja em menor grau de intensidade, seja na velocidade dos eventos. Mas, deve-se preocupar com o que ainda se tem para preservar. Assim, é importante preservar, não somente aqueles valores imateriais, alimentado pelas lembranças de seus moradores. Como aqueles bens materiais, desse modo, buscou-se saber o que se tem, ou melhor, o que se pode hoje considerar como patrimônio arquitetônico e que guarda um valor cultural para os santanenses. Em entrevista o colaborador, Enfermeiro e Diretor do Memorial Pe. Arakén, Leandro Consta.

a cadeia publica, o mercado publico a matriz, a igreja são João, algumas casas particulares que preservam a arquitetura. Vultos literários Alcides pinto, Audifax Rios, e outros que não tem renome internacional, nem nacional o Sr. Julio farias foi vereador, um dos professores pioneiros de Santana, missionário, repentista entre os violeiros de Santana pode ser considerado o expoente. Os montes era uma família de artesã, a maneira de como tocar o sino da igreja foi guardada por eles e repassada. Eu divido esse patrimônio em: histórico, arquitetônico, cultural (musica literatura, artesanato). Santana tem uma historia ligada ao caju que foi apagada, as doceiras que na época do caju sustentavam suas famílias fazendo doces, cajuínas os vaqueiros alguns figuras temidas em Santana seu sulino, seu Severino procurado por ser o profeta da chuva. Santana rica em arte e historia (Informação Verbal, 2015).

Em entrevista o colaborador, Padre Temóteo da Silveira, relata sua experiência no tempo em que esteve como vigário de Santana do Acaraú.

No modo de entender falta não só na população de Santana mas em todos os lugares uma consciência maior no que diz respeito a necessidade de se constituir o patrimônio histórico, que engloba uma serie e outras coisas talvez por serem mais visíveis esses prédios mais embora seja visível isso se trata de um processo, é preciso começar a iniciativa tomar a iniciativa dar os passos nessa direção e isso independentemente do poder publico que deveria ser o guardião por que age em nome da sociedade com o dever de proteger e guardar todo o patrimônio em vista da memória. Como a população ver essa necessidade de preservação morei em Santana por cinco anos, existe sim muitas pessoas que tem essa consciência e não só tem, mais tem se esforçado pra da inicio ao processo nessa direção são muito nesse grupo. Quando lá chegou, talvez porque me interessei muito por historia como estou fazendo aqui, sempre me despertou o interesse porque se tratava de uma cidade antiga vinha de uma cidade enorme e ao chegar Santana me deparei com outra realidade bem diferente uma cidade antiga, uma paróquia antiga, prédio, documentos antigos e pessoas de boas memórias ainda vivas que se recordavam fatos interessantes do passado. Quando cheguei em Santana em agosto de 2003 padre Osvaldo que já estava com essa ideia de reformar o sobrado do padre Araquém e

quando chegamos tratamos de colocar no projeto o espaço pra uma espécie de memorial ali já tinha uma semente que não era só minha e do próprio padre Valdo ele já tinha esse desejo, criar uma espécie de museu, saleta para reservada porque o prédio já era prédio bicentenário a reforma era justamente resguardadas a sua fachada justamente para conservar esse patrimônio embora tenhamos feito mudanças significativas La dentro e de fato deixamos o espaço reservado pra isso e quando nós começamos a lutar para construir o memorial nós tínhamos como objetivo estabelecido dar o ponta pé inicial suscitar em toda a comunidade o processo de conscientização para a importância de guardar, resguardar sua memória representada por objetos, documentos, jornais fotos e nos fizemos isso tendo a ideia de motivar conscientizar as pessoas e com muitas surpresas muitos aderiram colaboraram então existe sim na população um grupo de pessoas que se sensibilizam para com esta realidade e que esta tentando dar passos --- que essa pesquisa é feita justamente de uma pessoa que tem essa sensibilidade de preservar esse patrimônio, assim a nível geral é como todos esses lugares não se tem ai se destrói prédios, fachadas e ai a historia vai pouco a pouco deixando pra trás seus registros (Informação Verbal, 2015).

Uma das questões no roteiro da entrevista ao Pe. Agnaldo Silveira foi quais prédios ele considerava como sendo importante para preservação, objetivando manter viva a história da cidade, a exemplo da iniciativa da Câmara de Vereadores do Município, quando aprovaram a Lei 712/2011, que trata da preservação do Sobrado Jaburu.

Aqueles que eu citei são aqueles que mais me vem a memória são aqueles que mais tem visibilidade o assim chamado jaburu na são João, outras na própria São João aquele no final que eu já falei que conserva sua fachada integral, o sobrado dos Alves, o próprio memorial o patronato, a igreja matriz , a são João, a cadeia publica seria um ótimo espaço para criar um museu na cidade, um museu no sentido mais amplo enfim.

Quando entrevistado o colaborador, Audifax Rios, foi perguntado se os santanenses tinham consciência da importância de preservar o patrimônio existente.

Tem não, e nem querem ter. A prova é que estar sendo destruído, o rico compra um casa antiga acha que é feia e faz qualquer coisa. A consciência do povo de Santana é o dinheiro o povo de Santana é muito bom, (...) ele coloca o dinheiro acima de tudo. Esses valores pra eles nunca chegou na cabeça, não aprenderam valorizar a cultura, não tem esses valores (Informação Verbal, 2015).

Percebe-se com o relato do colaborador que em parte os santanenses, no seu ponto de vista, não têm consciência da importância de se preservar o acervo patrimonial do lugar, assim fragilizando a memória local e assim de forma natural perde-se o acervo. Deixando para trás o passado, que logo mais, será esquecido, e não possibilitando às novas gerações conhecer suas origens e sua história.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como avaliar tudo que foi escrito, sem com isso, não correr o risco, de olhar para trás e perceber que ainda há muito por fazer. A reconstituição de passagens da história feita pelas marcas registradas no espaço do município de Santana do Acaraú, permitiram reconhecer como o povo santanense, ainda mantém traços marcantes na paisagem da cidade, em que os fazem herdeiros de um acervo arquitetônico que foram construídos em séculos passados, revelados no presente pelos traços de suas formas, pela composição dos materiais usados para erguê-los, pelas peças importadas ou ferramentas usadas, pela influência europeia de seus estilos e ao mesmo tempo pelos traços populares, O que não permite afirmar sua originalidade arquitetônica, nem com isso, os torna menos rico em estilo. Mas, assume um valor significativo para a cultura santanense.

É fato que não se trata só de concretos, formas e estilos arquitetônicos. Mas das relações sociais que se expressam no espaço vivido, intimamente interligada pelo modo de vida, pelos comportamentos sociais, sobretudo de cunho religioso que em nome da fé, construiu capelas, igrejas, patronato e estabeleceu crenças e rituais. Sobretudo, como um conjunto de ações sociais, políticas e econômicas (unidades produtivas: criação de gado, exploração da carnaúba etc) agindo no tempo e no espaço, tendo como certo a mudança no espaço vivido.

Assim, teve-se como propósito percorrer, através de uma fenomenologia da memória, a história do lugar, sendo reconstituída pelas pessoas da cidade, pelos fatos vividos ou estudados, guardados na memória ou revividos pelos objetos (cartas, fotos, jornais, livros, atas, convites etc) que permitiram retornar ao passado, das lembranças contadas por outras pessoas e daquilo que ainda se valoriza no presente. As lembranças como fruto daquilo que carrega uma herança e que se materializa, daquilo que deixou vestígios ou pistas do passado. E assim, foi possível conversar, entrevistar, consultar todos aqueles que ajudassem a reunir uma história do espaço vivido dos grupos sociais, a ponto de construir uma memória coletiva numa perspectiva da:

(...) fenomenologia tem como preocupação a descrição da realidade, coloca no centro de sua reflexão o próprio ser humano, descrevendo “o que se passa” efetivamente do ponto de vista daquele que vive uma determinada situação concreta (ARANHA; MARTINS apud HEERDT, 2005, p. 123)

A experiência como meio de descrever a realidade e pensar as situações concretas através de uma intencionalidade. Assim conforme Bosi (1994, p.51) em consonância com Bergson explica que “o passado se conserva inteiro e independente do espírito, e que seu modo próprio de existência é um modo inconsciente”. O modo inconsciente que se conserva inteiro seja na memória ou seja nos registros.

O documento, pois, não é mais, para a história, essa matéria inerte através da qual ela tenta reconstituir o que os homens fizeram ou disseram, o que é passado e o que deixa apenas rastros: ela procura definir, no próprio tecido documental, unidades, conjuntos, séries, relações. É preciso desligar a história da imagem com que ela se deleitou [...]. (p. FOUCAULT, 2007, p. 07)

Desse modo, os documentos foram examinados como um tecido documental que expressam relações, alguns até como unidade. Mas, na verdade, são conjuntos de ações construídas pelas vivências e as experiências como relatado no Livro de Tombo 1 “*Ad Perpetuam rei Memoriam*”, ao descrever notícias da origem, fundação, e edificação da igreja de Sant’Anna, fases que tem passado e narrativa dos sucessos mais notáveis, do período de 1738 a 1879. Em destaque também o documento registrado como “O Município de Sant’Anna” de 1926, que reúne textos de um jornal que circulou no período de 1608 a 1738. Na verdade, são partes incompletas datilografadas por iniciativa própria de um santanense, onde contém traços do modo de vida do período citado. Apesar de serem fatos, que não estão em séries, mas se constituem como fragmentos do tempo que relatam experiências.

A pesquisa possibilitou sim analisar o Patrimônio Arquitetônico da cidade de Santana do Acaraú, ainda que circunscrita a uma área limite, como o bairro Centro, onde foi possível verificar nas edificações como casas e praças e como uma simbologia do período de formação da cidade diretamente relacionada ao conjunto de ações possibilitadas pelo espaço vivido.

Desse modo, a base conceitual permitiu interpretar o lugar usando como conceito chave a compreensão do espaço vivido como aquele que é fruto da experiência e relacionados ao conceito de lugar, visto como os laços afetivos que são construídos com as pessoas no espaço conferindo-lhe uma identidade. E outro conceito que ajudou em nossa discussão foi à memória pensada como forma de conservar o passado e diferente da memória o conceito de lembrança como a sobrevivência do passado presente em registros ou objetos deixados.

Assim, compreendeu-se a relação da identidade que os habitantes mantêm com os espaços da cidade, o que tornou relevante nessa pesquisa foi exatamente perceber que as pessoas de forma, ainda superficial, sabem a importância do acervo histórico e cultural que a cidade tem. Contudo, desconhecem os meios para preservá-lo, isso ficou muito claro em algumas narrativas dos colaboradores da pesquisa.

Apesar de a legislação brasileira ter avançado muito nos últimos anos, ao criar uma série de dispositivos legais (leis, decretos, portarias, instituições, secretarias municipais) que orientam e legitimam a ação civil e o governo local, ainda assim, pode-se afirmar que esta ação, em termos de abrangência é muito restrita, sendo mais efetiva nas capitais dos Estados e em cidades com maior relevância econômica no Brasil e em menor escala nas cidades pequenas do interior dos Estados.

É notável também os debates e encaminhamentos advindos dos fóruns e/ou eventos nacionais e internacionais que estão mais limitados à Europa, berço das primeiras discussões e iniciativas de tombamentos (preservação) , sendo que a cada dia, cria-se novas abordagens ou se amplia a compreensão de Patrimônio Histórico e Cultural, ganhando assim, novos enfoques e assumindo semânticas diferenciadas: Patrimônio, Patrimônio Histórico, Patrimônio Cultural, Patrimônio Imaterial e Material, Patrimônio Natural (...) Enfim, preservar, no sentido mais amplo, tudo aquilo produzido pela natureza humana e pela própria natureza. E vistos como forma de manter viva nossa cultura e nosso ambiente.

Desejou-se, imensamente, contribuir com análise do patrimônio arquitetônico de Santana do Acaraú, de dar visibilidade através das pessoas do rico acervo do município e sobretudo, pensá-lo como parte da identidade santanense e manter viva a história local. Ressaltar que as políticas de preservação aos equipamentos que se considerou como patrimônio, não estão protegidos e que esta ação é muito tímida. Embora, a população santanense tenha reagido de forma insatisfatória às transformações e construções arquitetônicas modernas, que ocorre na cidade, não se tem ações concretas que venha barrar esses atos.

Mas, a cidade não pára, ou melhor, na voz do poeta: o tempo não pára! E nos faz levantar a questão novamente: Qual a importância da preservação das edificações antigas, vistas como patrimônio, frente ao modernismo das novas construções na cidade de Santana do Acaraú? Primeiro deve-se pensar que “todo conhecimento é resposta a uma pergunta. Se não há pergunta, não pode haver conhecimento científico” (BACHELARD, 1999, p.07).

É interessante destacar que a pesquisa nasceu da necessidade de preservar os sentimentos de pertencimento dos habitantes da cidade vinculados às suas edificações arquitetônicas históricas. Então, em resposta buscou-se construir uma memória coletiva do lugar através dos objetos herdados, das edificações presentes na paisagem que lhes confere identidade com e/ou no lugar. Preservar os casarões, praças, igrejas e a cadeia são meios de manter viva a identidade dos santanenses, de permitir saber suas origens, de se reconhecer na história do lugar. No obstante, os lugares também estão sujeitos à dinâmica, às trocas de experiências, os novos valores, pessoas de outros lugares e assim, à cidade continuará a construir novas realidades, sem que com isso, tenha que destruir totalmente seu passado, sua história, seus laços afetivos construídos no lugar.

A pesquisa possibilitou amadurecer uma fundamentação conceitual do patrimônio da cidade de Santana do Acaraú e a associar diretamente a minha oportuna experiência como Secretário de Educação do Município de Santana do Acaraú (1994), como Gerente Regional do Vale do Acaraú, cargo este vinculado a Secretaria do Estado do Ceará (2005), como Secretário de Cultura, Turismo, Desporto e Juventude do município de Santana do Acaraú (2009), como Pró-reitor adjunto de Cultura da Universidade Estadual do Vale do Acaraú (2011) e novamente como Secretário de Educação do Município de Santana do Acaraú (2010) e agora, como Assessor Técnico do Gabinete do Prefeito (2017). Estas experiências permitem-me listar nas Considerações Finais da pesquisa os obstáculos a serem superados para a efetiva preservação do Patrimônio Histórico da cidade de Santana do Acaraú, do qual sou filho e faço parte de sua história e desejo construir novas possibilidades de ações concretas em defesa do reconhecimento patrimonial local, assim, destaco:

1. A falta de uma política de financiamento ou verbas para o poder público para adquirir os imóveis considerados importantes para serem tombados;
2. A falta de especialistas para restauração de prédios ou casas que estão sendo deteriorados, seja pela ação do tempo, seja pelas reformas que descaracterizam sua originalidade;
3. A falta de delimitar na cidade uma área de preservação, pelo fato dos prédios e casas mais antigos ficarem situados no centro da cidade, eles estão mais sujeitos a pressão imobiliária e as novas ocupações arquitetônicas;

4. Ausência de políticas de incentivo a educação patrimonial, tanto formal (educação básica) como informal (igrejas, associações, sindicatos);
5. A falta de projetos de pesquisas para a preservação dos equipamentos urbanos como as praças, casarões e prédios públicos históricos.

REFERÊNCIAS

ABREU, Regina; CHAGAS, Mário (org.). **Memória e patrimônio**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2009.

ARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. 14 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

ARANTES, Otília B. Fiori. **Cultura e transformação urbana** In: PALLAMIN, Vera M. Cidade e Cultura, esfera pública e transformação urbana. São Paulo: Estação Liberdade, 2002.

ARAÚJO, F. Sadoc de. **Ceará: Homens e Livros**: estudos críticos de biobibliográfica. Fortaleza: Gráfica Editorial Cearense, 1981.

_____. **Raízes portuguesas do Vale do Acaraú**. 2ª Ed., Sobral: Edições UVA, 2000.

_____. **Origem da cultura sobralense**. Sobral: Imprensa universitária - UVA, 1978: Universidade Vale do Acaraú, 2011.

_____. **História da literatura em Sobral – Tomo I** – Sobral: Universidade Vale do Acaraú, 2011.

_____. **Cronologia sobralense. Volume II 1801 – 1840**. Sobral: imprensa Universitária – Fundação Vale do Acaraú – UVA, 1979.

_____. **Cronologia sobralense. Volume III 1841 – 1880**. Sobral: imprensa Universitária – Fundação Vale do Acaraú – UVA, 1983.

_____. **Cronologia sobralense. Volume IV 1881 – 1910**. Sobral: imprensa Universitária – Fundação Vale do Acaraú – UVA, 1985.

_____. **Cronologia sobralense. Volume V 1911 – 1950**. Sobral: imprensa Universitária – Fundação Vale do Acaraú – UVA, 1990.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 14724: **Informação e documentação — Trabalhos acadêmicos — Apresentação**. Rio de Janeiro, 2011.

BAUMAN, Zigmunt. **Identidade**. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 2005.

AZEVEDO, Aroldo de. **Geografia do Brasil: bases físicas, vida humana e vida econômica**. (2ª ed.) São Paulo: Companhia editorial nacional, 1970, 325p.

BACHELARD, G. (1957). **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

BELLO, Angela Ales. **A fenomenologia do ser humano**. Bauru, SP: EDUSC, 2000.

BETTANINI, Tonino. **Espaços e ciências humanas**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982. (Coleção Geografia e sociedade; v.2).

BENJAMIN, Walter. Obras escolhidas. Vol. 1. **Magia, arte e política**. São Paulo: brasiliense, 1987.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Lisboa: DIFEL, 1989.

BORGES, Luiz C. prefácio a primeira edição. In: GONDIM, Linda m. P. **Uma dama da Belle Epoque de Fortaleza**: Maria de Lourdes H. Gondim: ensaios sobre imaginário, memória e cultura urbana. 1ª edição. Fortaleza: Gráfica LCR, 2001.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: lembranças de velhos**. 3ª Ed. São Paulo: Companhia das letras, 1994.

BRANDÃO, Maria (org.). **Milton Santos e o Brasil: Território, lugares e saber**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

BRASIL, Lei nº 12.343, de 2 de dezembro de 2010.

CASTELLS, Manuel. Nosso mundo, nossa vida; **Paraísos Comuns: identidades e significados na sociedade em rede** In O poder da identidade. (K. B. Gerhardt, trad. vol. II, 6ª ed.) São Paulo: Paz e Terra, 2008.

CASTRO, Iná Elias; GOMES, Paulo C. da Costa & CORRÊA, Roberto Lobato. **Geografia: Conceitos e Temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

CEARÁ. Aspectos: Revista do Conselho Estadual da Cultura e do Conselho Estadual de Preservação do Patrimônio Cultural do Estado do Ceará. – Fortaleza: SECULT, 2006. V. 25.

COSTA, Leandro. **Algumas considerações históricas sobre o vale do rio Acaraú interessantes à história de Santana do Acaraú**. 2001.

CISNE NETO, José Joaquim. **A Santana do Acaraú: história e berço da família**. s.n.t.

CALVINO, Ítalo. **Cidades Invisíveis**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CARLOS, Ana Fani. **A cidade**. - 8ª Ed. – 1ª reimp. São Paulo: Contexto, 2007.

CHAGAS, Mário. **Memória e Patrimônio**: ensaios contemporâneos. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

CHAUÍ, Marilena. Brasil. **Mito fundador e sociedade autoritária**. 7ª. ed. SP Fundação Perseu Abramo, 2007.

CHOAY, Françoise. **A alegoria do patrimônio**. Trad. De Luciano Vieira Machado. 3ª ed. – São Paulo: Estação Liberdade: UNESP, 2006.

COSTA, Lustosa da. **Sobral que não esqueço**. Fortaleza: Expressão Gráfica Editora, 2010.

CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. **Geografia cultural: um século**. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2002.

CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. **Matrizes da Geografia cultural**. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2001.

CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. **Introdução à Geografia cultural**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

CLAVAL, Paul. **A geografia cultural**. 3ª. ed. Florianópolis, editora da UFSC, 2007.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo** (1968)/Comentários sobre a sociedade do espetáculo (1988). Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

FELDHAUS, Fabiano. **Territorialidade do sagrado na região do contestado**. Disponível em <http://www.geografia.ufpr.br/neer/NEER-1/comunicacoes/fabiano-feldhaus.pdf>. Acesso em 15 de Outubro de 2009.

FENELON, Déa Ribeiro. **Cidades: Pesquisa em história**. São Paulo: Publicação do programa de Estudos dos Pós Graduados em História da PUC/SP, 1999.

FONSECA, Maria Cecília Londres. **O patrimônio em processo: trajetória da política federal de preservação no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora UFMG; MinC-Iphan, 1997.

_____. **Para além da pedra e cal**: por uma concepção ampla de Patrimônio Cultural. In: ABREU, Regina & CHAGAS, Mário (org). **Memória e Patrimônio: ensaios contemporâneos**. Rio de Janeiro: DP & A, 2003, p.57-80.

FONT, J.N.; RUFI, J.V. **Geopolítica, identidade e globalização**. São Paulo: Annablume, 2006.

FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do Saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

FROTA, D. José Tupinambá da. **História de Sobral**. 3ª Ed. Fortaleza: Editora Henriqueta Galeno, 1995.

FUNARI, Paulo Pedro. PELEGRINI, Sandra C. A. **Patrimônio histórico e cultural**. - 2ª Ed. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro, Ed. Guanabara, 1989.

GIRÃO, Raimundo. **Geografia estética de Fortaleza**. Fortaleza: Casa José de Alencar, 1997.

GOFF, Jacques Le. **Por amor às cidades**. Conversações com Jean Lebrun. SP. UNESP, 1998.

HAESBAERT, Rogério. **Territórios Alternativos**. (2ª ed.). São Paulo: Contexto, 2006.

_____, Rogério. **Des-territorialização e identidade: a Rede “Gaucha” no nordeste**. Niterói – RJ: Editora da Universidade Federal Fluminense, 1997.

HAESBAERT, Rogério; PORTO-GONÇALVES, C.Walter. **A nova des-ordem mundial**. São Paulo: Editora UNESP, 2006.

HARVEY, David. **A produção capitalista do espaço**. São Paulo: Annablume, 2005.

_____, David. **O Novo Imperialismo**. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

_____, David. **Espaços de Esperança**. (2ª ed.). Edições Loyola, 2006.

_____, David. **Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as Origens da Mudança Cultural**. 4ª ed. Edições Loyola, 1993.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e Tempo**. Petrópolis: Vozes, 2002, pp. 49-50.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Síntese de Indicadores Sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira - 2010**. Disponível em: http://www.ibge.gov.br/home/mapa_site/mapa_site.php#indicadores. Acesso em: 14 de fevereiro de 2012.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Disponível em: <http://cidadesat/topwindow.htm?1>. Acesso em 23 de Março, 2010.

IPEA. INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. Disponível em: http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/comunicado/081014_comunicadoipea12.pdf. Acesso em 16 de Agosto, 2011.

IPECE. PESQUISAS E ESTRATÉGIA ECONÔMICA DO ESTADO DO CEARÁ. **Santana do Acaraú. Perfil básico municipal.** Disponível em: http://www.ipece.ce.gov.br/publicacoes/perfil_basico/pbm2009/Santana%20do%20Acarau%20Br_office.pdf. Acesso em: 30 de Abril de 2012.

JACOBS, Jane. **Morte e vida de cidades grandes.** Trad. Carlos S. Mendes Rosa. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

KOWARICK, L. **As lutas sociais e a cidade.** São Paulo: passado e presente. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1988.

LARAIA, Roque de Barros. **CULTURA: um conceito antropológico.** 14 ed. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 2001.

LEFEBVRE, H. **A cidade do Capital.** Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

LENCIONE, Sandra. **Região e Geografia.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1999.

LE MOS, Carlos A. C. **O que é o patrimônio.** Coleção Primeiros Passos, nº51, São Paulo: Editora Brasiliense, 1981.

LE GOFF, Jacques. **Por amor às cidades: conversações com Jean Lebrun.** Trad. Reginaldo Carmello C. de Moraes. São Paulo: Editora UNESP, 1998.

LEITE, Adriana Filgueira. **O Lugar: Duas Acepções Geográficas.** Anuário do Instituto de Geociências - UFRJ Volume 21 / 1998. Disponível em:

http://www.anuario.igeo.ufrj.br/anuario_1998/vol21_09_20.pdf. Acesso em: 12 de Janeiro de 2012.

MELLO, J. B. F. 1990. **Geografia Humanística: a perspectiva da experiência vivida e uma crítica radical ao positivismo**. *R. Bras. Geog.*, 52 (4): 91-115.

MENEZES, Antônio Bezerra. **Notas de Viagem**. Imprensa Universitária do Ceará, Fortaleza – CE, 1965.

MENEZES, Ulpiano Bezerra de. O patrimônio cultural entre o público e o privado. IN: **O direito a memória: patrimônio histórico e cidadania**. São Paulo: Departamento do patrimônio histórico, Secretaria Municipal da Cultura, 1992.

MONTE-MÓR, Roberto L. de Melo. **O que é o urbano, no mundo contemporâneo**. Belo Horizonte: UFMG/Cedeplar, 2006.

MOTA, Lia; SILVA, Maria B. R. (org.). **Inventários de identificação**. IPHAN – Instituto do patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Brasília/DF: Edições do Patrimônio, 1998.

MUNFORD, Lewis. **A cidade na história: suas origens, transformações e perspectivas**. Martins Fontes, São Paulo, 1998.

NORA, P. **Entre memória e História: a problemática dos lugares**. IN: Projeto História 10. São Paulo: Edusc, 1993.

OLIVEIRA, Rafael da Silva. **Ribeirinha ou beira-rio? A dinâmica das relações cidade-rio a partir das transformações na organização espacial da cidade de Boa Vista/RR** In COSTA, E. Batista; OLIVEIRA, Rafael da Silva. *As cidades entre o real e o imaginário*. (organizadores) – 1ª Ed. – São Paulo: Expressão Popular, 2011.

ORTEGA Y GASSET, J. **A rebelião das massas**. Ed. Rio de Janeiro, 1971.

PALLAMIN, Vera M. **Cidade e Cultura, esfera pública e transformação urbana**. São Paulo: Estação Liberdade, 2002.

PAOLI, Maria Célia. **Memória, história e cidadania: o direito ao passado.** In: DPH. O direito à memória: patrimônio histórico e cidadania. São Paulo: DPH, 1992.

PAIVA, Olga Gomes de. **Sobral: patrimônio de todos: roteiro para a preservação do Patrimônio Cultural.** Fortaleza: IPHAN, 1999.

PELEGRINI, Sandra C. A. **Patrimônio cultural: consciência e preservação.** São Paulo: Brasiliense, 2009.

PINTO, José Alcides. **Os Verdes abutres da Colina.** Fortaleza, s/e, 1974.

PRADO Jr., Caio. **Formação do Brasil Contemporâneo.** São Paulo, Editora Brasiliense, 23ª edição, 1994.

REIS FILHO, Nestor Goulart. **A urbanização e o urbanismo na região das Minas.** São Paulo: FAU/USP, 1999.

RELPH, E. C. **As Bases Fenomenológicas da Geografia.** *Geografia*, 4 (7): 1-25, 1979 in LEITE, Adriana Filgueira. O Lugar: Duas Acepções Geográficas. Anuário do Instituto de Geociências - UFRJ Volume 21 / 1998. Disponível em: http://www.anuario.igeo.ufrj.br/anuario_1998/vol21_09_20.pdf. Acesso em: 12 de Janeiro de 2012.

RIOS, Audifax. **Gentes da Licânia.** Santana do Acaraú: Edições Ocupar, 1989.

_____. **O Município de Sant'Anna.** Sobral-Ce. Papelaria e typographia” Correio da Semana”, 1926.

_____. **Migalhas para as serpentes.** Fortaleza: Edições Livro Técnico, 2005.

ROCA, Zoran. **Desenvolvimento e Identidade Territorial.** Disponível em <http://tercud.ulusofona.pt/Outros/IdenTerritorialPT.htm>. Acesso em 18 de Maio de 2010.

ROCA, Zoran; OLIVEIRA, José; LEITÃO, Nuno. (2008). **Desenvolvimento territorial entre a toponímia e a terrafilia: das palavras aos actos**. Disponível em: <http://tercud.ulusoфона.pt/Publicacoes/2008/Desenvolvimento%20territorial%20entre%20atopofilia%20>. Acesso em 15 de Novembro de 2009.

ROSA, Aline Mesquita Martins. **Um estudo da memória urbana de Fortaleza através da memória de moradores antigos do Centro de volta ao Centro**. Fortaleza, 2009. 105 p. Trabalho de conclusão de Mestrado de História e Culturas – Universidade Estadual Vale do Acaraú - UECE.

SANTANA DO ACARAÚ. **O Município de Sant'Anna**. Papelaria e Tipografia Correio da Semana, Sobral/CE, 1926.

SANTANA DO ACARAÚ. **Livro de Tombo da Paróquia de Santana do Acaraú**, 1879.

SANTANA DO ACARAÚ. **O que realizamos em 1993 e 1994**. Santana do Acaraú – Administração Municipal, 1994.

SANTOS, Milton. **Espaço e método**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

_____. **Por uma outra globalização**. Do pensamento único à consciência universal. 13ª. RJ. SP. Record. 2006.

_____. **A natureza do espaço: técnica e tempo. Razão e Emoção**. São Paulo: HUCITEC, 1996.

_____. **Da totalidade ao lugar**. (1ª ed., 1ª reimpressão). São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

SANTOS, Carlos. **A cidade como um jogo de cartas**. Rio de Janeiro: Edueff; São Paulo: Projeto Editores, 1998.

SASKIA, Sassen. **As cidades na economia mundial**. São Paulo: Nobel, 1998.

SCARLATO, F. C. (org) **Globalização e espaço latino – americano**. 3ª ed. São Paulo. Hucitec- Anpur, 1997.

_____. Francisco Capuano. Ouro Preto. **Cidade histórica da mineração no sertão brasileiro** in Anales de Geografia de La Universidad Complutense. Nº 16, 1996.

SCHMIDT, Benício R. e FAUCETT, Fausto. **A Questão Urbana**. Rio de Janeiro, J. Zahar, 1986.

SEBALD, Winfried Georg. **Os emigrantes**. 1ª edição. São Paulo: Record, 20002.

SOBRAL. **Sobral: Patrimônio Nacional**. Sobral/CE: Prefeitura Municipal de Sobral, 2000.

SOUSA, Simone de. **Uma nova história do Ceará**. (org.). Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2000.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado**. 1992, p.22.

SOUSA, Marcelo Lopes de. **O desafio Metropolitano: um estudo sobre a problemática Sócio-espacial nas Metrôpoles Brasileiras**. (2ª ed.). Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

SOUZA, Maria Adélia Aparecida de. **A identidade da metrópole. O Processo de Verticalização em São Paulo**. São Paulo. HUCITEC, 1994.

THÉBERGE, Pedro. **Esboço Histórico sobre a Província do Ceará**. Revista do Instituto Histórico, Geográfico e Antropológico do Ceará. Fortaleza, 1971.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência**. São Paulo: DIFEL, 1983.

_____. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. (L. de Oliveira). São Paulo: Difel, 1980.

WILLEKE, Frei Venâncio; **Franciscanos na história do Brasil**. Petrópolis, Ed. Vozes, 1977.

VERAS, Antonio T. de Rezende. **A criação do estado de Roraima e sua importância na dinâmica da cidade de Boa Vista** In COSTA, E. Batista; OLIVEIRA, Rafael da Silva. As cidades entre o real e o imaginário. (organizadores) – 1ª Ed. – São Paulo: Expressão Popular, 2011.

VEIGA, José Eli da. **Nem tudo é urbano**. Revista Ciência e Cultura, ano 56, N. 2, abr. –jun. 2004.

VICENTINI, Yara. **Teorias da cidade e as reformas urbanas contemporâneas**. Disponível em: <http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/made/article/viewArticle/3026>. Acesso em: 12 de Janeiro de 2012.

XAVIER, Libânea Nacif. **Retrato de corpo inteiro do Brasil: a cultura brasileira por Fernando de Azevedo**. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-25551998000100005&script=sci_arttext. Acesso em 22 de Maio de 2012.

ANEXO

ANEXO I

AUTORIZAÇÃO DE ENTREVISTA

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE GEOGRAFIA HUMANA
TERMO DE AUTORIZAÇÃO DA ENTREVISTA

O projeto de pesquisa intitulado Santana do Acaraú patrimônio e identidade social, sob a responsabilidade do autor da pesquisa: Antonio Marcielyo Fonteles Vital, consiste em analisar o Patrimônio Arquitetônico da cidade de Santana do Acaraú – CE, através da compreensão do espaço vivido e alimentado pela memória e lembranças dos habitantes do lugar.

Através da história oral dos moradores da cidade de Santana do Acaraú pretende-se colher, por meio de entrevista, preciosos relatos consubstanciados nas vivências e experiências diretas ou indiretas que hão de, no momento, estruturar a base informativa deste projeto, e se prestar, no futuro, para o fortalecimento e maior expressão do acervo arquitetônico da cidade. Assim, o entrevistado terá sua fala gravada em meio digital sonoro e após a gravação, será transcrita e usada como texto na íntegra, considerado como parte da análise da pesquisa. Entende-se o entrevistado como colaborador da pesquisa o que implica em sua participação conveniada ao relatar sobre o patrimônio da cidade e pelo respeito à qualidade do conteúdo vivo do entrevistado.

Quanto ao uso da fala gravada, em forma de entrevista, com roteiro estabelecido ou em narrativa livre, usada no corpo do texto da pesquisa, optou-se pela identificação do entrevistado, com nome completo, idade e profissão do colaborador entrevistado.

Colaborador Entrevistado da Pesquisa

Nome: João de Holanda Pereira

Profissão: Professor Universitário Idade: _____

Li, e concordo com a gravação em meio digital para uso de domínio público da pesquisa de pós-graduação em Geografia Humana (USP).

Santana do Acaraú, _____ / _____ / 2015.

João de Holanda Pereira

Assinatura

ANEXO II

AUTORIZAÇÃO DE ENTREVISTA

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

PROGRAMA DE GEOGRAFIA HUMANA

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DA ENTREVISTA

O projeto de pesquisa intitulado Santana do Acaráu patrinônio e identidade social, sob a responsabilidade do autor da pesquisa: Antonio Marcielyo Fonteles Vital, consiste em analisar o Patrinônio Arquitetônico da cidade de Santana do Acaráu – CE, através da compreensão do espaço vivido e alimentado pela memória e lembranças dos habitantes do lugar.

Através da história oral dos moradores da cidade de Santana do Acaráu pretende-se colher, por meio de entrevista, preciosos relatos consubstanciados nas vivências e experiências diretas ou indiretas que irão de, no momento, estruturar a base informativa deste projeto, e se prestar, no futuro, para o fortalecimento e maior expressão do acervo arquitetônico da cidade. Assim, o entrevistado terá sua fala gravada em meio digital sonoro e após a gravação, será transcrita e usada como texto na íntegra, considerado como parte da análise da pesquisa. Entende-se o entrevistado como colaborador da pesquisa o que implica em sua participação consentida ao relatar sobre o patrinônio da cidade e pelo respeito à qualidade do conteúdo vivo do entrevistado.

Quanto ao uso da fala gravada, em forma de entrevista, com roteiro estabelecido ou em narrativa livre, usada no corpo do texto da pesquisa, optou-se pela identificação do entrevistado, com nome completo, idade e profissão do colaborador entrevistado.

Colaborador Entrevistado da Pesquisa

Nome: Francisco Leandro Costa
Profissão: Enfermeiro Idade: 31

Li, e concordo com a gravação em meio digital para uso de domínio público da pesquisa de pós-graduação em Geografia Humana (USP).

Santana do Acaráu 27 / 04 / 2018

Francisco Leandro Costa

Assinatura

ANEXO III

AUTORIZAÇÃO DE ENTREVISTA

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

PROGRAMA DE GEOGRAFIA HUMANA

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DA ENTREVISTA

O projeto de pesquisa intitulado Santana do Acaraú patrimônio e identidade social, sob a responsabilidade do autor da pesquisa: Antonio Marcielyo Fonteles Vital, consiste em analisar o Patrimônio Arquitetônico da cidade de Santana do Acaraú – CE, através da compreensão do espaço vivido e alimentado pela memória e lembranças dos habitantes do lugar.

Através da história oral dos moradores da cidade de Santana do Acaraú pretende-se colher, por meio de entrevista, preciosos relatos consubstanciados nas vivências e experiências diretas ou indiretas que irão de, no momento, estruturar a base informativa deste projeto, e se prestar, no futuro, para o fortalecimento e maior expressão do acervo arquitetônico da cidade. Assim, o entrevistado terá sua fala gravada em meio digital sonoro e após a gravação, será transcrita e usada como texto na íntegra, considerado como parte da análise da pesquisa. Entende-se o entrevistado como colaborador da pesquisa o que implica em sua participação consentida ao relatar sobre o patrimônio da cidade e pelo respeito à qualidade do contato vivo do entrevistado.

Quanto ao uso da fala gravada, em forma de entrevista, com roteiro estabelecido ou em narrativa livre, usada no corpo do texto da pesquisa, optou-se pela identificação do entrevistado, com nome completo, idade e profissão do colaborador entrevistado.

Colaborador Entrevistado da Pesquisa

Nome: ANTONIO MARCIELYO FONTELES VITAL

Profissão: - SACERDOTE católico Idade: 34

Li, e concordo com a gravação em meio digital para uso de domínio público da pesquisa de pós-graduação em Geografia Humana (USP).

Santana do Acaraú 24 / 04 /2015.

Assinatura

ANEXO IV

AUTORIZAÇÃO DE ENTREVISTA

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

PROGRAMA DE GEOGRAFIA HUMANA

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DA ENTREVISTA

O projeto de pesquisa intitulado Santana do Acaraú patrimônio e identidade social, sob a responsabilidade do autor da pesquisa: Antonio Marcielyo Fonteles Vital, consiste em analisar o Patrimônio Arquitetônico da cidade de Santana do Acaraú - CE, através da compreensão do espaço vivido e alimentado pela memória e lembranças dos habitantes do lugar.

Através da história oral dos moradores da cidade de Santana do Acaraú pretende-se colher, por meio de entrevista, preciosos relatos consubstanciados nas vivências e experiências diretas ou indiretas que irão de, no momento, estruturar a base informativa deste projeto, e se prestar, no futuro, para o fortalecimento e maior expressão do acervo arquitetônico da cidade. Assim, o entrevistado terá sua fala gravada em meio digital sonoro e após a gravação, será transcrita e usada como texto na íntegra, considerado como parte da análise da pesquisa. Entende-se o entrevistado como colaborador da pesquisa o que implica em sua participação conveniada ao relatar sobre o patrimônio da cidade e pelo respeito à qualidade do conteúdo vivo do entrevistado.

Quanto ao uso da fala gravada, em forma de entrevista, com roteiro estabelecido ou em narrativa livre, usada no corpo do texto da pesquisa, optou-se pela identificação do entrevistado, com nome completo, idade e profissão do colaborador entrevistado.

Colaborador Entrevistado da Pesquisa

Nome: AUDIFAX RIOS

Profissão: artista plástico Idade: 66

Li, e concordo com a gravação em meio digital para uso de domínio público da pesquisa de pós-graduação em Geografia Humana (USP).

Santana do Acaraú 08 / maio / 2015.

Assinatura

ANEXO V

AUTORIZAÇÃO DE ENTREVISTA

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

PROGRAMA DE GEOGRAFIA HUMANA

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DA ENTREVISTA

O projeto de pesquisa intitulado Santana do Acará: patrimônio e identidade social, sob a responsabilidade do autor da pesquisa: Antonio Marcielyo Fonteles Vital, consiste em analisar o Patrimônio Arquitetônico da cidade de Santana do Acará – CE, através da compreensão do espaço vivido e alimentado pela memória e lembranças dos habitantes do lugar.

Através da história oral dos moradores da cidade de Santana do Acará, pretende-se colher, por meio de entrevista, preciosos relatos consubstanciados nas vivências e experiências diretas ou indiretas que irão de, no momento, estruturar a base informativa deste projeto, e se prestar, no futuro, para o fortalecimento e maior expressão do acervo arquitetônico da cidade. Assim, o entrevistado terá sua fala gravada em meio digital sonoro e após a gravação, será transcrita e usada como texto na íntegra, considerado como parte da análise da pesquisa. Entende-se o entrevistado como colaborador da pesquisa o que implica em sua participação consentida ao relatar sobre o patrimônio da cidade e pelo respeito à qualidade do contato vivo do entrevistado.

Quanto ao uso da fala gravada, em forma de entrevista, com roteiro estabelecido ou em narrativa livre, usada no corpo do texto da pesquisa, optou-se pela identificação do entrevistado, com nome completo, idade e profissão do colaborador entrevistado.

Colaborador Entrevistado da Pesquisa

Nome:

Profissão:

Idade:

Li, e concordo com a gravação em meio digital para uso de domínio público da pesquisa de pós-graduação em Geografia Humana (USP).

Santana do Acará 04 de maio 2016

Assinatura

ANEXO VI

LEI DE INCLUSÃO DO PREDIO JABURU NO PATRIMÔNIO HISTÓRICO DE SANTANA DO ACARAÚ

Prefeitura Municipal de Santana do Acaraú

Av. São João, 75 - CEP: 62.150-000

CNPJ: 07.598.659/0001-30

CGF: 06.920.260-9

LEI Nº 712/2011, Santana do Acaraú, 08 de fevereiro de 2011.

Dispõe sobre a inclusão do prédio do Sobrado Jaburu no Patrimônio Histórico e Cultural de Santana do Acaraú e dá outras providências.

O PREFEITO MUNICIPAL DE SANTANA DO ACARAÚ,

FAÇO SABER QUE A CÂMARA MUNICIPAL DE SANTANA DO ACARAÚ APROVOU E EU SANCIONO A SEGUINTE LEI:

Art. 1º. Fica, doravante, pertencente ao Patrimônio Histórico e Cultural de Santana do Acaraú, o prédio do Sobrado Jaburu, localizado na sede deste município.

Art. 2º. O prédio a que se refere o artigo anterior corresponde à toda a sua integridade, em todo o seu perímetro, na forma que nesta data se encontra.

Art. 3º. Toda e qualquer obra que importe em sua modificação, em sua integralidade, originalidade, aparência ou substância deve, obrigatoriamente, ser precedido de estudo prévio realizado por órgão competente e devidamente autorizado por este Poder Legislativo Municipal.

Art. 4º. Esta Lei entrará em vigor na data de sua publicação.

PAÇO DA PREFEITURA MUNICIPAL DE SANTANA DO ACARAÚ, aos oito dias do mês de fevereiro de 2011.

JOSÉ MARIA SABINO
Prefeito Municipal